

Déborah Magalhães de Barros
Gian Luigi De Rosa
Vânia Cristina Casseb-Galvão
[Org.]

Português em contexto italiano

História, instrumentalização,
análise e promoção



**EDITORA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS**

Presidente

Rafael Gonçalves Santana Borges (Reitor)

Vice-Presidente

Everton Tizo Pedroso
(Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral

Elisabete Tomomi Kowata

Revisão Técnica

Danila Laiana da Silva Mello
Thalita Gabriele Lacerda Ribeiro

Revisão Linguística

Déborah Magalhães de Barros
Vânia Cristina Casseb-Galvão

Capa e Projeto Gráfico

Adriana da Costa Almeida

Conselho Editorial

Carla Conti de Freitas (UEG)
Elizete Beatriz Azambuja (UEG)
Francisco Ramos de Melo (UEG)
Glauber Lopes Xavier (UEG)
Joana D'arc Bardella Castro (UEG)
Joelma Abadia Marciano de Paula (UEG)
Léo Carrer Nogueira (UEG)
Luciana de S. Ondeí (UEG)
Luciana Rebelo Guilherme (UEG)
Maria Aurora Neta (UEG)
Murilo Mendonça Oliveira de Souza (UEG)
Simone de Magalhães Vieira Barcelos (UEG)
Thatiana Salgado (UEG)
Vanessa Cristiane S. Amaral (UEG)
Vandervilson Alves Carneiro (UEG)

Déborah Magalhães de Barros
Gian Luigi De Rosa
Vânia Cristina Casseb-Galvão
[Org.]

Português em contexto italiano

História, instrumentalização,
análise e promoção



ANÁPOLIS | 2019

© Editora UEG – 2019
© Autoras e autores – 2019

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei no 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto no 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

Catálogo na Fonte
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Universidade Estadual de Goiás

P839 Português em contexto italiano: história, instrumentalização,
análise e promoção / Déborah Magalhães de Barros, Gian Luigi De
Rosa, Vânia Cristina Casseb-Galvão (Orgs.). Anápolis: Editora UEG,
2019.

186 p.

ISBN: 978-85-5582-064-9 (E-book)

CDU: 37.0

Elaborada por: Ceila da Silva Rodrigues. CRB1/2218

Esta obra é em formato de e-Book. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as
ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade do autor.



Editora filiada a ABEU

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

BR-153 – Quadra Área – CEP 75.132-903 – Fone: (62) 3328-1181 – Anápolis-GO
www.editora.ueg.br / e-mail: revista.prp@ueg.br/editora@ueg.br

PREFÁCIO

Uma imensa alegria me invade ao prefaciar este livro resultante do Convênio de Cooperação Internacional assinado entre a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e a Università Del Salento (Unisalento), na Itália. Os setes capítulos desta obra representam a consolidação e a internacionalização de um sonho antigo de um grupo de professores de Goiás – a criação do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG), aprovado pela Capes em dezembro de 2016, e sediado na Cidade de Goiás, reconhecida mundialmente pelo seu patrimônio histórico-cultural e por suas tradições seculares.

O livro *Português em contexto italiano: história, instrumentalização, análise e promoção*, organizado por Déborah Magalhães de Barros, Gian Luigi De Rosa e Vânia Cristina Casseb-Galvão que, agora, vem a lume resulta das ações do Projeto de Pesquisa, intitulado “O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguístico” (REDE/Itália).

Como é sabido, no Século XXI, tornou-se comum perspectivar e nomear as línguas de acordo com as características de seus falantes: língua estrangeira, língua de acolhimento, língua adicional e língua de herança. Devido ao fato de o português ter adquirido *status* de uma língua do futuro, das grandes decisões relacionadas ao futuro das sociedades em geral e que interagem a partir dela, a utilização dessas nomenclaturas é indispensável para a constituição de sua identidade frente à diversidade de situações e contextos de uso, os quais revelam as multifacetadas e funcionalidades dessa língua.

Nas Conferências sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, realizadas de 2010 a 2016, os participantes aprovaram planos de ação e traçaram algumas estratégias para garantir a promoção, a divulgação e a valorização da língua portuguesa nos mais diferentes lugares ao redor do mundo. Isso impulsionou a demanda de ensino da língua portuguesa em contextos bilíngues e multilíngues e projetos da envergadura do REDE/Itália.

É nesse contexto de internacionalização da língua portuguesa que pesquisadores brasileiros e italianos buscam investigar aspectos sociais, políticos e linguísticos do português brasileiro, e de outras variedades, em contexto italiano, e promovem ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação.

Como resultado dessas ações e as experiências acumuladas nos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa no contexto italiano, o presente volume apresenta trabalhos que debatem temas indispensáveis à promoção e à visibilidade dessa língua em contexto de internacionalização.

Nessa perspectiva, a riqueza desta obra reside na abordagem de alguns aspectos sociais, políticos e linguístico que conduzem o ensino do português tendo a Itália, sua língua e seus falantes como contraponto, fazendo emergir da voz dos autores a multidimensionalidade de suas práticas investigativas, como assim exige o objeto que lhes é comum, por exemplo, aquelas voltadas para a história, a instrumentalização, a análise e a promoção do português externamente às suas zonas de fala materna.

Na busca pela promoção, difusão e valorização internacional do português, com ênfase no português brasileiro, ainda há muito a ser feito! A publicação deste livro representa um inquestionável avanço nesse processo, mais especificamente no contexto italiano, e contribui também para aumentar a autoestima linguístico-cultural de seus falantes.

Apresento minhas felicitações aos organizadores e aos autores por brindar os leitores com esses setes passeios pelas tramas do amplo, frutífero e enigmático bosque da promoção internacional do português.

Goiânia, 10 de março de 2019.

Eleone Ferraz de Assis (UEG/SELEPROT)

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada “**Português em contexto italiano: história, instrumentalização, análise e promoção**”, é uma das produções resultantes do Convênio de Cooperação Internacional assinado entre a Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Brasil, e a Università del Salento (Unisalento), na Itália.

A maioria dos autores integra o grupo de Pesquisas “Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo (CNPq)” e o conteúdo dos capítulos decorre de discussões promovidas ao longo do desenvolvimento do projeto “O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguístico” (REDE/Itália). O projeto REDE/Itália envolve universidades italianas (Unich, Unisalento, Unipi, Roma Tre, Unint) e brasileiras (UFG, UEG, UnB, UFMt-Barra do Garças) e prevê ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação.

No REDE/Itália, os resultados de pesquisas descritivistas e analíticas são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e língua de herança no contexto universitário italiano.

Também foi alvo de pesquisa a confluência português/italiano a partir de estudos da instrumentalização gramatical voltada para o ensino de italiano, considerando-se as especificidades dos contextos brasileiro e português, tema abordado neste volume por Monica Lupetti, em capítulo propositalmente escrito em italiano e que dá o tom transnacional desta publicação. Outro tema relevante envolve o estudo da linguagem consubstanciada na produção artístico-literária, alvo de reflexões de Chulata (também neste volume).

Sem desconsiderar as outras variedades do português nem a sua história, o projeto REDE/Itália destaca o Português contemporâneo falado no Brasil, reconhecendo-o como um exemplar da efervescência do português brasileiro (PB) como língua de interação global. Estão em evidência a língua e a cultura brasileiras visíveis na fala e na escrita, vernácula, midiática e literária.

O REDE/Itália encontra-se já na sua segunda fase (2018/2023) para a qual são propostas investigações de fenômenos gramaticais e socioculturais cujas descrição e análise foram suscitadas importantes, conforme pesquisas diagnósticas desenvolvidas na 1ª fase (2014/2018), para subsidiar o processo de ensino e aprendizagem do PB como língua estrangeira, língua de herança, língua adicional naquele país.

Esta obra é resultado de reflexões decorridas na primeira fase do projeto REDE/Itália durante as muitas ações de pesquisa, ensino e extensão realizadas nesse período. No campo da pesquisa, estão em discussão questões da história da língua e de sua instrumentalização, descrições e análises diacrônicas, sincrônicas e pancrônicas; seleção de aporte teórico relevante e aplicação de resultados de pesquisas ao ensino transnacional.

Professores e pesquisadores brasileiros e italianos tratam de temas que vão desde a origem do português, passando pela descrição e análise do português *substandard* em fala ficcional, à análise da poesia de Augusto de Campos, até um exemplo de ação propositiva de ação de internacionalização, envolvendo o português brasileiro em contexto italiano.

Assim sendo, a título de exemplificação, Déborah Barros e Vânia Casseb-Galvão fazem um breve relato do processo de formação da língua portuguesa, desde o período da romanização até seu estabelecimento na península Ibérica, atentando para os aspectos históricos e linguísticos desse processo.

Gian Luigi De Rosa registra o emprego, em termos qualitativos, de variedades e traços gírios na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira, e analisa como essa variedade diamésica (a fala ficcional) pode ser considerada tanto como reflexo dos usos da fala espontânea quanto como fenômeno agente, ou seja, como variedade mediática unificadora e, de uma certa forma, padronizadora.

Considerando o importante laço linguístico e cultural entre o Brasil e a Itália, Chulata afirma que ele não pode se limitar ao momento histórico do impacto dos migrantes com a terra prometida; pois começa naquele momento a transformação que levará os italianos a produzirem de maneira progressiva uma mudança que irá caracterizar a ação dos imigrantes, levando-os a assumirem uma cidadania original no contexto brasileiro.

A língua desses imigrantes representa o elemento de reconhecimento de uma diferença não substancial, com nuances que os italianos imprimem na especial melodia de quem nasceu e vive em São Paulo.

A influência da Itália foi determinante também do ponto de vista artístico. Muitos artistas, escritores, pintores e escultores marcaram presença nas mudanças estéticas, dirigiram importantes jornais e revistas, museus, etc; o convívio deles com os jovens brasileiros poetas, pintores e cineastas na metade do século passado caracterizou um certo modo de fazer arte. Entre os jovens de então, Augusto de Campos representa uma referência estética que a autora toma em consideração aqui para refletir sobre a construção de um possível legado cultural ítalo-brasileiro.

Chulata; Silva; Casseb-Galvão mostram como um projeto interinstitucional representa uma ação efetiva de internacionalização universitária e de promoção, valorização e difusão do português brasileiro em contexto italiano, partindo-se do pressuposto de que uma língua, mesmo em *status* minoritário, tem um papel relevante na formação das sociedades e pode ser promovida.

As ações voltadas para essa promoção servem para recuperar e potencializar valores e identidades, quando se consideram os falantes; turbinar competências e habilidades interlinguísticas, e ampliar espaços de atuação, quando se considera a formação acadêmico-profissional dos agentes de ensino-aprendizagem em nível superior.

Déborah Magalhães de Barros

Gian Luigi De Rosa

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Organizadores

SUMÁRIO

5 PREFÁCIO

7 APRESENTAÇÃO

13 Uma viagem às origens do Português

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO

**41 Variazione e Circolazione degli strumenti per
l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in
Brasile (Sec. XIX-XX)**

MONICA LUPETTI

**69 O texto: concepções e aplicação ao ensino de
Língua Portuguesa**

ELIANE MARQUEZ DA FONSECA FERNANDES

**97 O uso dos corpora no ensino de Português
como língua estrangeira: as colocações e as
coligações**

FRANCESCO MORLEO

115 Tradução e poesia: língua portuguesa e língua italiana entrelaçadas por Augusto de Campos

KATIA DE ABREU CHULATA

127 O *substandard* na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

GIAN LUIGI DE ROSA

163 Uma ação efetiva de internacionalização universitária e de promoção do português brasileiro

KATIA DE ABREU CHULATA

KLEBER APARECIDO SILVA

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO

179 SOBRE OS AUTORES

 1.

Uma viagem às origens do Português

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS
VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO

Este capítulo faz um breve relato do processo de formação da língua portuguesa, desde o período da romanização até seu estabelecimento na península Ibérica e, posteriormente, sua vinda para o Brasil, enfocando-se os aspectos históricos e linguísticos desse processo. A intenção aqui é essencialmente didática, oferecer um material de apoio e de acesso imediato a respeito da história do português ao estudante de graduação.

O conhecimento dos fatos históricos que envolvem a formação da língua portuguesa é relevante no âmbito do projeto REDE/Itália porque enriquece e justifica também a validade de seu ensino e promoção no ambiente linguístico matriz das línguas românicas, pois oferece um relato esclarecedor direcionado a respeito do processo que levou ao surgimento da variedade brasileira do português e de sua distinção da variedade falada em Portugal.

Da língua falada pelos habitantes da Roma antiga até o PB atual existe um imenso caminho e não cabe neste texto uma reconstrução minuciosa. Cumpre aqui traçar uma linha narrativa, relacionando-se coerentemente alguns fatos históricos e fenômenos linguísticos, de modo a apresentar um panorama da formação das línguas românicas até a bifurcação português do Brasil português de Portugal.

Uma viagem às origens do Português

Para atingir esses objetivos, este capítulo trata da expansão do Império Romano, da caracterização do latim e de suas variedades clássica e vulgar, da romanização da Península Ibérica, e, por fim, da transição do romance para o português. Como referências bibliográficas recorreremos a Camara Jr (1985), Castro (2006), Coutinho (1976), Ilari (2001), Silva Neto (1957), entre outros.

Império Romano - um império político fortalecido pelo poder de uma língua

O português integra o grupo das línguas chamadas românicas ou neolatinas porque ele, assim como as demais línguas do grupo, dentre elas o italiano, é o resultado das transformações do latim vulgar levado para as regiões por onde o Império Romano se expandiu.

Essas transformações são estudadas por diversos linguistas e glotólogos, dentre eles Coutinho (1976), para quem, num arroubo de ingenuidade, o português é o próprio latim modificado¹. Para esse autor, o latim não é uma língua morta, haja vista que ele continua a viver nas línguas românicas.

Como resultado de uma transformação iniciada no latim vulgar, a história de formação do português remonta à história de expansão e de decadência do Império Romano, pois a língua falada na região de Roma foi, como explica Castro (2006), a principal componente linguística do português, ou seja, o latim vulgar é reconhecido como o **estrato** de formação, a língua do povo dominador que é adotada pelo povo dominado. Somam-se a ao estrato as línguas de **substrato**, línguas dos povos que já estavam nas regiões dominadas antes da chegada dos dominadores (romanos) e as línguas de **superestrato**, línguas faladas pelos povos que transitam pelas regiões onde se forma uma nova língua. No caso do português, o trânsito de outros povos

1 Esse já foi um ponto polêmico entre os estudiosos da área, especialmente de autores mais antigos. Estudos mais recentes defendem uma “autonomia” do português, pois consideram que tratar essa língua como uma continuidade do latim vulgar é simplificar uma questão ampla e complexa a respeito de mudança e desenvolvimento linguístico.

na península Ibérica ocorreu no período que compreende a queda do Império Romano, no século V, e o surgimento dos estados cristãos, no século X.

O Império Romano viveu o apogeu de sua expansão entre, aproximadamente, 753a.C. – data da fundação de Roma –, e 476d.C. – ano em que foi deposto Rômulo Augusto, o último imperador romano.

A língua falada pelos povos da cidade de Roma era denominada *romanus*, que posteriormente, passou a ser chamado *latim* em referência ao nome da província em que a cidade se situava: a língua dos povos do *Latium*. O latim era a língua de Roma que se tornou a língua de todo Império Romano na medida em que este avançava em força e domínio, uma língua que cresceu e se expandiu seguindo os rastros dessa força geopolítica.

Os povos que falavam o latim eram chamados de *Romani*, e a designação coletiva desses povos era *Romania*. Após a queda do Império, esses termos perderam o significado político, mas preservaram o sentido civilizacional e linguístico. Atualmente, se reconhece como línguas românicas aquelas línguas que tiveram a sua história de origem a partir da história do Império Romano, ou seja, as línguas que têm como língua mãe o latim. O latim de substrato das línguas românicas é o latim vulgar, uma variante predominantemente falada.

No final do séc. III a.C., o domínio de Roma se estendia sobre a Península Itálica, as ilhas do Mediterrâneo, da Sicília, Sardenha e Córsega. Naquela época, as rotas comerciais do Mediterrâneo eram disputadas entre os romanos e os cartagineses, que eram povos de origem fenícia instalados em Cartago, cidade que fica no norte da África. Em função da localização estratégica dessa cidade, os cartagineses exerciam domínio sobre as rotas comerciais mediterrâneas e as disputavam com os romanos.

Os romanos, então, iniciaram, contra os cartaginenses, as chamadas Guerras Púnicas² e foram vencedores na terceira batalha. Mediante a vitória, passaram a liderar absolutos sobre as rotas de

2 Conjunto das três guerras travadas entre Cartago e Roma, do grego, *phóinikos*.

comércio do Mediterrâneo e dominaram também as posses de terras que antes pertenciam aos cartagineses, dentre elas estava uma parte localizada no sul da Península Ibérica e que corresponde atualmente aos territórios de Portugal e da Espanha.

No decorrer da expansão do Império Romano, houve uma imposição³ ideológica do latim, desencadeada pelo discurso de força e poder que emanava do discurso imperialista, o que cooperava para a unidade e a estabilidade ao império porque ela era uma ferramenta que assegurava a aculturação com a qual os povos conquistados se sujeitavam à soberania da língua-cultura superior, e incorporavam parte do modo de ser e de pensar romano. A aculturação era produtiva à soberania e manutenção do poder na medida em que um povo integrado era mais controlável e menos suscetível a conspirações.

O latim Vulgar

Como língua de Roma, o latim foi levado para os povos dos territórios conquistados, mas essa língua não foi, ao longo dos anos, homogênea e padronizada. Em um período que vai aproximadamente do século VII a.C. ao século XVIII d.C. existiram diversas variedades do latim, dentre elas, as mais distintas são o latim culto ou clássico e o latim vulgar. O latim culto era usado pelos romanos nobres, que constituíam as elites da sociedade. Essa variedade existia nas modalidades escrita e falada, e era a língua de redação dos documentos oficiais e da produção literária, como as obras de Cícero, César, Vergílio, Horácio e Ovídio. Uma especialidade do latim clássico circulava no domínio religioso católico, mosteiros e conventos, e é conhecido como latim eclesiástico.

Já o latim vulgar, que era adjetivado por *sermo vulgari*, dizia respeito à língua falada pelo povo não letrado e pelo povo em geral. Sua origem está relacionada com a fala arcaica de Roma circulante nos povoados de tradição agrícola localizados na região do Lácio, antes do surgimento do próprio Império Romano.

3 A imposição não foi um mecanismo absolutamente forçado. Ela é consequência de uma pressão natural decorrente da soberania político-cultural dos conquistadores.

Os reflexos da origem rural do latim arcaico podem ser observados em palavras do português atual, como por exemplo, o verbo *delirar* cujo o original no latim é *delirare*, que significava sair com o arado do sulco. Obviamente, houve uma ampliação e adequação semântica do verbo, que migra do campo de uma ação concreta (latim) para uma atitude cognitiva (português), mas ainda assim é possível ver preservado na palavra o sentido de “extrapolar”, “ultrapassar” os limites do que é previamente estabelecido.

O latim vulgar, que se expandiu geograficamente seguindo com o império, era uma modalidade falada da língua por pessoas que pertenciam às camadas da sociedade sem influência do ensino escolar e sem acesso aos modelos literários. Por isso, na opinião de Castro (2006), a caracterização dessa variação da língua não pode ser limitada somente a fatores como a modalidade falada da língua e ao fato de os falantes terem pouco ou nenhum acesso à elite cultural e escolar, como é comum se fazer. Uma caracterização mais coerente e completa do latim vulgar deve levar em conta também os limites temporais e as fontes dessa língua.

Essa opinião corrobora a de Camara Jr. (1985, p. 21) a respeito da forte heterogeneidade do latim vulgar, que “não é uma unidade linguística em qualquer momento de sua história”, ao contrário, ele “diversifica-se em dialetos sociais, e, diacronicamente, é uma continuidade de mudanças”. A discussão a respeito do que se deveria considerar latim vulgar perpassa a historiografia linguística e filológica intensamente e já inclusive dividiu opiniões acerca da própria existência dessa modalidade da língua. Silva Neto (1957, p. 47) é favorável à existência do latim vulgar, porém entende a delicadeza de qualquer posição categórica a esse respeito, pois como ele diz:

O que nós chamamos uma língua constitui, na verdade, um conceito coletivo, uma série de matizes e tons que nem sempre é fácil de deslindar. Se há dificuldades, como sabemos, em dividir, os vários meios sociais evocados pelos matizes das línguas vivas, mais complexa ainda é a situação do latim. (grifos nossos)

Uma viagem às origens do Português

Questionam-se inclusive os limites temporais da circulação e do uso do latim vulgar, haja vista que a falta de um código escrito nele baseado dificulta o acesso a registros de uso e dificulta a documentação para efeito de estudo. Logo, há muitas indagações a respeito, por exemplo, das influências do latim vulgar, de sua valoração entre os falantes e do processo de transmissão oral de geração para geração. Ao longo dos tempos, as fontes do latim vulgar sempre estiveram como prioridade de filólogos e linguistas e foram o grande desafio de todos eles.

Como a língua era falada, seu registro decorre especialmente de citações e menções em textos escritos, os quais de modo intencional ou não, fazem referência à voz, discurso e gramática identificados na voz do povo. Outras fontes importantes do latim vulgar são o *Appendix Probi*, os *graffiti* de Pompeia, e também trechos da obra literária de Plauto, nos quais as personagens imitam os modos de falar das classes mais baixas da sociedade romana. É claro que esse problema decorre também do preconceito linguístico que atingia os falantes dessa variedade do latim, e, como não poderia deixar de ser, apesar de se tratar de uma língua claramente distinta do latim clássico, e circular num império gigantesco e numa das sociedades mais desenvolvidas da época, teve seu registro negligenciado. Acerca desse problema, Silva Neto (1957, p. 99) se manifesta alegando que

as fontes do *semo usualis* são, infelizmente muito escassas. E isto porque os gramáticos latinos, em vez de observá-lo e cuidadosamente estudá-lo, perseguiram-no com um ódio implacável. Naquele tempo longínquo, em que a Linguística ainda não tinha vindo demonstrar que língua corrente é matéria prima de onde os artistas da palavra criam as suas obrara d'arte, o *sermo cotidianus* era objeto de menoscabo e menospreço. (grifos do autor)

A reconstrução, a análise e a descrição dessa língua tem ocorrido, portanto, principalmente mediante métodos comparativos entre os raros textos escritos no vulgar com textos em latim clássico.

Apesar de toda essa imprecisão, Castro (2006) entende que havia uma relativa uniformidade gramatical do latim vulgar e seu uso ajudava a assegurar a própria unidade do império. O latim vulgar tinha um caráter centralizador, agregador, era uma força cuja heterogeneidade e uniformidade teve reflexo direto no modo de formação das línguas românicas, e cooperou para a diversidade dessas línguas.

Características gerais da gramática do latim vulgar

Como o latim vulgar não legou documentos, mas apenas pistas, mediante um processo comparativo, ele tem sido reconstruído, especialmente, por meio da observação das suas divergências em relação ao latim clássico. Além disso, outras poucas fontes escritas também têm auxiliado na reconstrução da gramática do latim vulgar. Há, no entanto, um certo consenso entre os estudiosos a respeito dos traços distintivos do vulgar em relação ao clássico.

O latim clássico apresentava, por exemplo, um sistema fonológico em que as vogais podiam variar de acordo com três traços, respectivamente, quanto à anterioridade/posterioridade da língua; à altura da língua e à duração dos segmentos: i) anterior, central e posterior; ii) alta e baixa; iii) longa e breve. Assim, as cinco vogais se transformavam em dez. A distinção fonológica entre as vogais promove diferença no significado das palavras e dos morfemas gramaticais, como, por exemplo, o *u* longo (*luto* = amarelo) e o *u* breve (*luto* = lodo). Vogais longas ou breves também faziam a distinção entre os casos nominativo (breve) e ablativo (longo), na primeira declinação.

As diferenças na duração das vogais foram se associando com diferenças de timbre, levando à perda da quantidade das vogais no latim vulgar, implicando uma reorganização do sistema vocálico de maneira prosódica acentual. Com isso, as vogais não podiam mais ter uma função distintiva. Das dez vogais do latim clássico restaram cinco no latim vulgar. Para Ilari (2001), essa perda de vogais do latim clássico para o vulgar foi uma desfonologização da quantidade vocálica, um processo que esse autor entende como uma inovação, característica inerente ao latim vulgar.

Uma viagem às origens do Português

As mudanças na área fonológica não se limitaram à redução do sistema vocálico. Por um processo de analogia, a exemplo do que aconteceu com as vogais, diversos outros fenômenos no sistema fonológico como a tonicidade e a posição de sílabas átonas e tônicas impulsionaram outras mudanças no latim vulgar, dentre elas a perda de ditongos e de hiatos. Coutinho (1976, p. 32) explica que o latim vulgar se caracteriza, dentre outros, pela redução dos ditongos e hiatos a simples vogais e pela oscilação (confusão) entre /i/ e /e/ especialmente nos hiatos: *aurum* > *orum*; *auricula* > *orica*; *coorte* > *corte*; *vinea* > *vinia*; *area* > *aria*. Cumpre notar que o sistema consonantal passou por diversas transformações.

Na morfologia, o latim clássico apresentava um vasto sistema de flexões referentes às cinco declinações e aos seis casos. As declinações eram indicadas por diferentes desinências (finais). As alterações no sistema fonético, em especial o obscurecimento dos sons finais das palavras, neutralizou algumas distinções levando à redução do sistema de casos e das declinações no latim vulgar. Essa redução, de seis para três casos, na opinião de Coutinho (1984), pode ser explicada pela recorrência no uso de preposições⁴, tornando o caso desnecessário. Outras mudanças no latim vulgar, que também são consideradas decorrência das mudanças no sistema fonológico, são a perda do gênero neutro – absorvido pelo masculino – e uma confusão no sistema das conjugações verbais.

As formas sintéticas, preferidas no latim clássico, também sofreram mudanças morfológicas e passaram a ser substituídas no vulgar pelas formas analíticas. Essas mudanças são observáveis especialmente no comparativo e no superlativo – *justissimus* > *multum justus*, e na forma sintética da voz passiva – *amor* > *amatus sum*. As perífrases constituídas pelo verbo *sum* e o particípio passado de outro verbo prevaleceram sobre as formas passivas sintéticas.

⁴ Esse é um ponto polêmico porque alguns estudiosos entendem que as preposições foram acrescentadas para suprir a ausência dos casos, outros pensam que os casos caíram em função do uso das preposições.

Outros processos verbais também sofreram alterações em função da morfologia, como a regularização de alguns infinitivos irregulares, a simplificação na marcação de tempo e de aspecto verbal. E, ainda, os verbos depoentes, que no clássico apresentavam uma conjugação à parte porque podiam ser usados na forma passiva com significado de ativa passam a integrar paradigma dos verbos ativos: *mentio* > *mentior* = eu morro. Isso para ficar apenas com algumas das muitas diferenças morfológicas que marcaram diretamente o sistema verbal no latim vulgar.

Na sintaxe, a maior característica de que se tem notícia é a liberdade na disposição das palavras na frase, ou seja, na constituição da ordem na estrutura oracional. No latim clássico, as funções sintáticas das palavras eram marcadas morfológicamente por meio do sistema de casos. A ordem era indiferente.

Nos exemplos seguintes (CAMARA Jr., 1985, p. 72), é possível observar como isso era possível. Uma oração como *puer vidit lupum* (o menino viu o lobo) não tem seu sentido alterado caso a ordem dos constituintes seja alterada para *lupum per vidit* ou para *lupum vidit per*. As diferentes ordens também não interferem na função sintática exercida pelos termos da oração porque esta é morfológicamente marcada pelo caso. Não existe, assim, a possibilidade de a oração ser interpretada como ‘o lobo viu o menino’. *Puer* em qualquer lugar da frase é sempre sujeito porque está no caso nominativo; *lupum*, é, indubitavelmente, o objeto porque está marcado no caso acusativo, portanto, qualquer uma das três estruturas frasais remete a uma oração que pode ser traduzida por “o menino viu o lobo”.

Na hipótese de se acrescentar algum complemento, ele sempre viria marcado no nominativo, se se referisse ao sujeito, e no acusativo, caso complementasse o objeto. Assim, em *abiectus lupum puer vidit famelicum*, a palavra *abiectus*, ‘desesperado’, nominativo, se refere ao *menino*, informando o seu estado de espírito, logo é um adjetivo; *famelicum* qualifica o acusativo *lupum*, por isso, também, possui desinência de caso acusativo.

No latim vulgar, as mudanças fonético-fonológicas e morfológicas implicaram a perda dos casos. Sem estes apareceram outras alter-

nativas⁵ para o arranjo frasal e para a marcação das funções sintáticas. A mais produtiva foi a ordem ou a colocação das palavras na organização oracional.

Soma-se à ordem das palavras na oração a entrada dos artigos – não presentes no latim clássico – e das preposições. Sem a presença dos casos, as relações de regência passaram a ser estabelecidas pelas preposições. As preposições também passaram a cumprir partes das funções de caso. O dativo (objeto indireto), por exemplo, passou a ser indicado pela preposição *ad*, antecedendo o verbo.

Uma sintaxe altamente sintética do latim clássico foi substituída no latim vulgar por construções perifrásticas. O falante preferiu então a análise ao invés da síntese. Para alguns estudiosos, essas mudanças sintáticas seriam as causadoras de algumas imprecisões, que talvez ainda ecoem nos dias de hoje a respeito das línguas decorrentes do latim vulgar. Na interpretação de Tarallo (1990, p. 146), “[...] as funções gramaticais do latim clássico eram transparentes a ponto de se revelarem na própria forma, diferentemente do jogo de formas empobrecidas pela corrosão fonético-fonológica, encontrada no latim vulgar”.

O recorrente uso pronominal é outra característica relevante da organização oracional do latim vulgar. No latim clássico, os pronomes eram dispensáveis do ponto de vista sintático, eram empregados nas situações em que se pretendia enfatizar o sujeito, cumprindo uma função pragmática mediante o reforço semântico. Ao contrário, no latim vulgar, o uso do pronome junto ao nominativo (sujeito) foi intenso e, na opinião de Ilari (2001), essa intensificação decorre da busca por uma expressão afetiva⁶, o que tornou o uso banalizado.

5 Como já mencionado em nota anterior, parece não ser muito claro entre os estudiosos da área se o frequente emprego das preposições tornou o uso de casos redundante, e, por isso, ele caiu, ou se em função da perda dos casos recorreram às preposições para marcarem as relações de regências. Considerando a alta influência da fala e da frequência de uso sobre as mudanças na organização gramatical, parece mais prudente considerar que as mudanças fonológicas motivaram a perda dos casos e a consequente produtividade das preposições.

6 Os vários estudiosos do latim vulgar apontam, em grande medida, que algumas formas (morfológicas, partículas) entraram nessa modalidade em função de uma necessidade de “reforço” ao que era dito. Um exemplo pode ser a ante-

Outra inovação no latim vulgar foi a criação do pronome pessoal de terceira pessoa, inexistente no clássico. A base desse pronome foi o demonstrativo *ille*. Segundo Maurer Jr (1959), as formas pronominais do latim vulgar eram as seguintes:

Quadro 1: Formas pronominais do latim vulgar

		Nominativo	gen./dat.	acusativo
Singular	1ª pessoa	Eo	mi/mihi	me
	2ª pessoa	Tu	ti/tibi	te
	3ª p. masc.	ille (illi)	[il]lui/[il]li	[il]lum
	3ª p. fem.	Illa	[il]l i/[il]li	[il]lam
	3ª p. neutro	Illud		illud
Reflexivo	3ª pessoa	Si	si/sibi	se
plural	1ª pessoa	Nos	nos/nobis	nos
	2ª pessoa	Vos	vos/vobis	vos
	3ª p. masc.	Illi	[il]lis e [il]lorum	illos
	3ª p. fem.	Ill	[il]lis e [il]lorum	illas
	3ª p. neutro	Illa		[la]

(Fonte: ILARI, 2001, p. 94)

Pelo que se observa no quadro, a classificação dos pronomes reflexivos no latim vulgar limitava-se aos da 3ª pessoa do singular (*si*, *sibi*, *se*), sendo que o acusativo (objeto) era marcado somente por *se*.

posição aos pronomes demonstrativos da partícula *accu*, que pode aproximadamente ser traduzida em português contemporâneo por “eis”. É comum observar que as justificativas para essas entradas são interpretadas como: “expressão afetiva”, “reforço”, “ênfase”, “expletivo”. Aparentemente, essas formas não tiveram, em princípio, um valor gramatical, e não eram empregadas no latim clássico. Talvez isso possa ser associado à tendência analítica da língua vulgar ao invés da sintética do latim clássico.

Então, quando o complemento era um acusativo e correferente ao sujeito, o pronome que marcava essa relação era *se*.

Os pronomes na função acusativa para as demais pessoas (*me, te, nos, vos*) desempenham no português contemporâneo a função de pronomes reflexivos. Entretanto, em latim clássico, e pelo que se percebe no vulgar também, os pronomes eram em quantidade muito limitada e a função de reflexivo era possível apenas nas terceiras pessoas, uma vez que, mesmo existindo pronomes em outras pessoas, a marcação da reflexividade acontecia apenas nas de terceira pessoa.

Outras situações de uso dos pronomes em latim vulgar, ainda menos esperadas, eram a ênfase ao sujeito e o uso como pronome objeto. No latim clássico, o pronome na função de objeto era inferido pelo contexto, situação impensada para a variante padrão do português contemporâneo como em *assim que viu o filho (o) abraçou*. O pronome objeto *o* não fazia parte da gramática do latim clássico. O objeto era, contextualmente, inferido. Já no latim vulgar, o uso desse pronome passou a ser comum.

O verbo em latim clássico era uma palavra com múltiplas desinências – marcas de voz, pessoa e número – e se dividia em três temas: presente, perfeito e supino. Cada um dos temas se subdividia em diversos tempos. Os sufixos modo-temporais e as desinências número-pessoais dos temas do presente e do perfeito derivavam a voz ativa para as formas verbais e, para um número bem menor, as nominais. Já o supino derivava as formas nominais.

O sujeito marcado na flexão verbal pela desinência pessoal era o ponto de partida da comunicação e subordinava o verbo. A natureza dessa subordinação era, como ensina Camara Jr (1985, p. 125) “basicamente ‘ativa’: a significação do verbo é apresentada sob a égide do sujeito, como se dependesse dele a sua atividade”.

E, por fim, sobre os verbos é importante registrar o grande número daqueles classificados como “depoentes”. No latim clássico, constituíam uma conjugação à parte porque apresentavam forma passiva e significado ativo. Com a perda da marca morfológica, no vulgar, eles passam a integrar os verbos ativos de mesma conjugação:

morior > *morio* = ‘morrer’. Esses verbos de forma passiva e significação ativa, como ensina Benveniste (2005), têm uma diátese única, caracterizando-os ou como ativos ou como médios, tendo em vista que eles não admitiam dupla diátese, como outros verbos.

É esse conjunto de características que está na base do processo de romanização da península Ibérica e vai estar na base das línguas que ali se formaram e que atualmente representam sistemas linguísticos como o português, o espanhol e o catalão.

O domínio e a romanização da Península Ibérica

O ano de 197 a.C é considerado o início da chegada do exército do Império Romano na Península Ibérica, iniciando um longo processo de conquista e aculturação, que se iria até aproximadamente o ano 440 d.C.

Esse processo, que acrescentava mais uma porção de terra, riquezas e poder ao império mais poderoso do ocidente, também pretendia dar conta da integridade e densidade desse domínio, uma vez que o objetivo era dominar sobre os bens materiais e os imateriais, impondo a cultura e a língua de Roma sobre as que já existiam e eram praticadas entre os povos dominados. A imposição ideológica da língua e da cultura funcionariam como um componente a mais para a efetivação da integração do império, tornando-o mais sólido e forte. Enfim, a **romanização** envolveu também um compartilhar de vivências cultural e linguística identificadoras do Império Romano.

Para a efetivação desse processo, imigrantes romanos, oriundos de todas as classes sociais (funcionários públicos, colonos, comerciantes etc), se instalaram na península para fomentar a criação de cidades, de escolas e o comércio, e fizeram prevalecer a língua e o direito romanos, enfim, a mentalidade e o modo de vida romanos.

A língua desse império era prestigiosa e tinha o *status* de língua oficial, representava e veiculava uma cultura dita superior e foi inserida no domínio escolar.

Uma viagem às origens do Português

O longo período de dominação e pacificação ocorreu do Sul para o Norte da península e em maneira e ritmos diferentes, conforme o grau de resistência/aceitação dos habitantes locais.

As cidades foram mais acessíveis ao processo de pacificação do que o campo. Nelas, ocorreu um grande povoamento por colonos romanos, a implantação de escolas e a fomentação de classes sociais mais cultas. Isso favoreceu diretamente a aceitação da língua pelos povos pacificados, bem como a sua manutenção e conservação. O campo, por sua vez, mais resistente, e provavelmente devido à ausência de mecanismos de controle, como a escola e outras instituições urbanas, foi mais suscetível às inovações linguísticas.

Aproximadamente duzentos anos após o início do processo de aculturação, a Península, já então integrada ao Império Romano, foi dividida em duas regiões menores, a saber: Hispânia Ulterior, que corresponderia à parte sudoeste e a Citerior, referente à parte nordeste.

Posteriormente, a Hispânia Ulterior foi dividida em Bética e Lusitânia. A Citerior, que primeiramente era composta por Cartaginense e Terraconense, teve esta última região dividida, originando província da Gallaecia. No mapa seguinte é possível observar essa divisão.

Segundo Castro (2006), a romanização desenvolvida em cada uma dessas provinciais apresentava fortes traços contrastantes com as demais. Alguns motivos para isso são: diferença temporal de início e término de aculturação; nível de resistência dos povos; diferenças de nível cultural e escolar das pessoas levadas a essas regiões, o que por sua vez, implica diferenças no tipo de latim falado por eles. Esses traços contrastantes, seguramente, teriam impacto no tipo de transformação do latim nas diversas línguas românicas.

A Bética, por exemplo, uma região isolada e distante de Roma, foi a primeira e mais pacífica região romanizada. Os colonos romanos que ali chegaram faziam parte da aristocracia e, por isso, deram origem a uma cultura cidadina, implantando escolas e fortalecendo a economia. O isolamento e o fomento cultural foram propícios para que o latim vulgar daquela região se mantivesse mais conservador.

Uma viagem às origens do Português

Mapa 1: Mapa da Hispania Romana (Península Ibérica)



Fonte: <https://tackk.com/acordaalentejana>

A região centro-noroeste corresponde à Lusitânia, ocupada pela tribo Celtibero, e à Gallaecia⁷, habitada por povos de origem céltica, foi a que mais resistiu ao processo de domínio e aculturação. Essa resistência foi auxiliada pelo conhecimento que os povos nativos tinham sobre as questões geográficas da região montanhosa, favorecendo o refúgio para o topo das montanhas, bem como a preparação de armadilhas para destruir o exército romano. Estima-se que no século 139 a.C. os romanos dominaram essa região, mas em função do isolamento e da chegada tardia da romanização, a resistência linguística prevaleceu. Somente cinco séculos depois o latim vulgar foi de fato ali difundido e instalado. Castro (2006) defende que há uma grande probabilidade de que o latim levado para essa região, em função da sua característica mais conservadora, tenha sido aquele cultivado na Bética. Na sua opinião, essa chegada tardia do latim na

⁷ Gallecia surge de gallaeci, que eram os povos de provável origem céltica que habitavam a região antes da chegada dos romanos: gallaecia>galécia> galízia. Os povos da região, atual Galiza, ficaram conhecidos como galaicos.

Uma viagem às origens do Português

região acarretou um prolongamento da vida das línguas pré-romanas (substrato). O período entre a implantação do latim vulgar e a desagregação do Império Romano, resultando na perda da unidade do latim, foi curto e criou “condições para que o latim local fosse submetido a fortes pressões inovadoras de substrato sem ter tido tempo de se sedimentar” (CASTRO, 2006, p. 56).

Por outro lado, a região Terraconense, em especial a parte mais oriente, foi romanizada por militares que desenvolveram uma sociedade mais rural, com menos cultura letrada e menos desenvolvimento econômico. Ademais, a região era rota de legionários, colonos e mercadores, por isso, a consequência natural era uma língua menos monitorada, apresentando neologismos e estrangeirismos.

A proximidade da região Citerior com o centro do império somado ao fato de que nessa região se desenvolveram comunidades mais rurais, que tinham oportunidade de chegar até Roma por via terrestre, oportunizou inovações linguísticas no próprio latim vulgar. A mobilidade das pessoas gera contato entre os povos e favorece mudanças nas línguas.

Os estudos filológicos entendem que o fator de isolamento de uma língua implica um conservadorismo linguístico em função do não contato com povos falantes de outras línguas. Na situação vivida na Bética, além do isolamento, aconteceu também a manutenção da tradição linguística por meio do fomento das escolas e de outros meios de incentivo à conservação da cultura, que tradicionalmente é herdada pelas gerações mais novas. Isso significa que quanto menos acesso à escolarização e mais mobilidade de pessoas, maior a possibilidade de mudança linguística; quanto mais acesso à escola e maior isolamento, menor é a inovação e a mudança linguística. Bagno; Casseb-Galvão (2017, p. 141) reconhecem que a mudança linguística é um processo sociofísico-cognitivo no qual se entrecruzam contato entre línguas, analogia, variação, gramaticalização, língua em uso etc.”

Argumentou-se no início deste capítulo que a língua portuguesa, assim como as demais línguas românicas, foi uma transformação do latim em contato com as línguas de substrato e as de

superstrato. No entanto, é preciso considerar que as diferenças resultantes nas línguas românicas também decorreram das transformações internas ao próprio latim vulgar. Cardeira (2006, p. 25) explica e sintetiza com muita propriedade o caráter heterogêneo do latim vulgar empregado ao longo do império romano ao dizer que

[...] a romanização implanta uma língua que não é homogênea e que é adoptada por populações diversas, a um ritmo irregular, com diferente intensidade e em momentos distintos. A época de implantação do Latim, a firmeza da romanização, a densidade populacional, a intensidade de criação de redes viárias, de cidades e escolas, são factores que determinam não só o ritmo de difusão do Latim, mas também a qualidade da língua imposta. Em regiões cedo pacificadas e densamente povoadas por colonos romanos, uma política de casamentos mistos, promovendo um bilinguismo dos povos conquistados, favorece a aceitação da língua. Nas cidades, a escolarização promove um Latim culto e conservador. Mas em regiões menos colonizadas, ou menos escolarizadas, classes sociais menos cultas tornar-se-ão, com facilidade, permeáveis à aceitação de inovações linguísticas.

O latim levado para a província Citerior originou o Catalão e o Castelhana; na província Ulterior, originou o Galego-Português, num caminho de transformações até que a língua portuguesa fosse formada.

Do romance ao português: um período de transição

O latim vulgar levado para as terras conquistadas pelos romanos apresentou por algum tempo uma relativa estabilidade e uniformidade linguística, porém o Império Romano se enfraqueceu, em uma queda marcada pela deposição do imperador Rômulo Augusto, em 476d.C. A desagregação do império levaria também à perda da relativa unidade do latim vulgar.

Por volta do século V, a Península Ibérica, mesmo sem o domínio do império, mas povoada pelos descendentes romanos, viven-

Uma viagem às origens do Português

ciava uma certa estabilidade administrativa e linguística. As leis e a forma de organização político-administrativa romana já tinham sido assimiladas pelas comunidades. A língua, o “*romanici loqui*” – transformação do latim vulgar em contato com as línguas de substrato – era a língua corrente dos povos da península, com exceção dos Bascos que nunca se romanizaram.

Esse período de relativa paz tem o seu fim com as invasões germânicas. Esses novos povos promoveram a desagregação do que havia sido unificado na romanização e trouxeram as línguas de superestrato, causando mais transformações e condicionando a formação do *romance*. Diferentemente do aconteceu com a chegada dos romanos, os novos conquistadores da península não conseguiram impor a sua língua sobre os povos dominados, entretanto, contribuíram para as transformações que resultariam no português, sobretudo, no âmbito lexical.

O *romance*, nome originado da expressão “*romanice loqui*”, não era mais exatamente o latim vulgar levado pelo exército, mas sim uma língua que já apresentava modificações gramaticais e lexicais em relação à língua do império de Roma e com claras variações geográficas, por isso, era um conjunto de falares locais diferenciados e com diferenças de prestígio entre si. O período do *romance* vai aproximadamente dos anos 600d.C a 1100d.C, e é intermediário ao latim vulgar e às línguas românicas atuais. O romance seria então o conjunto dos falares oriundos da fragmentação do latim vulgar, e representava um contraste com o latim vulgar e também com o latim literário e o latim eclesiástico. Estas duas modalidades, ao longo desse período, foram usadas para fins específicos e conviveram com a fala das camadas populares.

Vários fatores estiveram envolvidos nesse processo de mudança: o tempo, a situação política mediante enfraquecimento do Império Romano, as diferentes condições ambientais e geográficas. Soma-se a esses fatores também o fato de que o latim vulgar era uma língua falada por diferentes povos e de transmissão oral, condicionando transformações envolvendo e cindindo vários dialetos, originando o romance ou, como defende Castro (2006), os vários romances.

Nesse período, o romance falado em quase todo território europeu, que antes estava sob o domínio de Roma, se agrupou em dois grandes principais blocos: o romance ocidental e o romance oriental. O romance ocidental está na base de formação do francês, provençal, catalão, castelhano e português. O romance oriental deu origem ao italiano, ao romeno e ao sardo. O português surgiu inicialmente como parte de um domínio linguístico denominado galego-português, cujas transformações e expansão para o Centro-Sul de Portugal originaram o português.

Bagno (2011) defende, com sólidos argumentos linguísticos, políticos e geográficos, que não há justificativas para essa denominação galego-português a uma língua que já existia na Galécia antes da constituição geográfico-político de Portugal e antes das invasões romanas.

O galego tem sua existência atestada antes do ano mil, antes mesmo da chegada dos povos germânicos na região, e o Condado Portucalense foi constituído como entidade político-geográfica por volta de XIV, por isso, na opinião do autor, insistir no surgimento do galego-português, que mais tarde se transformaria em duas línguas distintas é uma desconsideração linguística e histórica. Para Bagno (2011), o galego surgiu no extremo noroeste da península e depois foi levado para o Sul (região do atual território de Portugal) e lá sofreu transformações que culminariam no português.

O galego prevalece na região da Galécia, atual Galiza. Para Bagno, chamar essa língua de galego-português é uma conveniência política, cultural, econômica e ideológica, mas nem um pouco linguística.

O argumento de Bagno (2011) é pertinente e encontra abrigo em, no mínimo, duas teses defendidas por autores portugueses. Uma delas, que ele mesmo citou, está em Cardeira (2006), para quem no ano mil, na região da Galécia Magna, já havia um romance com contornos peculiares, que ainda não era o português. A outra tese está em Castro (2006) e está baseada na existência dos romances.

Pelo raciocínio de Bagno (2011), o contínuo de formação da língua portuguesa tem a seguinte configuração: latim vulgar >

Uma viagem às origens do Português

romance (de substrato galego) > galego > português. Logo, o português seria descendente direto do galego e não do latim.

Na Península Ibérica, a perda da unidade linguística somada à existência de povos pré-romanos e de povos pós-romanos condicionaram as transformações linguísticas ocorridas no período entre o latim vulgar e o surgimento do português. O romance que surgiu ali apresentava marcas das línguas de substrato: ibérico, céltico e basco.

Obviamente, no período de assimilação do latim vulgar algumas características dessas línguas infiltraram e atuaram na língua que surgiria após o período de romanização. Cardeira (2006, p. 27) explica que esse não é um processo muito simples e de fácil percepção, uma vez que:

não se reflectindo necessariamente de forma imediata na língua, pode transformá-la paulatinamente, imprimindo-lhe uma feição particular, dialectalizando-a e provocando uma diferenciação linguística que emergirá, mais tarde, em momentos de enfraquecimento da norma instituída.

A influência do substrato céltico pode ser observada no domínio galego-português quanto à transformação dos grupos latinos *pl*, *cl* e *fl* para *ch*, como em *plicare* > *chegar*; *clave* > *chave*; *flamma* > *chama*. No castelhano, que não recebeu influência desse substrato, esses grupos foram transformados em *ll*, como em *llegar*, *llave*, *llama*.

A maior contribuição das línguas de substrato está no léxico. Do basco são as palavras com sufixo *-rro* e *-rra* como *bezerro* e *cachorra*; *-rdo* e *-rda* como *esquerdo*, que sobrepôs a palavra latina *sinister* (no italiano, prevaleceu a raiz latina, originando *sinistra* ‘esquerda’).

Na Península Ibérica, as invasões germânicas ocorreram por volta do século V. Alanos, suevos, vândalos e visigodos são os povos que ocuparam parte do território da Península. Rapidamente, tanto os povos que já estavam na península, como os que chegaram, exceto os suevos, foram derrotados pelos visigodos e passaram a viver sob um regime monárquico. Os suevos se mantiveram isolados por mais

de um século na parte noroeste, a região da Galécia, porém no final desse período, eles também integrariam o Reino Visigodo.

Para Castro (2006), as línguas da România Ocidental tiveram o superstrato fornecido unicamente pelas línguas germânicas, sendo que na Península Ibérica somente as línguas dos suevos e visigodos se enquadram como superstrato. Esse argumento considera o período de permanência e de relativa estabilidade que esses povos tiveram com os hispano-romanos, diferentemente dos demais povos que invadiram a Península. Assim como Silva Neto (1957), Castro (2006) acentua que a maior influência de superstrato no português foi dos visigodos e que ela se limita ao vocabulário, como por exemplo, *raupa* > *roupa*.

Devido ao fato de que na sociedade hispano-romana as culturas linguística e administrativa romanas terem sido firmadas, a invasão germânica não causou impactos com transformações bruscas. Pode-se dizer que os invasores assimilaram a cultura dos povos Península-res e, por isso, a influência na língua foi restrita ao vocabulário. Algumas palavras presentes no português como *guerra* e *trégua* são de origem germânica, contudo elas já estavam no latim vulgar e, por isso, não são consideradas superstrato do português.

Parece haver um consenso de que a influência germânica no processo de formação das línguas românicas pode ter sido mais política do que diretamente linguística. Para Cardeira (2006, p. 30),

talvez o mais significativo resultado das invasões germânicas tenha sido o facto de concorrerem para a fragmentação linguística, não provocando diretamente enquanto **superstrato**, mudanças linguísticas, mas desmembrando o Império, fracionando a România, separando a área ocidental da oriental (com superstrato eslavo) a apartando a Península do resto do Império. (grifos da autora)

O isolamento e fracionamento da Península Ibérica provocado pela invasão germânica foi responsável por mais transformações na língua, de modo que o latim vulgar levado pelos romanos e transformado no romance continuava mudando ainda mais, constituindo

Uma viagem às origens do Português

talvez um romance visigótico, que, de certa forma, ainda apresentou até o século VII uma relativa unidade, porém com características distintas a partir do traço conservador da Hispânia Ulterior e do inovador da Hispânia Citerior.

No contexto de transformações linguísticas desencadeadas na região da Galécia, devido à sua romanização fraca e tardia, e à falta de uma vida cultural e econômica intensa, uma vez que era povoada por colonos agricultores e por mais de um século ter sido reino suevo isolado e separado do reino visigodo, a língua assumiu feições peculiares.

A chegada dos germanos não implicou a extinção do latim vulgar, ao contrário, a nova cultura e organização político-administrativa impulsionou as mudanças e definições das divisões linguísticas que levariam à transformação do latim vulgar e às atuais línguas românicas originadas na Península Ibérica.

O império dos visigodos durou até o século VIII quando os árabes invadiram a Península, fazendo que os hispano-godos, especialmente os integrantes da nobreza, se refugassem no Norte. Esse movimento de fuga deu origem a vários reinos no Norte, os quais, posteriormente, fariam o movimento da Reconquista.

A Península foi dominada e administrada pelos árabes por aproximadamente cinco séculos, o que levou à uma nova divisão da antiga sociedade hispano-romana: os hispano-godos ao Norte e mais ao Sul, os moçárabes, cristãos que não se converteram ao Islamismo, mas viviam sob o domínio árabe. Vários foram os confrontos entre cristãos e árabes, porém a maior resistência à dominação se deu no nível linguístico e cultural. De maneira forçosa, os moçárabes conviveram com a língua árabe.

Detentores de muito conhecimento, os árabes levaram para a Península Ibérica inovações nas áreas da agricultura, da culinária, da arquitetura, das artes, da medicina e da botânica, além de estudos linguísticos e filosofia. Juntamente com essas inovações, o léxico árabe constituiu o superestrato para o *romance* nessa região, contribuindo para a formação do moçárabe. Cardeira (2006) classifica o moçárabe como uma continuidade do romance visigodo, ou seja,

como um estágio do processo contínuo de mudança das múltiplas línguas ibero-românicas. Muitas são as contribuições do moçárabe ao léxico do português: *açafrão, almeirão, arroz, café, romã; azeite, azeitona, almôndega; açude, adobe, azulejo, alicerce, andaime; alfavaca, alfazema...*

Durante o período de domínio árabe, os moçárabes foram grandes empreendedores da manutenção da tradição latina na Península. Posteriormente, esses cristãos sob domínio árabe, aliados aos hispano-godos, lideraram o movimento de *Reconquista*, que foi decisivo para a configuração linguística da Península e das línguas românicas ibéricas.

Na parte Centro-Sul, os moçárabes, mesmo sujeitos ao árabe, conviveram e assimilaram essa língua, mas preservaram a origem latina, que não sofreu uma profunda transformação. Ao Norte, os hispano-godos, que se organizaram nos Estados Cristãos Medievais, também preservaram os vários romances, ou seja, a base latina. Esses dois polos representaram uma resistência ao processo de domínio árabe, diretamente correlacionada ao tipo de aculturação dos romanos e dos hispano-godos: os romanos integraram a Península à Roma e os hispano-godos integraram-se na sociedade hispano-romana. Essa integração cultural foi decisiva para o fortalecimento e para a manutenção da base latina nos romances ibéricos ao longo dos séculos.

O movimento de *Reconquista* teve origem nos reinos cristãos do Norte e se expandiu em direção ao Sul, expulsando os árabes, definindo fronteiras políticas e, conseqüentemente, fronteiras linguísticas dos reinos envolvidos. O processo de reconquista foi muito lento. A expulsão dos últimos árabes aconteceu em 1492.

As línguas com maior prestígio na Península eram faladas no Norte e representavam esses novos reinos e, por isso, elas se impuseram sobre as demais. Galiza e Portugal, Astúrias e Leão, Castela, Navarra e Aragão e Catalunha foram os novos reinos instituídos com a *Reconquista* e os romances falados nessas regiões foram assumindo características diferenciadoras e autonomia linguística. Para Castro (2006, p. 61), possivelmente “os contornos desses romances nascentes e as suas linhas de separação não fossem muito vincados e que, de

Uma viagem às origens do Português

um extremo a outro, o aspecto fosse o de um *continuum* linguístico gradualmente diferenciado”. Todavia, eles foram responsáveis por definir as diferentes línguas românicas da Península Ibérica.

A língua que se desenvolveu na região Noroeste Peninsular, a Galécia Magna, uma região que se inicia na Galiza e vai até onde atualmente é Aveiro, em Portugal, teve um ambiente favorável para a manutenção da proximidade do latim vulgar, provavelmente aquele levado pelos povos da Bética, que haviam dominado a região ainda no período de romanização. Dentre as condições para que essa língua adquirisse um formato diferente, mais conservador e menos inovador, destacam-se: resistência à romanização, isolamento, população constituída por colonos agricultores e sua posterior identificação como reino suevo, separado dos visigodos.

Ao longo desse período de reconquista, a língua do Noroeste da Península passou por mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas até ir se definindo no romance galego-português ou no galego, uma espécie de primeira feição do português para alguns ou, como defende Bagno (2011), uma língua que de fato que já existia desde o século VII, e nesse período da *Reconquista* foi levada para o Sul da parte ocidental da Península.

Com o tempo, essa língua passa por mudanças e se torna a língua oficial de Portugal, já no final do século XIII. Seguindo-se Bagno (2011), português surgiu então do galego, ou, em uma outra vertente, o português desmembrou-se do galego-português (CASTRO, 2006). Avançando nessa discussão, Bagno (2011) diz que é incoerente uma língua ter o nome em referência a um país que surgiria séculos depois dessa mesma língua.

Retomando-se, o romance falado na Galiza sofreu algumas mudanças consideradas fundamentais para a formação do galego ou do galego-português. De maneira resumida, pode-se falar das mudanças desencadeadas quando duas consoantes frequentes em posição intervocálica passam a ser apagadas e, como consequência, todas as palavras com essas consoantes sofrem mudanças sonoras radicais. Por exemplo, no ambiente do [n] intervocálico, ocorre nasalização da vogal anterior, que posteriormente é suprimida:

lana > *lãna* – *lãa* – *lã*. Fenômeno semelhante e em período concomitante também ocorre com a vogal [l] que sofre uma síncope e resulta no contato entre duas vogais: *dolore* > *door* – *dor*.

Outra mudança, também de natureza fonética, que aconteceu mais ou menos ao mesmo tempo das anteriores e é considerada como um diferenciador do galego-português da demais línguas ibéricas foi a transformação das consoantes [p], [c], [f], seguidas de [l]: *pluvia* > *tuva* – *chuva*; *clamare* > *tamar* – *chamar*; *flamma* > *tama* – *chama*.

O galego-português nasceu no extremo Noroeste em uma região que compreende a Galiza atual, a parte norte de Portugal e o ocidente das Astúrias, e foi aos poucos, conforme as necessidades da definição do território por meio do processo de reconquista, se expandindo para o Sul. O Norte-Noroeste se manteve mais conservador e a parte Centro-Sul de Portugal, mais inovadora, em função do tipo de estratégia de reconquista utilizado em cada uma dessas partes, conservadorismo atribuído à existência de uma população isolada, antiga, estável e densa, que assegurou uma unidade linguística ao se mostrar menos favorável às inovações. As consequências da oposição conservadorismo e inovação entre os dois grandes sistemas linguísticos estabelecidos na Península podem ser conferidas, por exemplo, no apagamento do *F* inicial latino que ocorreu em Castelhana, mas não no Português: *filiu* > *filho* (port.); *hijo* (cast.).

O Sul, por sua vez, passou por vários processos de reconquistas e repovoamentos que exigiram a comunicação entre povos de línguas diferentes, favorecendo inovações e nivelamento linguísticos. Na opinião de Castro (2006), o português da parte Centro-Sul de Portugal é consequência de uma transplantação do galego-português, que foi transformado pelo contato com a língua local, ascendendo sobre os dialetos de onde havia surgido, a região da Galécia Magna. Essa língua, seria base da norma culta nacional de Portugal, que a essa altura já havia se tornado uma entidade político-geográfica definida. A região onde nasceu de fato o galego, a atual Galiza, é um território integrado à Espanha. Somente no século XX, o galego foi reconhecido como língua oficial da Galiza.

Uma viagem às origens do Português

Seguindo-se o raciocínio de Bagno (2010), a língua trazida para o Brasil, por exemplo, é uma continuidade histórica do galego, que se transformaria no português brasileiro.

Obviamente, houve muitas transformações no português que no século XVI desembarcou no Brasil. Muitas variáveis concorreram e concorrem para que o PB se distanciasse do português de Portugal, mas há também de se considerar a hipótese de que no PB houve a potencialização de características linguísticas da língua daquela época. E, se assim o for, o PB é uma continuidade do português arcaico ou português médio (CARDEIRA, 2006).

Nos períodos iniciais da colonização do Brasil, o português era a língua de uma minoria de falantes, uma vez que a língua geral brasileira, de base Tupi, prevaleceu nas relações religiosas e comerciais da colônia. O português era de uso restrito dos portugueses e, no processo de estabelecimento do poderio de Portugal, passou a ser a língua de formação escolar. A língua geral prevaleceu, sobretudo, com a entrada das bandeiras para o interior do país. Foi a língua falada por índios, portugueses e mestiços. Depois da saída dos jesuítas, da chegada dos escravos negros, e da grande quantidade de imigrantes europeus em busca das riquezas das Minas Gerais a língua geral perdeu força e desapareceu.

Segundo Bagno (2011), no século XVII, cerca de 300 mil portugueses aportaram em terras brasileiras em busca de ouro e esse número causou um impacto no número de falantes do português, os quais, por sua vez, passaram a interagir com os negros e com os mestiços, desencadeando o predomínio linguístico do português (de base arcaica) em todo o território brasileiro. Naro e Scherre (2007) defendem que o português brasileiro popular atual mantém as características estruturais da língua trazida pelos portugueses no século XVI.

Na opinião de Bagno (2011), as profundas diferenças, além do léxico, que tornam o PB outra língua diferente daquela dos colonizadores não podem ser atribuídas apenas a uma deriva do PE. Ele argumenta em favor da relevante contribuição do elemento africano para a formação da gramática do PB. Negar esse fato, é assumir o ranço de

uma postura preconceituosa e discriminatória em relação ao negro. Muito equilibradamente, o autor pondera que existem mudanças que são universais em função de fatores cognitivos, mas por outro lado, há outras que apresentam motivações pontuais, como, por exemplo, o impacto dos africanos na língua falada no Brasil.

As características gramaticais atribuídas ao contato africano são específicas do PB e são atribuídas às línguas das famílias banto, dentre elas, merecem destaque: i) a tendência à omissão de consoantes finais ou a transformação delas em vogal, *mulhé*, *Brasiu* (palavras em banto nunca terminam em consoante); ii) a concordância de número somente no artigo ou em outro determinante, *as casa*, *dois carro* (no banto, o plural é marcado por meio de prefixos e não de terminações).

Tendo como referência os estudos de Eberhard Gartner, Bagno (2011) explica que a tendência à simplificação existente no PB é uma influência africana que se desenvolveu no período colonial, expandiu-se para o meio rural e hoje já está presente na fala culta. As línguas africanas cujos falantes aportaram no Brasil não apresentavam um sistema flexional como o português e isso não era transparente, por isso, esses falantes recorriam à simplificação do sistema verbal, à omissão de preposição, de pronome pessoal objeto, etc.

O contato entre os povos produz impacto nas gramáticas das línguas e, por isso, as línguas românicas são tão parecidas e tão diferentes. E, é também isso que faz do PB uma língua distinta do português de Portugal. Apesar disso, a norma padrão divulgada no Brasil ainda é orientada por uma gramática normativa que não reflete vivência linguística dos brasileiros, mas essa é outra importante discussão futura!

Referências

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2011.
- BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Hipercorreção e analogia: o caso dos participios passados. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. *Funcionalismo linguístico. Diálogos e vertentes*. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, p. 141-156.

Uma viagem às origens do Português

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de M. da G. Novak et al. Campinas: Pontes, 2005.

CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006.

CAMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Contexto. 2001.

MAURER JR., H. T. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *As origens do português brasileiro*. São Paulo. Parábola. 2007.

SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990.

2.

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile (Sec. XIX-XX)

MONICA LUPETTI

Perché una ricerca sulle grammatiche e gli altri strumenti per l'apprendimento dell'italiano da parte di lusofoni a cavallo tra XIX e XX secolo? Perché sono un caso minore, ma interessante, per la comprensione di un fenomeno più ampio, che è quello del consolidarsi graduale, nel XX secolo, della variazione linguistica e culturale tra portoghese europeo e portoghese brasiliano. Quale significato attribuire al fatto che, in quest'epoca, compaiano corsi di italiano che, invece di essere indirizzati solo ai portoghesi, sono “adaptado[s] ao uso dos Portugueses e dos Brasileiros”? È solo un espediente di marketing, in vista della conquista di un mercato potenzialmente molto ampio, quello brasiliano, che consentiva di superare le anguste e forse crescenti strettoie della diffusione dell'italiano nel solo Portogallo? Oppure la parola “adaptado” è da prendere sul serio, come un tentativo di andare incontro anche alle esigenze istituzionali e sociolinguistiche dell'insegnamento delle lingue straniere nel Nuovo Mondo? E che significato ha la decisione di alcuni librai-editori brasiliani di smettere di importare manuali e grammatiche dal Portogallo e di produrne di proprie in Brasile? In che misura le grammatiche assecondano e accompagnano quel processo di diversificazione linguistica e culturale che porterà il portoghese europeo e il portoghese

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

brasiliano a configurarsi come due diverse varianti di una stessa lingua, se non due lingue diverse?

Il caso è interessante anche perché l'italiano, pur non essendo una delle principali lingue straniere di comunicazione (a differenza di francese, inglese e spagnolo) è una lingua che per il mondo lusofono ha sempre contato molto, in Portogallo per la presenza di una comunità italiana legata al teatro, alla musica, alla cultura e all'emigrazione politica, in Brasile, assieme al tedesco, come lingua di una delle più numerose comunità di migranti naturalizzati nel paese, quindi lingua da coltivare, apprendere, anche come tramite di nuovi contatti culturali – un caso che abbiamo studiato è quello delle traduzioni di libri italiani di economia politica (LUPETTI; GUIDI, 2014, p. 135-183) – e di economici, e lingua il cui insegnamento è da istituzionalizzare.

Scopo principale di questo intervento è studiare le grammatiche di italiano per lusofoni nel periodo che va dagli anni Ottanta dell'Ottocento al primo decennio del Novecento, allo scopo di verificare se a una variazione del destinatario che corrisponde alla scelta di uno o l'altro, o entrambi i pubblici nazionali, portoghese e brasiliano, corrispondano fenomeni di adattamento linguistico e contenutistico (glossari, dialoghi, esempi) che forniscono l'indizio dell'approfondirsi di una variazione diatopica tra i due contesti.

In secondo luogo, risulta evidente che al processo di allargamento/diversificazione geografica del pubblico destinatario di queste grammatiche fa da *pendant* un ulteriore interessante processo che rientra nell'alveo della variazione testuale, e cioè una variazione di genere tra le grammatiche concepite come testo normativo e supporto didattico, da un lato, e grammatiche per l'auto-apprendimento, dall'altro. Poiché risulta che per ognuno di questi generi ci siano esempi concorrenti di testi concepiti per l'uno e/o l'altro pubblico nazionale, sarà possibile domandarsi se nell'uno o nell'altro genere, sia per ragioni istituzionali (regolamenti didattici), sia per ragioni di mercato, la variazione linguistica e contenutistica appaia più o meno evidente.

Questo studio si suddivide in due parti: nella prima parte studieremo gli aspetti di diversificazione e variazione che riguardano le tipologie di grammatiche e di destinatari, ossia quella che possiamo

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

definire una “storia esterna” o “variazione esterna” dei manuali per l'apprendimento linguistico, mentre nella seconda parte entreremo nel vivo dei contenuti delle diverse tipologie individuate per verificare in che misura alla variazione esterna corrisponda una “variazione interna” delle strategie di insegnamento linguistico. Per ragioni di compattezza, ci limiteremo in questa parte ad alcune considerazione di carattere macrostrutturale, rinviando l'approfondimento microstrutturale ad uno studio successivo e dedicato.

Variazione esterna nelle grammatiche di italiano

Iniziamo da una rassegna che metta in evidenza le tipologie di variazione testuale appena enunciate. Delle tredici grammatiche di italiano per lusofoni che vedono la luce tra il 1869 e il 1910, una sola (le succinte *Primeiras linhas de grammatica italiana*, di João Félix Pereira, Lisboa 1890, peraltro prive di paratesto) non fa riferimento ad alcun contesto nazionale dei destinatari, mentre tre riportano nel titolo espressioni come “ao uso dos portuguezes”, “para os portuguezes” o “para uso dos portuguezes”. Si tratta della *Grammatica da lingua Italiana para uso dos Portuguezes*, di António Vieira Lopes (1869); della *Grammatica Italiana para os Portuguezes*, di Giuseppe Cavajani (1879); infine del *Curso de Lingua Italiana. Methodo de Ahn, ao uso dos Portuguezes*, di Henrique Brunswich, ossia Heinrich Brunswich (1879). Significativamente, questi tre manuali si pongono all'inizio del periodo da noi studiato e sono eredi, almeno i primi due, di una tradizione grammaticale che affonda le sue radici nel Portogallo del Settecento e dei primi decenni dell'Ottocento. Grammatiche di italiano come quelle di António Michele (1807) e di António Profumo (naturalizzazione dell'italiano Antonio Profumo) (1829) erano nate, in questo contesto, soprattutto come risultato di esperienze didattiche per lo più private, legate al mondo delle arti e dell'Opera ruotante attorno al Teatro S. Carlos di Lisbona e ad alcuni teatri minori, nonché a circoli aristocratici e mecenatizi, come quello capitanato da Joaquim Pedro Quintela, conte di Farrobo.

A partire dal 1880, invece, le grammatiche che compaiono a Lisbona o a Oporto riportano nel titolo la doppia destinazione,

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

portoghese e brasiliana. Si tratta, in particolare, della fortunatissima *Grammatica da Lingua Italiana para Uso dos Portuguezes*, di Giovanni Carciatto (pubblicata congiuntamente a Lisbona e Oporto nel 1880), che tra l'anno di prima pubblicazione e il 1918 passa attraverso almeno nove edizioni, diventando a partire dalla settima “*para Uso dos Portuguezes et Brasileiros*”; della *Grammatica Italiana para uso dos Portuguezes e Brasileiros em 19 Lições*, di José Cervaens y Rodriguez (Porto 1895) di cui risulta una seconda edizione pubblicata nel 1896 sempre a Oporto (Cardoso, 1994, p. 200); e della *Grammatica da Lingua Italiana para uso dos Portugueses e Brasileiros*, di Emilio Augusto Vecchi (Lisboa, 1901), di cui risulta una seconda edizione nel 1915 “*aprovada pelo Conselho Escolar do Conservatorio e pelo Conselho Superior da Instrução Publica*”. A queste tre opere ne vanno aggiunte altre due: *O Mestre Popular, ou O Italiano sem Mestre, ao alcance de todas as intelligencias e de todas as fortunas, adequado ao uso dos portuguezes e dos brasileiros*, di Joaquim Gonçalves Pereira, pubblicata a spese dell'autore a Lisbona, senza indicazione di data, ma probabilmente attorno alla metà degli anni Ottanta, e forse riedita più di una volta fino agli inizi del Novecento (l'assenza di datazione delle copie rende difficile affermazioni perentorie in proposito); infine il longevo *O Italiano sem Mestre em 50 Lições*, di Jacob Bensabat, pubblicato dalla Livraria Ernesto Chardon di Porto (di cui è erede la Lello & Irmão Editores), nel 1910, e la cui quinta edizione appare, sempre per cura dello stesso editore, nel 1951.

La maggiore popolarità di queste opere, rispetto al periodo anteriore, è un chiaro segno dell'allargamento del pubblico a esse interessato. Significa questo che erano riuscite a raggiungere anche il pubblico brasiliano? La risposta può essere solo parziale, allo stato attuale delle informazioni raccolte, e articolata caso per caso.

Cominciando con la grammatica di Carciatto, si può osservare come essa venga rilevata a partire dal 1900 dagli editori Tavares Cardoso & Irmão, sempre localizzati a Lisbona, ma con legami con il Brasile: eredi della impresa dello zio, Henrique de Araújo Godinho Tavares, (un “suddito brasiliano”, nato a Nossa Senhora da Nazaré da Vigia (Pará) nel 1855 e figlio di padre portoghese e madre brasiliana, che era stato direttore responsabile e poi socio della casa editrice

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Mattos Moreira & Cia), i fratelli Avelino e Eduardo Tavares Cardoso di Belém (nella provincia del Pará) attivarono un intenso commercio di libri della casa editrice lisboeta, attarverso la Livraria Tavares Cardoso & Irmão da loro fondata in quella città. Nel 1972 Avelino Tavares Cardoso si spostò a Lisbona, associandosi con Mattos Moreira in sostituzione dello zio, e poi rilevando la casa editrice con la ragione sociale dei due fratelli (Garcia 2016). Come altre opere stampate a Lisbona, la grammatica di Carciatto entra dunque nel mercato brasiliano attraverso la vivace porta nordestina. A partire dal 1911, poi, le ulteriori edizioni vengono pubblicate da Santos & Vieira – Empreza Litteraria Fluminense, una casa editrice di Lisbona già attiva negli anni ottanta con legami col mercato librario brasiliano, come il suo nome indica. Carciatto inoltre partecipa al concorso del 1879 per la cattedra di italiano istituita presso il del Colégio Pedro II di Rio de Janeiro, una scuola secondaria di *élite* preparatoria agli studi universitari, in particolare a quelli giuridici. Al concorso risultò vincitore Gregorio Lipparoni, autore di una grammatica di cui parleremo brevemente tra poco. Lipparoni, però, dopo poco abbandonò l'incarico per rientrare in Italia. Non sappiamo, allo stato attuale delle nostre conoscenze, chi gli sia succeduto, ma nulla lascia pensare che si tratti di Carciatto, anche perché nessuna edizione della sua grammatica sembra essere stata pubblicata in Brasile. Della sua circolazione si ha invece una relativa certezza, perché l'opera è spesso pubblicizzata nella stampa brasiliana. Il *Correio Paulistano* la annuncia più volte (cfr, ad es. Terça feira, 11 de maio de 1880), indicandone prezzo (5 réis) e ricordando che si tratta di “Obra approvada pela junta consultativa de instrução publica”. Il *Cearense* del 13 maggio 1890 ospita una pubblicità della Libro-Papelaria de Gualter R. Silva di Fortaleza, che elenca tra i libri scolastici in vendita la Grammatica di Carciatto assieme all'*Italiano sem Mestre* di Gonçalves Pereira, al *Diccionario Italiano-Portuguez* di Antonio Prefumo e al *Novo Diccionario Italiano-Portuguez*, di Raqueni e La Fayette. Ma più importante di tutte queste notizie è la testimonianza di Camillo Vanzolini, professore d'italiano nel Ginnasio di Campinas, che racconta nella prefazione al suo *Curso theorico pratico da lingua italiana* (S. Paulo, frat. Bertolotti, 1905, p. 14-15) di aver adottato – prima di pubblicare il proprio manuale – il testo di Carciatto per gli

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

studenti del terzo anno, e il metodo Ahn di Francisco d'Oliveira (Rio de Janeiro, 1896) per quelli del primo e secondo, così come avevano fatto altri suoi colleghi, tra cui il suo predecessore João Keating e Filippo De Lorenzi, professore d'italiano a São Paulo. Queste notizie sono importanti, perché rivelano i progressi dell'istituzionalizzazione della lingua italiana come lingua straniera insegnata nel sistema educativo dell'impero, in un periodo in cui le riforme del sistema educativo dell'ex-madrepatria, invece, se facevano uno spazio crescente all'insegnamento delle lingue straniere, limitavano però queste ultime al francese e all'inglese, con qualche spazio lasciato solo al tedesco (SANTOS 2009). Una testimonianza ulteriore, questa, dell'importanza che la moderna società brasiliana rivestiva come mercato di sbocco delle grammatiche di italiano.

Poco sappiamo circa il successo relativo sulle due sponde dell'Atlantico delle altre due grammatiche sopra elencate, quelle di Cervaens y Rodriguez e quella di Vecchi, e poco significativo è il dato di una riedizione per ciascuna di esse per ipotizzare una loro circolazione anche in Brasile. La seconda edizione della grammatica di Vecchi, tuttavia, è pubblicata dalla Livraria Aillaud e Bertrand, una delle case editrici maggiormente impegnate nella conquista del mercato brasiliano. Già si è detto della presenza in Brasile del metodo di autoapprendimento di Gonçalves Pereira, fatto tanto più significativo, in quanto questo autore in sostanza commercializzava le sue opere in proprio, al di fuori dei circuiti librari più importanti.

Si deve anche accennare al fatto che i due metodi di autoapprendimento di Brunswick e Bensabat sono ampiamente presenti sul mercato brasiliano, come attestano, nel caso del primo, una *Bibliographia portugueza e estrangeira*, Vol. 4, pubblicata dall'editore portuense Ernesto Chardron (1883, p. 129), un catalogo della Livraria Garnier di Rio de Janeiro (p. 15 e 101), nonché una testimonianza nella *História do Brasil: adaptada ao ensino primário e secundário*, di João Ribeiro (Livraria Cruz Coutinho, 1900, p. 324).

Concludiamo questa rassegna accennando alle prime grammatiche che vedono la luce in Brasile prima del 1910. Come si è detto, sia quella di Lipparoni (1880) che quella di Vanzolini (1905) trovano la

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

loro ragion d'essere nell'esistenza di insegnamenti di italiano nei ginnasi e licei brasiliani. Vanzolini è esplicito nello spiegare che la sua scelta di curare una grammatica è legata sia alla necessità di ottemperare ai programmi ufficiali di insegnamento imposti dal governo brasiliano, sia a esigenze di efficacia della didattica, alla necessità di corrispondere meglio al bagaglio culturale proprio degli studenti brasiliani e alle esigenze della lingua da loro parlata. Interessante è infine il caso del metodo di autoapprendimento "Ahn" adattato al pubblico brasiliano da Francisco Alves.

Il caso di questo editore e volgarizzatore è assai interessante: Francisco Alves d'Oliveira (Lisbona, 1848 – Rio de Janeiro, 1917) fu un importante libraio ed editore di Rio de Janeiro. La sua casa editrice, Francisco Alves, era stata fondata dallo zio, Nicolau Antônio Alves in società con un patrizio locale. Francisco entrò in società con i due nel 1863 e, a causa del suo temperamento irascibile, rimase ben presto solo al comando dell'impresa. La casa editrice fece fortuna specializzandosi nel settore dei libri scolastici e universitari, lasciato scoperto dai due principali editori brasiliani dell'epoca, Garnier e Laemmert. L'editore intese intercettare la domanda che si era venuta a creare non solo per i progressi dell'istruzione obbligatoria, ma anche per la maturata consapevolezza del distacco del portoghese brasiliano dal portoghese europeo, stampando manuali di grande successo nelle più svariate discipline. La strategia di espansione della ditta si sviluppò attraverso l'apertura di filiali a São Paulo, Belo Horizonte e in altre città, nonché tramite l'acquisizione di altri editori – tra cui, nel 1909, la Laemmert stessa – soprattutto allo scopo di acquisire i diritti su libri e collane di grande popolarità.

Ma Francisco Alves fu anche autore di opere didattiche da lui stesso pubblicate sotto diversi pseudonimi. In particolare compose con la firma di Guilherme do Prado i *Princípios de Composição* e i *Trechos dos Autores Classicos* (entrambi nel 1880) e, con lo pseudonimo di F. d'Oliveira e la collaborazione di J. Monteiro, un *Dicionario Practico Francês-Português* e un *Novo Atlas de Geographia* (di entrambe le pubblicazioni non è stato possibile reperire copia nei cataloghi delle principali biblioteche). Sempre sotto lo stesso nome, e grazie alla conoscenza di varie lingue straniere, tra cui l'italiano,

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

curò successivamente gli adattamenti al portoghese delle grammatiche di Ahn relative al francese (1895), inglese (di cui risulta una 23a edizione del 1935 e ancora una 43a edizione del 1963), tedesco e, appunto, italiano. Di molti di questi lavori non esiste traccia nei cataloghi delle principali biblioteche portoghesi e brasiliane, anche se fortunatamente abbiamo potuto reperire una copia del metodo di italiano (cfr. Hallewell 2012, p. 299-330, cui rinviamo per un profilo completo di questo autore-editore).

I casi analizzati hanno in comune l'esigenza di produrre metodi grammaticali che corrispondessero, meglio di quelli concepiti in Portogallo e sia pure circolanti in Brasile, alla cultura, alla lingua e ai regolamenti didattici della nuova nazione brasiliana. In questo senso, la variazione geografica dei destinatari si annuncia, almeno in linea di principio e nelle intenzioni degli autori, come frutto di una incipiente differenziazione delle due società lusofone di qua e di là dall'Atlantico.

Ma, come si è accennato, esiste un'altra variazione esterna significativa, nel nostro caso, e trasversale a quella appena individuata. Si tratta di una differenziazione di genere, metodo e finalità, tra grammatiche teoriche e pratiche concepite come supporti didattici, da un lato, e metodi pratici per l'autoapprendimento, dall'altro. Le prime si adattano a corsi di durata pluriennale (tre anni, nei ginnasi brasiliani), effettuati sotto la guida di un insegnante. Esse mirano a trasmettere, assieme alle diverse competenze linguistiche necessarie alla pratica di una lingua, anche una consapevolezza teorica e normativa circa le caratteristiche della lingua studiata. Vedremo nella seconda parte in che misura esse sono tradizionali o innovative, ma è forse più interessante soffermarsi sui metodi di autoapprendimento.

Nel nostro caso abbiamo due metodi, quello di Heinrich Brunswick e quello di Francisco Alves, derivati da quelli proposti dal grammatico tedesco Johann Franz Ahn a partire dal 1834 e divenuti popolari in tutto il mondo, un metodo, quello di Bensabat che si innesta sul precedente di Brunswick-Ahn, e quello di Gonçalves Pereira basato invece sul metodo di Heinrich Gottfried Ollendorff. Già si è detto a proposito di Francisco Alves che la sua grammatica di italiano segue

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

quelle relative a francese, inglese e tedesco. Si tratta, come è facile vedere, delle due principali lingue veicolari globali del XIX e XX secolo e delle due lingue parlate dalle più numerose comunità di immigrati verso il Brasile. Il caso di Pereira è egualmente significativo: nato nel 1839 a Samuel, nel concelho di Soure, Joaquim Gonçalves Pereira fu maestro elementare a Figueira da Foz, trasferendosi successivamente a Madrid e poi a Lisbona. Pereira dedicò la vita a comporre, pubblicare e vendere in proprio una serie di grammatiche basate su un medesimo metodo: *O Mestre Popular ou o Francês sem Mestre, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas* (Lisboa, 1878); *O Mestre Popular ou o Inglês sem Mestre* (Lisboa, 1879); *O Mestre Popular ou o Espanhol sem Mestre* (Madrid, 1883); *O Mestre Popular ou o Italiano sem Mestre*, pubblicato anch'esso a sue spese a Lisbona, probabilmente negli anni 1880; infine, in collaborazione con Theodor Karl Schneider, *O Mestre Popular ou o Alemão sem Mestre, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas, adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros* (Lisboa, 1900). Inocêncio menziona come in corso di preparazione anche un *Novo Methodo da Lingua Latina, pelo systema Ollendorf, aperfeiçoado*, di cui non risulta traccia, anche se esiste un'opera analoga curata però da Manuel Bernardes Branco (1887).

In realtà gli originali tedeschi riguardano una gamma di lingue molto più ampia: a ciascuna è applicato lo stesso cliché, la stessa “tecnica”, che promette l'apprendimento rapido e facile di un discreto livello di competenza linguistica a tutti i tipi di intelligenza. E' una “meccanica della lingua” che sembra corrispondere non solo metaforicamente alla meccanica dell'industria e adotta criteri di efficienza e speditezza tipici del mondo industriale e commerciale dell'epoca. Questi metodi possono essere visti alla Foucault come dispositivi disciplinari che chi ha necessità pratica di apprendere una lingua si auto-impone al fine di ottenere l'output desiderato: la competenza linguistica soprattutto nel parlato: dispositivi, tecniche, che sostituiscono il maestro umano e il portatore di una cultura specifica con una disciplina impersonale, meccanica e pressoché indifferente alle specificità di ciascuna lingua e di ciascuna cultura. E così un solo autore, come quelli che abbiamo elencati, si ritiene perfettamente in grado di offrire grammatiche nelle lingue più diverse. Le traduzioni

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

-adattamenti sono a loro volta significative, in quanto lasciano trasparire la selezione di lingue che sono domandate dal pubblico nazionale di riferimento, offrendo così uno spaccato sulla società del tempo e sui suoi bisogni.

Incrociare l'osservazione dei due tipi di variazione testuale può essere interessante, come si è accennato all'inizio, proprio perché i diversi contesti di riferimento, il mondo dell'istruzione secondaria, in un caso, quello del mercato e dell'immigrazione, nel secondo caso, sono portatori di esigenze diverse e di diversi livelli di linguaggio.

Nella sua prefazione, Vanzolini spiega che il metodo Ahn poco si adatta ai suoi studenti anche perché è compito dell'istruzione scolastica far apprendere agli studenti non solo la lingua parlata dai contemporanei, ma anche la lingua letteraria e la lingua aulica, basi di una più approfondita maturazione culturale e intellettuale. Come si declinano questi strumenti diversi nei diversi contesti nazionali, quello portoghese e quello brasiliano? Sono già visibili, all'alba del Novecento differenze percettibili?

La tabella 1 riassume sinteticamente le tipologie appena descritte.

Tabella 1: Variazione testuale nelle grammatiche di italiano per Portoghesi e Brasiliani

	Pubblicate in Portogallo e rivolte a un pubblico portoghese	Pubblicate in Portogallo e rivolte a portoghesi e brasiliani	Pubblicate in Brasile per un pubblico brasiliano
Testo normativo-didattico	Vieira Lopes (Porto, 1869) Cavajani (Lisboa, 1879)	Carciatto (Lisboa-Porto 1880) Cervaens y Rodriguez (Porto, 1895) Vecchi (Lisboa, 1901)	Moreira (Rio de Janeiro, 1879) Lipparoni (Rio de Janeiro, 1880) Vanzolini (São Paulo, 1905)
Metodo di auto-apprendimento	Brunswick-Ahn (Porto, 1879)	Gonçalves Pereira (Lisboa, 188[3?]) Bensabat (Lisboa, 1910)	Oliveira-Ahn (Rio de Janeiro, 1896)

Variazione interna nelle grammatiche di italiano

Passiamo adesso all'analisi di alcuni casi di variazione o, come vedremo, mancata variazione "interna", dove, per interna, intendiamo i contenuti teorico-pratici delle grammatiche selezionate.

La *Grammatica da Lingua Italiana para Uso de Portuguezes (e Brasileiros*, dalla 7^a edizione) (Lisboa, Lisboa & C.^a Livreiros Editores¹, 1880) di Giovanni Carciatto è concepita come uno strumento per lo studio dell'italiano² da parte di un utente colto e nasce dalla lunga esperienza didattica dell'autore. Carciatto (1988) considera lo studio di una lingua come parte essenziale di una solida formazione culturale e rivela in apertura al volume una prospettiva comparatista che, se da un lato proprio in quest'epoca si sta diffondendo tra i filologi e gli studiosi di linguistica, dall'altro non appare invece per niente scontata se adottata da autori di manuali di lingue straniere, considerando che talvolta queste figure esercitavano professioni solo affini a quelle della docenza. Carciatto manifesta anche un'insolita sensibilità verso gli studi etimologici e un'attenzione al fine ultimo dello studio linguistico, ossia stimolare l'apertura e la formazione di un bagaglio culturale che porteremo con noi per tutta la vita (CARCIATTO, 1880, p. 1).

- 1 L'indicazione che compare di seguito "Fornecedores de SS. MM. de Portugal e de Brazil" testimonia, anche per quanto concerne la manualistica di italiano, la volontà editoriale di aprirsi al mercato brasiliano, legittimando le proprie "mire espansionistiche" attraverso il re e la corte.
- 2 In questo testo introduttivo, la lingua italiana è oggetto di un attento elogio che ricorda gli esercizi retorici dello stesso genere presenti nei testi del XVI e XVII secolo. Tale elogio serve ad accrescere il prestigio dello stesso lavoro di Carciatto, enfatizzando la pretesa importanza internazionale dell'italiano. Analogamente ad altre grammatiche italiane coeve, questo testo si sforza di sfatare il mito secondo il quale la lingua corrente in Italia sarebbe il francese. La lingua italiana è presentata come «companheira do nascente esplendor que illuminou toda a Europa, glorificada por tantas intelligencias sublimes cuja fama se tornou immortal [...] magestosa e robusta na eloquencia, suave, rapida e affectuosa na (1951) poesia, companheira inseparavel da musica, lingua admirada pelas outras nações, que se exprimem d'um modo menos colorido, menos doce na manifestação do pensamento e do affecto» (CARCIATTO, 1880, p. 2). Un elogio simile si trova nelle pagine iniziali della grammatica di Jacob Bensabat (cfr. *infra*).

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Ritiene, inoltre, che la legittimazione del suo lavoro sia strettamente legata al riconoscimento del fatto che solo lo studio delle lingue moderne consente quel processo di comparazione che ha come punto finale il raggiungimento della completa consapevolezza delle caratteristiche della propria lingua materna.

Il metodo seguito nel comporre il manuale è dunque, a suo dire, in linea con quello più frequentemente adottato nelle scuole italiane e, proprio in nome della comparazione, vedremo come egli faccia della traduzione l'esercizio principale della sua opera. L'organizzazione dei contenuti è coerente con la suddivisione classica della grammatica in etimologia, sintassi, prosodia e ortografia. Suddivisione, questa, destinata a scomparire, come vedremo, già nei testi di immediatamente successivi.

La sezione relativa alla sintassi è, se comparata con altre grammatiche, di gran lunga meno sviluppata. Comprende infatti unicamente i capitoli XL-XLII (1880: 235-245); pur affrontando gli argomenti che più interessano la sintassi, colpisce la loro poco estesa trattazione:

- la concordanza degli articoli e degli aggettivi con i sostantivi;
- la concordanza del verbo con il soggetto;
- il participio e il gerundio;
- la concordanza del participio;
- la reggenza dei verbi;
- la costruzione della frase;
- le figure retoriche;
- sinonimi apparenti.

Quella della traduzione è, come in molte opere coeve, la tipologia predominante tra gli esercizi. Prendendo a mo' di esempio il capitolo in cui vengono trattati i verbi regolari della III coniugazione (cap. XXV), diremo allora che dopo una lista di verbi esemplificativi della coniugazione in oggetto, viene proposto un "thema", ossia di una traduzione dall'italiano al portoghese:

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

THEMA XIX (1880: 117)

Eu visto-me e sigo-te. Se não seguirdes os meus conselhos, arreponder-vos-heis d'isso. Eles dormirão quarta feira em uma aldêa [...].

Al “thema” fa seguito solitamente un piccolo “vocabulario”, che ha la funzione di suggerire le parole più complesse o insolite contenute nel “thema” stesso e, infine, un esercizio di brevi ma insidiose frasi da tradurre dall'italiano al portoghese (1880: 118-119).

La parte del volume dedicata all'ortografia è quella che, in termini di variazione, si rivela più innovativa in quanto presenta una nuova tipologia di esercizio: dopo lo svolgimento del “thema” di cui parlavamo poc'anzi, viene cioè richiesto all'utente del manuale di correggere frasi presentate di proposito con alcuni errori al loro interno. Gli errori possono riguardare le regole di sintassi, la coniugazione dei verbi e soprattutto l'ortografia. Eccone un breve esempio (1880: 253):

II

Enrichetta e Franceschina sono bambini vispi, allegri e vivace.

La nave senza governo è spinta or qua, or la.

Queste fanciulline sono rispettose, savie, obediende e modeste.

Catterina e Luigia sono autore di varie eccellente operette.

[...]

Il flauto è uno strumento da fiato.

[...]

Il scarpellino intaglia la pietra.

La sezione posta a chiusura dell'opera, che viene ampliata fin dalla seconda edizione, comprendendo testi di varia tipologia, ma esercizi basati ancora quasi esclusivamente sulla traduzione, si apre con una “colleção das palavras mais necesasarias” che, per le aree semantiche contemplate, ricorda nitidamente i glossari contenuti nella grammatiche settecentesche e che per evitare inutili ripetizioni, esemplifichiamo solo da qui a breve, a proposito di Cervaens e Rodrigues.

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Il *corpus* di dialoghi di Carciatto è molto ridotto rispetto a quello di alcuni predecessori quali Antonio Michele e António Prefumo ed ha in parte lo scopo di porre in risalto la variazione diatopica dell'italiano, ponendo come testo a fronte dodici conversazioni tenute in italiano e tradotte nella varietà piemontese, in quella milanese, in dialetto veneziano, in modenese, in bolognese, in genovese, senese, fiorentino, e, ancora, in napoletano, calabrese e palermitano.

Il testo risulta piuttosto variegato, se comparato con gli altri che vedremo di seguito, perché comprende anche:

- alcune poesie e “squarci di bello stile”, cioè esercizi di lettura basati su estratti da autori famosi³.
- una sezione di frasi familiari
- una sezione di modi di dire e proverbi
- una sezione di lettere familiari e
- una sezione di lettere commerciali.

Continuando sugli esempi di testi istituzionali e didattici, alle soglie del XIX secolo (1895) esce a Porto, per i tipi di Lello & Irmão (Livraria Chardron), un'opera esplicitamente rivolta non solo al pubblico portoghese ma anche a quello brasiliano: si tratta della *Grammatica Italiana para Uso dos Portuguezes e Brasileiros em 19 lições* di José Cervaens y Rodriguez⁴. Nonostante questo “annun-

3 Autori famosi, antichi e moderni, vengono saccheggianti per fornire citazioni. Tra loro Niccolò Tommaseo, autore del ben noto dizionario italiano che, come sostenuto da Marazzini (2009: 282) «ha mantenuto la sua validità come strumento di consultazione fino a tutto il Novecento».

4 Insegnante nella scuola primaria e secondaria e pubblicista, nato a Porto nel 1870, ma di famiglia galiziana, José Cervaens y Rodriguez fin da giovane fu attivamente impegnato nella vita pubblica cittadina, prendendo le difese della comunità spagnola di Porto nel 1890 e partecipando alla rivolta del 31 gennaio 1891, primo episodio della lotta per instaurare un regime repubblicano in Portogallo. Fu redattore capo dell'effimero periodico *La Unión Española*, un tentativo di creare un organo della colonia spagnola in Portogallo (Typ. Occidental, Oporto, lug.-ago. 1894). Fu inoltre un attivista del movimento mutualistico. Oltre che della grammatica di italiano, è autore anche di una *Grammatica Hespanhola Theorico-prática para Uso dos Portugueses* (1895). Cfr. Rogelio PONCE DE LEÓN ROMEO, «Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia», in *Las gramáticas y los diccionarios en*

cio” sul frontespizio, è bene precisare che nell’opera non si riscontra alcun riferimento a caratteristiche della norma brasiliana che avrebbero potuto, per esempio, facilitare l’apprendimento di alcune peculiarità sintattiche dell’italiano, favorendo un apprendente brasiliano rispetto a uno portoghese. Il richiamo nel titolo ad un possibile apprendente brasiliano è dunque da intendersi, in questo caso, come una strategia di mercato, che puntava ad ampliare il pubblico dei possibili acquirenti.

Sebbene palesemente più esile di gran parte delle grammatiche di italiano che lo hanno preceduto, l’autore presenta il suo lavoro come il più completo tra quelli pubblicati negli ultimi decenni, in particolare per il rilievo che dà al tema dell’accentazione. L’unità didattica in Cervaens y Rodriguez si apre con la selezione di un argomento di tipo grammaticale che viene illustrato in primo luogo attraverso uno schema (talvolta sotto forma di tabella), in seguito attraverso una breve spiegazione e, infine, se ne verifica l’apprendimento con lo svolgimento di un “tema”, come avveniva nel caso di Carcia-

la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad (coords. M^a Auxiliadora Castillo Carballo, Olga Cruz Moya, Juan Manuel García Platero y Juan Pablo Mora Gutiérrez), Sevilla, Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 2005, 675-682, spec. p. 678. Pubblicò nel 1911 l’opera *Literaturas Mortas* (*Breves Estudos sobre as literaturas galega, euskara, italiana e catalã* (Porto, Lopes), considerata opera pionieristica nel campo della letteratura comparata, e una raccolta di saggi sulla letteratura spagnola (*A Travez da Hespanha Litteraria; breves estudos sobre a litteratura hespanhola antiga e moderna*, Porto, Typ. da empreza litteraria e typographica, 1901). È anche autore di un manuale di economia (*Conhecimentos Elementares de Comércio e Indústria*, Braga, Livraria Central, 1899. Cfr. Armando Castro, *A Revolução Industrial em Portugal no Século XIX*, 4a ed., Porto, Limiar, 1978, p. 252) e di alcuni scritti di carattere politico ed economico di cui però si sono perse le tracce. Ancora negli anni trenta è impegnato, su posizioni autonomiste ma non separatiste, in alcuni dibattiti sulla stampa periodica circa lo statuto della Galizia (Cfr. Norberto Ferreira da Cunha, *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa*, in María Xosé Agra Romero, in María Xosé Agra Romero, María José Agra Romero, Nel Rodríguez Rial (coord.), *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras : actas do IV Simposio internacional luso-galaico de filosofia*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 2003, p. 231-304, spec. p. 271-272). Per maggiori dettagli si rinvia *ad vocem* in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Enciclopédia Editora, 1900.

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

tto, accompagnato da una breve lista di vocaboli. L'immagine che mostriamo può far apprezzare quanto l'opera di Cervaens y Rodriguez si accosti, sia dal punto di vista formale sia da quello contenutistico, al metodo tradizionale, e quale rilievo venga dunque attribuito alla pratica traduttiva.

A conclusione del volume di Cervaens y Rodriguez viene dato rilievo alla componente pragmatica, attraverso l'inserimento di un glossario bilingue. Nonostante la presenza di un glossario sia uno degli elementi che testimoniano chiaramente l'adesione di un'opera ai canoni del metodo tradizionale, dobbiamo segnalare che tale glossario, pur invitando l'apprendente a una riflessione di tipo traduttivo e a una memorizzazione immediata del traduce, non è strutturato in ordine alfabetico e riprende in modo semplificato la nomenclatura proposta anche da Carciatto sulla scorta di quanto aveva già costruito Caetano de Lima più di centocinquant'anni prima⁵:

-
- 5 Il *Compendio de varios nomes propios e termos particulares de artes e ciencias, dividido por classes de materias* nella *Grammatica Italiana* (1734, p. 351-407) di Caetano de Lima è così suddiviso: *Hemisferio Superior, Hemisferio Inferior, Do Tempo, e Suas Partes, Mezes, Dias da Semana, Festas do Anno, Estaçoens do Anno, Dignidades Ecclesiasticas, Dignidades Seculares, Partes de huma Cidade, Partes de hum Edificio, Ornato de huma Caza, Partes do Corpo, Sentidos, Qualidades do Corpo e Seus Defeitos, Adorno de Homem, Ornato de Mulher, Grãos de Parentesco, Idades, Estados, Condiçoens diferentes, Artes Liberaes, Officios Mechanicos, Nomes de Naçoens, Nomes de varios Estados, e Suas Côrtes ou Cidades Capitaes, Nomes de Cores, Animaes Quadrupedes, Peixes e Mariscos, Nomes de Frutas, Arbustos, ou Arvores menores, Ortaliças, e outras Plantas, ou Ervas, Nomes de Legumes, Ovos, Nomes pertencentes a Uvas, Vinha e c., Nomes de Flores, Termos pertencentes a Estudo, Termos de varios Jogos, Virtudes dos Homens, Vícios dos Homens, Termos pertencentes á Medicina, Termos Militares, Officiaes, Postos, e Mais Praças do Exército, Armas e Petrechos Militares, Termos de Fortificação, Expugnação e Defesa, Numeros, Adverbios e Preposiçoens de Tempo, Adverbios e Preposiçoens de Lugares, Adverbios de Quantidade, Adverbios de Qualidade, Acçoens de Movimento e de Descanso, Partes da Igreja, Ornamentos, Vasos Sagrados, Funçoens da Igreja, Religioens e Seitas mais Conhecidas no tempo presente*. Cfr. nota 6 del presente studio.

FEMENINO

SINGULAR

Nom. *quêsta* — esta, aquella, etc.
Gen. *di quêsta* — d'esta, d'aquella, etc.
Dat. *a quêsta* — a esta, áquella, etc.
Ab. *da quêsta* — de esta, d'aquella, etc.

PLURAL

Nom. *quêste* — estas, essas, aquellas, etc.
Gen. *di quêste* — d'estas, d'aquellas, etc.
Dat. *a quêste* — a estas, áquellas, etc.
Ab. *da quêste* — d'estas, d'aquellas, etc.

Pronome demonstrativo, referente a um objecto proximo a que se falla:

MASCULINO: *Cotêsto, codêsto* — este, aquelle, etc.

FEMENINO: *Cotêsta, codêsta* — esta, aquella, etc.

Pronome demonstrativo, referente d'um objecto afastado d'aquelle que se falla:

MASCULINO: *Quêllo* — este, aquelle, etc.

FEMENINO: *Quêlla* — esta, aquella, etc.

Declinam-se como *quêsto* e *quêsta*.

Exemplos:

D'um lado entra-se-me o amor, d'outro a cólera; aquelle quer que eu te perdôe, este que me vingue.

Dall'una parte mi trae l'amore, dall'altra lo sdegno, quéllo vuole ch'io ti perdóni, e quêsto ch'io mi vendichi.

Variation and Circulation of instruments for the learning of Italian in Portugal and in Brazil

Por onde se vê que quando se nomeiam duas pessoas ou cousas de cujas se continúa a fallar, *quésto* e *quésta* significa a ultima e *quéllo* e *quélle* a primeira.

Usa-se como mais elegancia *quésti* e *quégli* no nominativo do singular, quando se falla d'um homem; ex.: este foi feliz, e aquelle desgraçado — *quésti fu felice, quégli sfortunato*.

Thema undecimo

Um aldeão cortava uma arvore, na margem
contadino tagliava nn álbero riva
d'uma ribeira; por infelicidade a sua machada
fiúme disgraziatamente scure
cahiu á agua, e não a pôde encontrar. Mercurio
cádde ácqua non potè ritrovare. Mercúrio
appareceu-lhe, e lhe diz: E' esta a tua machada,
appárve disse È quésta
bravo homem? mostrando-lhe uma de ouro. — Não,
galánt'uomo óro. No
esta machada não é a minha. — Talvez seja esta?
fórse
apresentando-lhe outra de prata. — Não, ainda não
presentando áltro argénto ancóra
é aquella que me pertence. E' então esta? mos-
appartiene
trando-lhe uma de ferro que era verdadeiramente
ferro era veramente
aquella que tinha perdido. Eis verdadeiramente
avéva perdúta Ecco

Variação e Circulação degli instrumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portugallo e in Brasile

1. Da semana

2. Mezes do anno

3. Estações do anno
4. Dos parentes

5. Da idade

6. Da posição
7. Do corpo

8. Da casa

9. Dos moveis
10. Alguns substantivos

Tutte le aree appena menzionate trovano un corrispettivo in Caetano de Lima e ne costituiscono, da un lato una riduzione, dall'altro un aggiornamento, sia ortografico sia semantico:

Caetano de Lima (1734, p. 359-360)	Cervaeus y Rodriguez (1895, p. 130)
<i>Partes de hum Edificio</i>	<i>Da casa</i>
Palacio. Palazzo.	A casa La casa
Alicerces. Le Fondamenta.	A porta La pórtia
Paredes. I Muri. Le Mura.	A janella
Pateo. Il Cortile.	A chave
Porta principal. La Porta.	O quarto
Outra qualquer porta. L'Uscio.	O quarto de dormir
Escada. La Scala.	O gabinete de senhora
Degrãos. Gli Scalini.	A sala
Andar. Piano.	A escada
Primeiro andar. Primo Piano.	O forno
Segundo andar. Secondo Piano.	A campainha
Quarto andar. Appartamento.	O portão
Antecamara, ou Guardaropa. <i>Anticamera.</i>	A cosinha
Camara. La Camera.	A estufa

Variação e Circulação degli instrumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portugallo e in Brasile

Gabinete. <i>Il Gabinetto.</i>	O jardim
Varanda. <i>Terrazzo, Loggia.</i>	A adega
Eirado. <i>Granaio.</i>	O rez do chão
Tecto <i>Il Tetto.</i>	Andar
Abobada. <i>La Vòlta.</i>	O tecto
Pavimento. <i>Il Solaro.</i>	Os degraus
Sobrado. <i>Il Palco</i>	O muro
Janella de facada. <i>Balcone.</i>	A fechadura
Janella ordinaria. <i>La Finestra.</i>	
Vidraças. <i>L'Invetrate.</i>	
Cheminé. <i>Il Camino.</i>	
Traves, Vigas. <i>Le Travi.</i>	
Barrotes. <i>I Travicelli.</i>	
Tijolos. <i>I Mattoni.</i>	
Telhas. <i>Le Tegole.</i>	
Gotteiras, Canos. <i>Le Grondaie.</i>	
Cozinha. <i>La Cucina.</i>	
Cavalheriça. <i>La Stalla.</i>	
Cocheira. <i>La Rimessa.</i>	
Fechadura. <i>Serratura Toppa.</i>	
Chave. <i>La Chiave.</i>	
Ferrolho. <i>Chiavistello.</i>	

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

La “Secção primeira” raccoglie, invece, vocaboli cosmologici, i primi nella gerarchia universale: *Deus, o fogo, o ar, o mar, a agua, o planeta, as estrelas, o trovão, a lua, a tempestade, o frio, o calor, o orvalho, o arco iris, o nevoeiro, o vento, o relampago, o sol, o eclipse.*

Troviamo infine sei dialoghi, che illustrano situazioni comuni nella quotidianità, come le formule di saluto o di congedo, quelle da utilizzare quando si pranza o quando si cena o, ancora, le espressioni più consuete quando si parla del tempo, condivise, ancora una volta, dai dialoghi di Carciatto:

1. Comprimento
2. Do almoço
3. Do tempo
4. A pedir notícias do que se passa
5. Ao jantar
6. Ao passeio

I testi sono presentati, ancora una volta, su due colonne nella modalità testo a fronte, per favorire la memorizzazione di vocaboli ed espressioni attraverso l'immediato confronto traduttivo da parte dell'apprendente. Il dialogo che mostriamo offre all'utente un ampio spettro lessicale relativo all'area semantica del cibo (CERVAENS Y RODRIGUEZ, 1895-1896, p. 137-138):

Ao jantar	
Onde vamos jantar?	Dove vogliam andare a pranzo?
Se quizermos jantar bem, vamos ao Adriano	Se vogliamo pranzar bene, andiamo da Adriano
Que desejaes, senhores?	Che desiderano, signori?
Queremos jantar; que tendes de bom?	Vogliam pranzare che cosa (<i>sic</i>) avete di buono?
Tenho boa sopa, cozido, frango e pombos	Ho una buona minestra, del manzo, del gallinaccio, dei pollastri e dei piccioni

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Tenho também, assado, capão, pato, ovos e couve flores	Ho ancora del vitello arrosto, un cappone, un'anitra, uova e cavoli fiori.
Quereis peixe, senhor?	Bramano pesce, signori?
Sim, dae-nos	Sì, datecene.
Quereis solha, enguias?	Vogliono sogliole o anguille?
Quereis vinho branco ou tinto?	Vogliono vin bianco o nero?
Tende a bondade de preparar a salada	Favorite di condir l'insalata
Quanto a mim, gosto de toda a qualidade de fructa, maçãs, cerejas, nózes, peras, sobretudo melões	Quanto a me, piace ogni sorta di frutti, le méle, le ciriége, le noci, le pere, e soprattutto i meloni.
Vamos, senhores, levantemo-nos da meza, que é tempo de ir dar um passeio.	Animo, signori, leviamoci da tavola, è tempo d'andare al passeggio.

Emilio Augusto Vecchi, professore al Conservatório Real di Lisbona, figlio di padre italiano e di madre portoghese, scrisse un'altra *Grammatica da Lingua Italiana* (1901) quasi alla fine della sua carriera di insegnante. L'opera è preceduta da una prefazione di Armelim Junior, che insiste sull'importanza delle diversità linguistica⁶ e sull'eccellente lavoro svolto da Vecchi. Secondo Armelin, la sua grammatica è la prima ad adottare la suddivisione tripartita in fonologia, morfologia e sintassi. Proprio questa e altre novità contenutistiche rendono, a suo avviso, questo manuale un sostituto valido delle grammatiche di italiano per portoghesi che l'avevano preceduto⁷. Un costante confronto tra il sistema dell'italiano e quello del portoghese rendono questa

6 Donde l'esigenza di comporre grammatiche sempre più strutturate ed esaustive delle lingue volgari, un fatto che conferma le peculiarità di ciascuna lingua.

7 Armelim Junior fa riferimento a PREFUMO (1867); VIEIRA LOPES (1878); BRUNSWICK (1879) e, da ultimo, a CARCIATTO (1880).

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

grammatica più accessibile agli studenti del Conservatorio, che, fino ad allora, avevano penato sulle obsolete grammatiche di Vergani – redatta in francese – e di Parato e Mottura – composta invece in italiano⁸. La sezione dedicata agli esercizi è molto ampia e comprende 150 frasi o periodi estratti da autori italiani, proposti per l'analisi sintattica, nonché 150 traduzioni dal portoghese all'italiano in ordine graduale di complessità.

Passando ad analizzare quelli che abbiamo definito sin dall'inizio metodi di autoapprendimento, solo un anno dopo l'uscita dell'opera di José Cervaens y Rodriguez, esce la terza edizione – l'unica oggi reperibile nelle maggiori biblioteche europee, americane e nei più noti archivi digitali attualmente a disposizione – del *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Italiana com muita Rapidez* di Francisco Alves d'Oliveira. Si tratta, come evinciamo dalla prefazione, dell'adattamento di un metodo già testato per numerose altre lingue, ideato dal tedesco Franz Ahn, autore del *Praktischer Lehrgang zur schnellen und leichten Erlernung der französischen Sprache* (Colonia, 1834). Nel 1849 la stessa opera era già stata adattata per lo studio dell'inglese e, subito dopo, lo fu per lo spagnolo, l'olandese e il russo. Non stupisce che nel mondo lusofono tale novità metodologica sia recepita con un certo ritardo, ma Francisco Alves, facendo sue le peculiarità del metodo Ahn (in particolare, semplicità e rapidità nelle spiegazioni fornite e, di conseguenza, nell'apprendimento) riscuote un successo di non poco conto. Le unità, o lezioni, raggruppate in Primo corso e Secondo corso, si limitano, per estensione, a due o tre pagine e sono forgiate sullo stesso modello per tutte le lingue: in apertura troviamo un breve sunto grammaticale, seguito una lista di vocaboli e, infine, ancora una volta, un esercizio traduttivo: brevi frasi da tradurre dalla lingua materna alla lingua che si vuole apprendere. (Figura1)

8 Cfr. VERGANI (1859) e PARATO e MOTTURA (1894).

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

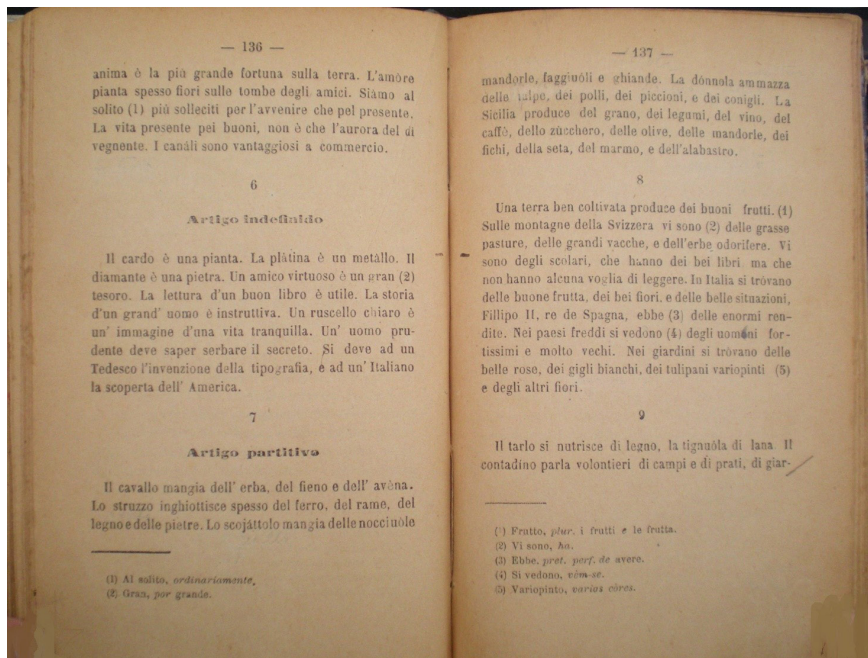


Figura 1 – Fonte: Francisco Alves d'Oliveira (1896)

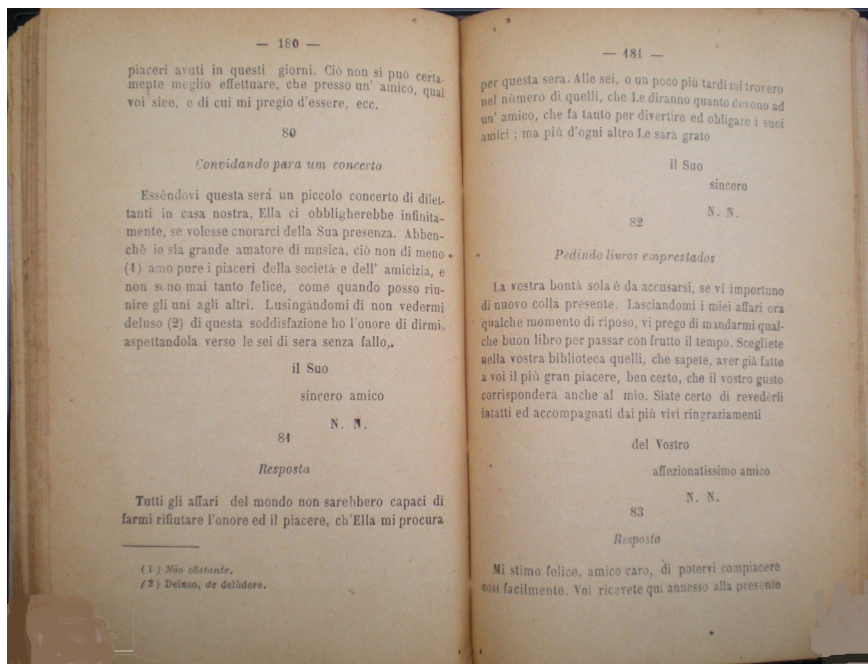


Figura 2 – Fonte: Francisco Alves d'Oliveira (1896)

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Ci si allontana così, sempre di più, dalla suddivisione delle lezioni secondo le classiche parti della frase (articolo, nome, aggettivo, avverbio ecc.). In aggiunta a questo, la brevità delle lezioni favorisce la concentrazione dell'utente su una singola questione grammaticale per ciascuna di esse.

Nel caso della grammatica italiano/portoghese, quindici esempi di lettere in italiano (p. 179-197), esemplificative di vari registri di scrittura, da tradurre in portoghese (con il solo aiuto di qualche vocabolo suggerito in nota) chiudono l'ultima sezione del volume, assieme a quattordici racconti, anch'essi da tradurre dall'italiano al portoghese (Figura 2).

L'ultimo manuale di autoapprendimento considerato è *O Italiano sem Mestre em 50 Lições*, di Jacob Bensabat, docente molto conosciuto di lingue straniere⁹, che insegnò in vari licei pubblici e privati di Lisbona e di Porto. Quella delle grammatiche “sem mestre” era una vera e propria collana che interessava varie lingue. L'introduzione al manuale italiano scritta dagli editori Lello & Irmão – i quali furono molto attivi nel promuovere questa opera su entrambe le sponde dell'Atlantico – rivela che destinatario specifico della grammatica è un «público ilustrado», la «mocidade estudiosa» portoghese e brasiliana (BENSABAT 1951 [1910], p. 5) e che, comparato con altri metodi, l'opera di Bensabat contiene due indubbi elementi di novità: in primo luogo, un approfondimento sulla pronuncia corretta¹⁰ attraverso nuove metodologie ortoepiche (BENSABAT 1951 [1910], p. 7) – e di conseguenza sulla lettura (un ampio numero di esercizi di questo tipo vengono inclusi in ogni unità e a chiusura del manuale); in secondo luogo, una innovativa gradualità nelle spiegazioni e negli esercizi.

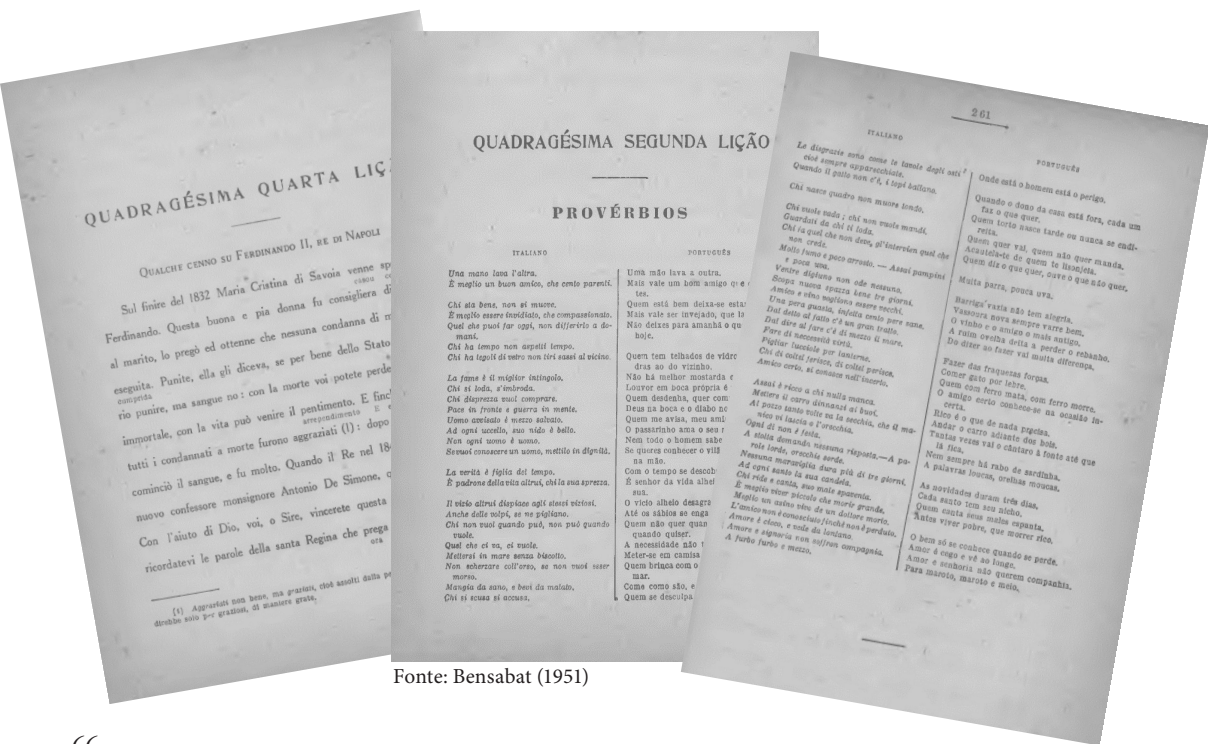
9 Al momento della pubblicazione era un ex-docente di inglese del Liceo Central di Oporto, insegnante privato di inglese e francese ed autore di numerosi lavori sull'educazione primaria e secondaria.

10 All'importanza della pronuncia vengono dedicati vari paragrafi dell'introduzione. Tali considerazioni richiamano ancora una volta la tradizione degli elogi della lingua, fiorente in Portogallo tra il XVI e il XVII secolo: «a língua da boa sociedade, tão bela e robusta na eloquência, tão suave e afectuosa na poesia, tão inseparável da música pela sua melodia e doçura» (BENSABAT 1951 [1910], p. 6-7).

Variazione e Circolazione degli strumenti per l'apprendimento dell'italiano in Portogallo e in Brasile

Si tratta ancora una volta, nella maggior parte dei casi, di esercizi di traduzione e retroversione di frasi alla portata degli studenti, perché, come abbiamo osservato in alcuni casi precedenti, il lessico necessario per svolgere queste traduzioni è stato fornito loro nel corso delle "lezioni" precedenti.

Con la trentaseiesima "lezione" (ossia, con il trattamento della reggenza verbale) si chiude la descrizione delle parti del discorso e, di conseguenza, terminano gli esercizi traduttivi pensati per il rafforzamento di un determinato argomento attraverso la pratica. Gli esercizi raccolti a conclusione del volume sono quindi più complessi e interessano tutte le problematiche affrontate all'interno dell'opera. A partire dalla trentottesima unità, la struttura delle lezioni si fa testimone la duplice matrice dell'*Italiano sem Mestre*: osserviamo dunque l'alternanza tra una proposta di traduzione di stralci storico-letterari tratti da autori come Settembrini, Foscolo, Pellico o Verga (la quale mira a fornire agli studenti un linguaggio sobrio e formale) e la presentazione di proverbi e lettere commerciali, che pongono invece enfasi sul registro colloquiale e su un tecnoletto che avrebbero costituito un bagaglio funzionale orale enorme per l'apprendente.



Fonte: Bensabat (1951)

Conclusioni

A questo stadio della nostra ricerca, ci sentiamo di poter fornire qualche prima indicazione conclusiva circa la variazione che sussiste tra testi istituzionali e didattici e manuali di auto-apprendimento. Se sul piano dell'approfondimento teorico i primi sono certamente più sviluppati, per quanto concerne invece le attività esercitative notiamo un'omogeneità di fondo legata al cosiddetto metodo tradizionale. Qualche oscillazione si registra infatti nel materiale complementare (presenza/assenza di dialoghi, frasi colloquiali, proverbi, modelli di lettere), mentre temi e retroversioni costituiranno sempre l'asse portante delle grammatiche di italiano per lusofoni fino ai primi decenni del Novecento.

La macrostruttura sembra dunque non aiutare a individuare una differenziazione vera e propria tra metodi per portoghesi e metodi per brasiliani, ma ciò non esclude che, invece, a livello di microstruttura, un'analisi attenta dei glossari e dei corpora dialogali possa rivelare l'avvio di una variazione diatopica tra PE e PB, che spieghi le ragioni per le quali, a partire da fine Ottocento, l'industria libraria ed editoriale brasiliana inizi a sostituire l'importazione di grammatiche portoghesi, sia pure spacciate per adatte anche a un pubblico brasiliano, con grammatiche autoctone.

Referências

AHN. F. *Novo Método Prático e Fácil para Aprender a Língua Italiana com Muita Rapidez*. Rio de Janeiro: Alves e Ca, 1896.

BENSABAT. J. *O Italiano sem Mestre em 50 Lições*. Porto: Livraria Chardron. 5ª ed., Lello & Irmão Editores: 1951.

BRUNSWICK, Henrique. *Curso de Língua Italiana*. A. J. Silva Teixeira, Porto: 1879.

CAVAJANI. G. *Grammatica Italiana para os Portuguezes*, Lisboa: Typ. do Diário da Manhã, 1879.

CERVAENS Y RODRIGUEZ. J. *Grammatica Italiana para uso dos Portuguezes e Brasileiros em 19 Lições*, Porto: Lello e Irmão, 1895 (reeditado em 1896).

CHARDRON. E. *Bibliographia portugueza e estrangeira*, Vol. 4, Porto: Ernesto Chardron, 1883.

CARCIATTO, G. *Grammatica da Lingua Italiana para Uso dos Portuguezes et Brasileiros*. Lisboa: Lisboa & C.a. Livreiros Editores, 1880.

CARDOSO. S. (Org.). *Historiografia Gramatical (1500-1920)*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994.

GARCIA. I. N. *A circulação transatlântica de obras literárias entre Belém e Lisboa*. Tavares Cardoso & Irmão”. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Teoria e História Literária, 2016.

LIPPARONI. G. *Instituições Grammaticaes da Lingua Italiana*, Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880.

LIVRARIA GARNIER. *Catalogo Geral da Livraria Garnier*, Rio de Janeiro: Imp. E. Desfosses, 1913.

LOPES. A. VIEIRA. *Grammatica da lingua Italiana para uso dos Portuguezes*, Porto: Typ. da Livraria Nacional, 1869.

LUPETTI. M.; GUIDI, M. E. L. Markets for Knowledge. The Institutionalisation of Economics, the Rationalization of Language Learning and the Brazilian Translation of Luigi Cossa's *Primi elementi di economia politica*. In: CARPI. E.; GUIDI, M. E. L. (Orgs.). *Languages of Political Economy. Cross-disciplinary Studies on Economic Translations*. Pisa: Pisa University Press, 2014, p. 135-183.

MARAZZINI. C. *L'ordine delle parole. Storia di vocabolari italiani*, Bologna: Il Mulino, 2009.

PEREIRA. J. GONÇALVES. *O Mestre Popular ou o Espanhol sem Mestre*, Madrid: s.e., 1883.

PEREIRA. J.F. *Primeiras linhas de grammatica italiana*, Lisboa: Typ. de Lucas Evangelista Torres, 1890.

PREFUMO. A. *Grammatica da Lingua Italiana para os Portuguezes*, Lisboa: na Typographia de Bulhões, 1829 (4a ed., Lisboa: Typ. de Maria da Madre de Deus, 1867).

SANTOS. A. C., *Les «langues entre elles» ou les manuels d'enseignement des langues au Portugal au cours de la 2e moitié du XIXe siècle*”, *Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde*, 42, *Approches contrastives et multilinguisme dans l'enseignement des langues en Europe (XVIe-XXe siècles)*, 2009, p. 197-214.

3.

O texto: concepções e aplicação ao ensino de Língua Portuguesa

ELIANE MARQUEZ DA FONSECA FERNANDES

Neste capítulo, enfocamos diversas noções de texto, debatemos o processo de produção escrita e a busca da autonomia do aluno-autor no trabalho de reescrita como um caminho de idas e vindas, nas escolhas realizadas para desenvolver as habilidades de textualização. A ideia é reconhecer o texto como instrumentalizador do ensino de língua portuguesa, especialmente em contexto transnacional.

A nossa discussão liga-se, primordialmente, à Linguística Textual, mas não deixa de percorrer estudos da Filosofia, da História, da Sociologia e da Análise do Discurso. Essa aproximação não leva a um afastamento das concepções discursivas, mas observa a imbricação das ciências humanas no século XXI e isso permite um percurso de estudos que procura olhar os textos dos alunos como o fruto de um processo. Desse modo, iniciamos uma explanação acerca das concepções de texto.

Textos orais e escritos

A própria ideia de texto apresenta uma multiplicidade de concepções no decorrer das épocas. No Ocidente, os primeiros estu-

O texto: concepções e aplicação

dos sobre o texto e sua produção surgem, na Grécia antiga, sob o nome de *Retórica*. Vista, desde o início, como a ciência que estuda a linguagem, a Retórica dedica-se a verificar como se dá o exercício público da fala por meio da *oratória política*. Com isso, a Retórica Clássica estabelece normas em relação ao processo de produção de textos na linguagem oral planejada e, só depois, passa a aplicá-las também à escrita.

Na Roma clássica, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), a obra *Ars poética* de Horácio concebe “*textus*” como a junção de diversos elementos linguísticos num conjunto organizado, portanto, uma *unidade fechada* e voltada para o interior de si mesma. Além disso, o filósofo romano explica “*textum*” como uma abertura para a inter-relação com o mundo, logo, *voltado para a integração* com o interlocutor. Assim, compreendemos que, em tempos remotos, nas atividades linguísticas, o texto é percebido como um artefato da oratória, concebido como uma unidade comunicativa que conduz a linguagem (*textus*) que se volta para o outro, o ouvinte (*textum*). Notamos aí, embrionariamente, a perspectiva defendida no início do século XX por Bakhtin/ Volochinov¹ (1995) em *Marxismo e filosofia da linguagem* ao considerar que tudo que se diz ou se escreve estabelece uma relação de comunicação interpessoal.

Marcuschi (2001) mostra que ainda há um enfoque segmentado entre linguagem oral e linguagem escrita (o texto). Essa visão tradicional propõe uma dicotomia das propriedades típicas da oralidade (contextualizada, redundante, não-planejada, não-normatizada, imprecisa) ou típicas da escrita (descontextualizada, condensada, normatizada, completa). Assim, a linguagem escrita é avaliada como mais complexa e como o lugar da norma; por outro lado, o lugar do caos gramatical caberia à linguagem falada. Desse modo, Marcuschi (2001) explicita que tanto o texto oral quanto o escrito são empregados em atividades comunicativas por meio de *práticas sociais situadas num uso real*. Assim, aconselha a se romper com uma percepção

1 Não nos interessa aqui entrar no mérito da questão da autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*, por isso adotamos os nomes inscritos na capa da obra em publicação brasileira.

dicotômica entre fala e escrita, porque a linguagem em qualquer das modalidades é um fenômeno interativo e dinâmico.

Consideramos, apoiando-nos em Bakhtin/Volochinov (1995), que tanto o texto oral quanto o escrito apresentam aspectos de troca *dialógica*, empregam *usos estratégicos* e envolvem os interlocutores em *funções interacionais*. Além disso, esses autores consideram que tanto a linguagem escrita quanto a oral estão *situadas contextualmente* e se estabelecem por meio de *negociações entre os parceiros*, movimentando-se com *coerência e dinamicidade*.

É válido reforçar que o processamento da comunicação aproxima a produção dos sentidos da organização textual-discursiva. Cada sujeito que diz alguma coisa maneja estruturas linguísticas lexicais, morfológicas e sintáticas em processo de textualidade para a construção de sentidos, em uma determinada situação, dentro de um contexto. Com isso, o emprego e a valorização da escrita ou da oralidade têm mais a ver com os *papéis sociais* desempenhados pelos interlocutores. O homem é um ser que fala e é de praxe denominá-lo um *falante*, um *homo loquens*, mas não se ouve a afirmação de que o homem que escreve é um ser “*escrevente*”.

Desse modo, convém estabelecer que há, em nossa realidade, uma convivência permanente entre fala e escrita, as duas caminham muito próximas, se interpenetram e se interpelam. Para Lentin (1996), quando se passa da oralidade para a escrita ocorre uma continuidade e nunca uma ruptura. Os falantes letrados, muitas vezes, trabalham a oralidade (fala ou leitura) e a escrita paralelamente. Consideramos, então, que essas duas modalidades não são formas dicotômicas. No uso da oralidade ou da escrita, há um jogo discursivo pela forma como se passa do texto falado para o escrito ou vice-versa. Muitas vezes, escreve-se para uma leitura oralizada ou fazem-se comentários orais sobre textos escritos. Passamos de uma modalidade para a outra de modo tão ágil que pode ser considerado um complexo diálogo intertextual.

Tradicionalmente, o texto escrito é considerado superior à oralidade e aceito como variedade padrão. O escrito preserva-se por mais tempo e é tomado como documento, como voz duradoura da verdade

numa dicotomia. Concordamos com Marcuschi (2001, p. 35 grifo do autor), que “postular algum tipo de *supremacia* ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, porque não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa”. Assim, complementa, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não numa relação dicotômica de dois polos opostos” (p. 37).

Concepções de texto

A palavra “texto” existe desde a antiguidade grega e romana, mas, na modernidade é, geralmente, entendida como texto escrito. No entanto, Halliday (1969) revoluciona essa postura ao propor a *função textual* da linguagem que abarca todo e qualquer enunciado oral ou escrito que produza sentido no contexto. À função textual unem-se a função *ideacional* que se liga aos movimentos cognitivos e a função *interpessoal*, necessária entre as relações humanas comunicativas.

Halliday e Hasan (1994), em meados do século XX, aprofundam a investigação sobre a produção textual, aproximam o conceito de texto não só dos produtos escritos, mas também daqueles da oralidade. Os textos não são apenas unidades semânticas, mas, sobretudo, são unidades discursivas de significados contextualizados. “[u]m texto deve ser pensado não como uma unidade gramatical, mas, melhor ainda, como uma unidade de outro tipo: uma unidade semântica. A unidade obtida é a de significado no contexto” (HALLIDAY; HASAN, 1994, p. 293, tradução e grifos nossos).

Essa visão abre o entendimento de que qualquer trecho oral ou escrito, em qualquer gênero ou estilo, será considerado um texto, desde que constitua uma unidade preenchida de sentidos numa determinada relação de comunicação. Essa concepção de texto abrange, portanto, todos os atos comunicativos e não podemos restringi-lo apenas à modalidade escrita. Todavia, queremos situar o desenvolvimento deste capítulo, especificamente, ao texto escrito como produto escolar. Por isso, doravante, ao usarmos o termo “texto”, estamos nos referindo, especificamente, à modalidade escrita.

O texto como unidade de análise

Estudando as linhas teóricas que se dedicam ao estudo do texto, Koch (2003 e 2004) ressalta que alguns conceitos mais antigos não se perdem, mas hoje ainda são retomados em posturas que se entrelaçam a novas perspectivas e se ampliam.

A autora afirma que, na década de 1960, linguistas como Weinrich, Petöfi e Van Dijk defendem uma concepção de base gramatical. Esses pesquisadores consideram o texto como *frase complexa* e altamente representativa do sistema linguístico. Dedicam-se a investigar os processos de *construção transfrástica*, pois querem estabelecer uma *gramática do texto*. A concepção desenvolvida é a de que o texto estabelece determinadas linhas de coerência entre suas sentenças, daí o estudo enfocar, primordialmente, a inter-relação entre as frases, a fim de traçar as normas estruturais de uma gramática do texto.

Segundo Koch (2003 e 2004), nos anos 70 do século XX, os aspectos semânticos começam a ser valorizados. Essa percepção é um passo decisivo para se aceitar que os elementos interligados da significação devem ser o nódulo central de um texto. Com isso, os estudos textuais assumem uma perspectiva mais discursiva, e a análise de textos quer entender os mecanismos de construção interna e, também, as relações de sentido que gera. Na década de 1970, Van Dijk abandona os estudos basicamente gramaticais de influência sintática e sua percepção volta-se para uma perspectiva de base semântica. Os estudos da semântica textual, em Van Dijk (1977), descrevem o arcabouço do texto como uma macroestrutura em que se relacionam aspectos semânticos internos do texto na construção de sentidos que envolvem o local e os papéis desempenhados pelos sujeitos. Essa significação global (macro) leva à compreensão de texto para fora dos limites do produto escrito.

Desse modo, a macroestrutura estabelece nexos de sentido que se superpõem e entrelaçam o *co-texto* (relações internas do texto em si) e o *contexto* (relações de sentido na comunicação). Assim, o ato da leitura não recupera todo o processo de produção, por isso, ao ler, procede-se a uma compreensão parcial por meio das pistas que o texto deixa para o leitor. Por isso, durante o processo de leitura temos

O texto: concepções e aplicação

dois movimentos: em uma primeira instância quem lê estabelece a conexão entre as palavras e as frases num nível local, numa *microestrutura* do co-texto. Mas, paralelamente, à medida que o leitor avança, a compreensão se amplia, para além do que está escrito, porque uma informação interfere na compreensão das precedentes e, procede-se, constantemente, a reformulações do sentido. Tanto na escrita quanto na leitura, cada interlocutor toma como parâmetro o próprio conhecimento de mundo e, nesse jogo de idas e vindas, gera uma noção muito mais ampla do sentido do próprio texto, uma unidade global do discurso, uma macroestrutura. Um estudo do texto, num enfoque ligado só aos mecanismos gramaticais, mostra-se reducionista, pois, na atualidade, valorizam-se, cada vez mais, as relações de sentido geradas entre os enunciadores num contexto.

Dessa maneira, a produção e a compreensão de um texto levam em conta, tanto o contexto social dos sujeitos como o cognitivo. Para Koch (2003, p. 24), ocorre uma intersecção de várias concepções que se complementam entre si:

o contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o *co-texto*, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o *contexto socio-cognitivo* dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ela engloba *todos os tipos de conhecimentos* arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal (cf. KOCH, 1997): o conhecimento linguístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativos, quer episódicos (frames, scripts), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação a situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (*intertextualidade*). (grifos nossos).

Por isso, vemos que o contexto atua como uma pedra jogada na água e desencadeia uma série de círculos concêntricos. Todos os movimentos circulares provocam outros movimentos que, não só caminham em direção à margem, mas também retornam ao centro. Tudo que se diz num enunciado, na circunstância de sua produção, apresenta: (1) marcas do “*entorno sóciopolítico-cultural*”; (2) remete ao “*contexto sóciocognitivo*” e dele recebe, num jogo de ecos, (3) reflexos que marcam concretamente o “*co-texto*”. São esses gestos discursivos que traduzem as condições de produção e estabelecem o diálogo enunciação/enunciado/discurso. Essa troca dialógica atua, integralmente, no intuito de gerar os sentidos desejados pelo enunciador, embora esse desejo, nem sempre, seja um sucesso. Todo texto, conforme o contexto de leitura, pode abrir-se para novas possibilidades interpretativas (KOCH, 2003 e 2004).

Na década de 1980, a preocupação com os aspectos internos do texto amplia-se com contribuições teóricas que introduzem conhecimentos mais específicos no seu estudo. Em 1981, Beaugrande e Dressler esclarecem que o texto é o resultado de um complexo de operações cognitivas que incluem planejamento e metas a serem atingidas. Para isso, o produtor do texto desencadeia, conforme o contexto, uma série consciente de decisões, escolhas e combinações linguísticas. Tanto o planejamento do texto todo quanto as pequenas marcas selecionadas intentam atingir a compreensão do outro e a aceitação do que é dito.

Essa preocupação com os movimentos mentais do sujeito que produz um texto aponta para a realização de estratégias linguísticas com o objetivo de gerar sentidos. Quem produz um texto realiza operações cognitivas para dizer algo que seja compreendido pelo interlocutor. Assim, de acordo com Beaugrande e Dressler (1986), um autor desencadeia um conjunto de operações interligadas comunicativamente com base em conhecimentos partilhados pelos interlocutores.

Dessa forma, a memória individual e a memória coletiva se integram para produzir sentidos segundo determinadas expectativas. Quem fala ou quem escreve parte de conhecimentos enciclopédicos adquiridos no decorrer da vida e de toda uma integração com

O texto: concepções e aplicação

o seu entorno situacional para realizar opções linguísticas que considera mais adequadas para atingir, funcionalmente, os resultados pretendidos.

Beaugrande e Dressler (1986) consideram o texto como uma produção complexa, fruto de uma multiplicidade de operações de ordem cognitiva. Os estudos textuais se predispõem a verificar de que modo se desencadeiam certos processos mentais. Dessa maneira, ao redigir, o autor já pressupõe que o leitor possua alguns saberes adquiridos pela própria vivência e pelo conhecimento de mundo acumulados em sua memória. Essa expectativa leva quem escreve a codificar dados, conhecimentos e experiências que considera integrarem um *saber partilhado* por autor e leitor. Logo, a concepção de texto inclui, também, uma multiplicidade de operações que desencadeiam uma integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros. As estratégias da produção textual entrelaçam a capacidade cognitiva e as motivações, por meio do material linguístico.

A produção textual envolve a ideia de um conjunto de conhecimentos articulados. São necessários saberes linguísticos, aliados a conhecimentos de mundo dos interlocutores e esse entrelaçamento, de modo interligado, envolve a memória discursiva e o saber semântico conectados cognitivamente. Além disso, todo enunciador precisa ter um *saber comunicacional* (GRICE, 1975) para empregar uma seleção de informações adequadas para a compreensão do interlocutor e evitar qualquer perturbação comunicativa. Esse complexo feixe de escolhas permite ao enunciador manejar reformulações linguísticas, visando ao aperfeiçoamento da recepção. Portanto, a produção de um texto torna-se intimamente relacionada, não só a um processo ativo e contínuo de construção, mas também ao de reconstrução. Vemos a produção de um texto como um processamento que funciona como um *sistema de controles* no sentido de promover uma adaptação às necessidades dos interlocutores.

O texto visto como um processo

Os estudos sobre o texto que se preocupavam inicialmente com aspectos internos do texto e a sua construção de sentidos, passaram depois a observar os movimentos cognitivos, mas ganham destaque especial quando se voltam para observar a ação comunicativa, a enunciação. No ato comunicativo, são importantes: as características linguísticas, o processamento textual, as relações sociocomunicativas, as especificidades dos usuários, seus objetivos, suas convicções, suas vivências e o envolvimento na comunicação. Por isso, construir um texto é uma ação na qual o dizer não se constitui apenas como um produto, mas se faz num processo contínuo que concilia o que já foi dito com o que se vai dizer, tudo marcado pelos objetivos que possibilitam a melhor compreensão do interlocutor.

Se o texto pode ser metaforizado como um tecido, os conceitos de produção textual também se entrelaçam como uma teia cujos fios, num processo dialógico, proporcionam formas específicas de entretecer a linguagem escrita. A análise textual deixa de encarar o texto como o produto acabado e circunscrito aos sinais congelados no papel e passa a agregar uma concepção comunicativa que abarca a ideia de uma construção em processo. O texto é, então, visto como o produto da interligação contextual em movimento que se processa, mobiliza operações cognitivas e amplia-se para absorver, também, a noção de interação social conforme Bakhtin/ Volochinov (1995), numa perspectiva que consideramos de modo sociocognitivo-interacionista. Com isso, o enunciador põe em ação um conjunto de noções e de procedimentos que incorporam, de modo interativo, aspectos linguísticos, comunicativos, cognitivos, sociais e culturais.

O uso dos elementos textuais é resultado de uma prática, ao mesmo tempo individual e coletiva. Os procedimentos se encaixam em ações conjuntas que se desenvolvem, plenas de complexidade, num duplo percurso entre os interlocutores. Essa permuta entre sujeitos ativos permite aos seres humanos se construírem e se constituírem, dialogicamente, como seres de linguagem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995). Logo, o texto é mais do que uma realização linguística que envolve aspectos subjetivos e cogni-

O texto: concepções e aplicação

tivos, mas, essencialmente, é o recorte de um segmento comunicativo, determinado por aspectos do envolvimento social e cultural dos interlocutores num contexto sociointeracionista, estabelecendo um jogo discursivo.

Ao agregar o contexto exterior, o texto passa a ser visto como um produto que reflete e refrata os discursos de nosso ambiente sócio-histórico. Por esse motivo, compartilhamos com Koch, em *Desvendando os segredos do texto* (2003, p. 17) a compreensão de que o texto abrange

a concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Essa perspectiva acerca do texto como construção em processo leva-nos a observar, como um texto estabelece conexões internas e externas, por isso recorremos a Beaugrande e Dressler (1986) para discutir os fatores de textualidade.

O texto e a textualidade

Beaugrande e Dressler (1986) propõem estudos do texto por meio de uma abordagem que denominam “procedural”. Valorizam o enfoque sobre a linguagem em uso dentro de uma situação no ato da escrita. O termo “procedural” (processamento) liga-se à pesquisa dos procedimentos desencadeados pelos interlocutores na produção escrita ou na leitura do texto. Esses pesquisadores investigam as exigências específicas que fundam as diretrizes básicas da textualidade. Para que um texto seja reconhecido como tal, existem condições imprescindíveis que estabelecem as suas qualidades signifi-

vas. São elas: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade e intertextualidade.

A coesão e a coerência são condições de textualidade centradas na face interior do próprio texto. Convenciona-se conceituar a *coesão* como os termos concretos presentes na tessitura da linguagem que estabelecem a conexão referencial e a conexão sequencial de um texto. Em 1981, na obra *Cohesion in English*, Halliday e Hasan (1994) propõem cinco possibilidades de coesão como a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical. A relação coesiva estabelece uma amarração dos sentidos no decorrer do texto, tanto do ponto de vista das conexões semânticas quanto das lógico-gramaticais. Essa perspectiva que integra a gramática textual aos sentidos produzidos torna-se um campo de investigações muito profícuo. A partir de então, vários pesquisadores propuseram algumas alterações, mas sempre dividindo a coesão em dois grandes grupos: de ordem gramatical e de ordem lexical.

São importantes as contribuições de Halliday e Hasan (1994) ao reforçarem que o léxico de um texto estabelece referência a termos anteriores ou posteriores em diálogo. A coesão, portanto, realiza conexões que permitem dar uma continuidade ao sentido, mantendo a unidade do tema. Desse modo, a coesão referencial emprega mecanismos lexicais que permitem reiterar determinados referentes sem se prender ao mesmo vocábulo e, para isso, emprega-se a sinonímia, a hiperonímia, as nominalizações e os nomes genéricos. Nesse tipo de coesão vamos encontrar, ainda, mecanismos de ordem gramatical como as proformas – pronomes, numerais, artigos e alguns advérbios.

Koch (2004) explica que a coesão sequencial é aquela que promove relações entre os segmentos textuais, seja no aspecto semântico, seja no aspecto pragmático-discursivo, o que desencadeia a *progressão das ideias*. Dentre os mecanismos utilizados, temos o uso de palavras de ligação (preposição e conjunção), expressões nominais e o emprego da topicalização a fim de se obter uma progressão. Essa progressão é realizada tanto pela coesão quanto pela coerência interna do texto. O vínculo entre ambas é tão forte que, praticamente,

O texto: concepções e aplicação

não há como separar a coerência da coesão. Daí, uma boa aplicação da coesão implica em uma adequada coerência textual.

A *coerência* não pode ser detectada na superfície concreta do texto, mas liga-se a uma noção de continuidade do sentido. As relações entre os conceitos expostos no texto não podem gerar ambiguidades ou deixar raciocínios incompletos. Para Halliday e Hasan (1994), a coerência interna apresenta eficiência comunicativa quando o texto é capaz de organizar as ideias do ponto de vista cognitivo e, por esse motivo, leva ao leitor as formas padronizadas do mundo textual. Tudo ocorre num jogo entre o flexível e o variável, sem fugir totalmente aos modelos extraídos do conhecimento de mundo dos interlocutores. As pesquisas desses autores verificam, enfaticamente, os mecanismos linguísticos em uso, isto é, dentro de ocorrências comunicativas processuais (*procedural attachment*). Por isso, analisam as escolhas realizadas pelo autor a partir de alguns padrões universais de conhecimento de mundo: pelo *desenvolvimento de tópicos* (*frames*), pela *progressão dos eventos* (*schemas*), pela *busca dos objetivos* (*plans*) e pela *escolha da situação* em que determinado texto pode ser apresentado (*scripts*).

Assim, vemos que o sentido gerado pela coerência mostra que a seleção dos termos e das estratégias de dizer é capaz de construir processos cognitivos e, mais que tudo, de inserir o interlocutor em um dado contexto sócio-histórico. A coerência é, portanto, mais do que o arranjo aplicado aos elementos subjacentes à superfície textual. Esse mecanismo conecta as ideias no interior do texto, mas também relaciona-o ao mundo exterior. O emprego dos termos requer uma simetria, isto é, que o conhecimento de mundo dos interlocutores esteja em consonância com os dizeres de cada parte do texto como um todo. Desse modo, a coerência não pode se desligar da coesão. Ambas formam uma unidade como direito e avesso de um tecido, pois podem ser vistos separadamente, mas são partes inseparáveis de um todo.

A linguagem é um sistema composto de muitos fios que se entrelaçam e constroem um tecido. Além do par coesão/coerência, há outros elementos que se conjugam para a funcionalidade de um

texto: situacionalidade, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade e intertextualidade. A *situacionalidade* é o mecanismo ligado à noção mais conhecida como pragmática. Se o texto é um entrelaçamento de planejamento, de decisão, de seleção e de combinação, os fios internos da tessitura textual precisam refletir toda a situação externa em que se inserem, afirmam Beaugrande e Dressler (1986). No texto, o autor procede a um *monitoramento* a fim de conduzir o sentido global para uma sequência coordenada, sem quebrar de modo abrupto as expectativas do receptor. As estratégias da situacionalidade estabelecem um equilíbrio entre o texto e o discurso, pois aquilo que se diz deve estar em sintonia com o contexto e a situação.

Koch (2003 e 2004) entende que a situacionalidade ocorre em duas vias. As escolhas são monitoradas pelos interlocutores na situação de elocução porque o contexto está impregnado de posturas ideológicas, sociais, políticas e culturais. Com isso, de fora para dentro do texto, a situação interfere na produção de modo que o produto se adapta a regras de polidez, a formalidades comunicativas, à variedade linguística e, até, a modos específicos de tratar o tema. Na direção inversa, de dentro para fora, o produtor do texto reconstrói o mundo segundo as expectativas que julga fazerem parte da visão dos interlocutores como: experiências, propósitos e crenças compartilhadas. A situacionalidade colabora para a coerência entre o mundo real e o mundo construído pelo texto.

Conforme Beaugrande e Dressler (1986), a *informatividade* interliga-se aos demais mecanismos de textualidade, mas centra-se, especificamente, na capacidade do produtor do texto. Aqui, entra em destaque o conhecimento enciclopédico do autor, relacionado à sua habilidade em organizar as informações antigas e as novas. Essa organização realiza um monitoramento da previsibilidade e da redundância. O controle exercido nos vários níveis de seleção (linguística, saber compartilhado, estratégias discursivas, dosagem de informação...) é capaz de tornar o texto mais convincente ou não.

Para Koch (2004, p. 41), não se pode perder de vista que “todo texto organiza-se pela combinação de dois movimentos, um de

O texto: concepções e aplicação

retroação por meio do qual se retoma a informação anteriormente introduzida, que vai servir de ancoragem para o movimento de *progressão*, responsável pela introdução da informação nova” (grifos nossos). Dessa maneira, a redundância (ou o que já é conhecido) é responsável pela previsibilidade das informações de um texto. Resultado: o que é conhecido ou “velho” torna a legibilidade *mais ágil* e facilita a compreensão por causa das ideias já esperadas pelo discurso desenvolvido. No entanto, um texto pleno de ideias já conhecidas torna-se *menos informativo*, logo, promove menos interesse e é menos valorizado, porque a informatividade é baixa.

Em razão disso, o autor de um texto deve aprimorar sua capacidade de manejar as informações nos mais diferentes graus de complexidade e de variedade. O processamento dos mecanismos linguísticos e discursivos é responsável por veicular as informações dentro do texto. Essa habilidade é adquirida pelo autor à medida que exercita a leitura e a produção de textos. Muitas vezes, a falta de informação sobre os temas prejudica a produção textual porque a intencionalidade do autor está intimamente conectada à informatividade.

Conforme Beaugrande e Dressler (1986), a situação comunicativa leva o enunciador a produzir textos que atinjam seus propósitos por meio da *intencionalidade*. Esse mecanismo é, também, centrado no emissor; é responsável pelo planejamento e pela seleção dos elementos comunicativos de forma a tornar o discurso aceito pelo interlocutor. Não basta fazer sentido (coerência) ou estabelecer os limites entre texto e não-texto (coesão), a intencionalidade é primordial para a aceitação do que se diz. Segundo Bakhtin (2000), o intuito do autor pode aparecer exposto ou, até, oculto por subterfúgios, mas está sempre no texto como indício de uma atitude responsiva, quer dizer, um autor está sempre respondendo a algo dito anteriormente. Segundo os planos e objetivos de um autor, essas intenções podem se ligar a vários escopos: psicológicos, sociais, políticos, filosóficos. O fato de haver uma intencionalidade não significa que o autor usufrui de uma liberdade irrestrita. Os objetivos planejados para o texto dependem: (1) das possibilidades de escolhas discursivas à disposição do enunciador no ato da produção; (2) das coerções sociais em relação ao que pode ser dito ou não naquela situação e (3) o produtor de

um texto não tem completo controle dos sentidos em produção, pode produzir sentidos inesperados.

Um texto conduz um conjunto de sentidos, mas, além disso, o seu enunciado quer produzir um efeito no interlocutor. Dessa forma, a contraparte da intencionalidade é a *aceitabilidade*, conforme Beaugrande e Dressler (1986). Os efeitos projetados pelo autor precisam passar pela aceitação do interlocutor e estabelecer uma consonância no jogo comunicativo. Se o efeito de sentido tem uma relevância para o interlocutor, o plano de interação obtém seu intento. Os papéis sociais desempenhados levam os interlocutores a relevarem, inclusive, as possíveis ambiguidades ou falhas que possam surgir no texto. Consideramos que tanto a intencionalidade quanto a aceitabilidade são fatores mais frágeis da textualidade e com pouca possibilidade de controle por parte de quem escreve.

A *intertextualidade*, em Koch (2003 e 2004), está relacionada à referência explícita a outros textos ou não. Isso implica partilhar conhecimento de outras produções que permeiam o ambiente cultural e social. Essa forma de diálogo intertextual, também conhecida como polifonia, relaciona-se a um conhecimento do enunciador e do leitor na leitura compreensiva. Desencadeia-se uma apropriação de tipos textuais diversos, promovendo o diálogo entre textos atuais e antigos. O intertexto pode ser visto de modo mais amplo como um mecanismo empregado também na linguagem diária e estabelece uma relação íntima entre os vários textos e dizeres que povoam o nosso conhecimento partilhado.

O *conhecimento partilhado* é um dos fatores de textualidade ressaltados por Koch e Travaglia (1995a e 1995b) como determinantes da estrutura informativa do texto. O enunciador trabalha com os conhecimentos prévios e com os conhecimentos partilhados que integram o saber enciclopédico de cada falante. Daí, o autor monitora a dosagem do que considera já conhecido (o velho) e a inserção do que imagina ser novo para o receptor. Por meio do balanceamento entre velho/novo, temos a inserção de *informações implícitas* que exigem *inferências* por parte do receptor. Essa concepção da intera-

O texto: concepções e aplicação

ção se estabelece como um complexo diálogo entre autor/leitor por meio da atitude responsiva bakhtiniana.

O texto como processo comunicativo

Para Bakhtin (1993 e 2000), a comunicação humana é um ato complexo, ao mesmo tempo dotado de singularidade e de generalidade. O autor compreende que os atos humanos, incluindo a comunicação escrita, ocorrem de forma única e específica em situações absolutamente irrepetíveis. Por isso, a enunciação é sempre original e só se dá uma única vez, envolvendo os mesmos enunciadores, no mesmo tempo e espaço. Aí está a face da singularidade: um texto tem uma existência exclusiva num dado momento sócio-histórico, num lugar específico, numa determinada circunstância de produção. Essa *singularidade* (particularidade) permite uma enunciação específica por parte do autor que tem uma preocupação responsiva ativa para com o seu leitor no processamento de seu texto em uma determinada situação. Essa atitude responsiva corresponde à expectativa de que o interlocutor compreenda o que se diz, bem como enuncie uma resposta. Quando o produtor de um texto diz algo quer ser compreendido e observa se seu interlocutor dá sinais responsivos.

Todo texto se constrói em colocações de ideias já conhecidas (velhas) e insere sempre novas considerações para que haja um avanço dos sentidos. A repetição das ideias inclina-se para uma *generalização*, isto é, a sociedade tem um rol de formações linguísticas já relacionadas para a escolha do enunciador e isso dá a impressão de que os dizeres se repetem com o mesmo sentido. Bakhtin (2000) observa que as similaridades remetem a *dados conhecidos* que facilitam a compreensão do dito, mas o sentido produzido é sempre novo e inusitado por causa de sua relação com o contexto sócio-histórico. As ideias conhecidas seguram o texto, pois a generalização remete ao “velho”. Em contrapartida, o texto progride com a apresentação da informação nova. Assim, o autor tece um texto como um crochê tirando uma laçada nova do interior de uma antiga. Com isso, todo texto é construído pela ancoragem em temas já conhecidos e pelo

avanço por meio de temas novos, num jogo de recuo (ancoragem) e avanço (progressão).

Consideramos que o texto tem um movimento, pulsa como nos movimentos cardíacos de sístole e diástole, em que a singularidade do novo se relaciona, intrinsecamente, à generalidade do conhecido. Esse movimento dialógico se realiza no texto como na vida. Os diálogos promovem trocas discursivas que também podem aparecer entre outros sistemas binários como: a variedade e a fixidez, o velho e o novo, o caos e a ordem. Essa relação *singularidade/generalização* interessa-nos, pois todo texto expõe aspectos de singularidade, mas também se vincula à generalidade.

Um autor não pode ser concebido como o ponto de partida de uma enunciação. Tudo o que diz conecta-se, intimamente, a uma *situação de produção* e a *dizeres anteriores*. Sendo assim, aquilo que se fala ou se escreve, como num processo, é uma forma de resposta a algo que já foi dito. A esse jogo dialógico da linguagem, Bakhtin/Volochinov (1995) chamam de “responsividade ativa”. Sobral (2005, p. 21) complementa que “dessa forma, o ato responsável envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato, vinculada com o pensamento participativo”.

Considerando as noções dadas acima, também o interlocutor já está inserido no texto escrito. “Toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 2000, p. 290). A imagem que cada sujeito tem de si mesmo é formada, socialmente, a partir de sua relação com os outros. O jogo discursivo do texto estabelece esse diálogo permanente e ininterrupto que permite ao sujeito dizer sua singularidade e sua generalidade. Essas trocas discursivas permitem a cada ser humano fazer opções num feixe de inúmeras respostas possíveis ao que diz.

Em suma, o conceito de dialogismo bakhtiniano interliga os sujeitos socialmente e os torna agentes da história individual e coletiva. Então, na abordagem do texto escrito, não se pode perder de vista que esse enunciado é um elo na cadeia complexa de um diálogo

inacabável. Todo texto é uma resposta a um dito anterior, é a voz de um sujeito “respondente” ativo. O autor cria seu dizer num momento singular de enunciação na expectativa de uma resposta compreensível porque é dotada de aspectos genericamente interligados. Não há uma rigidez, o que há é uma fluidez entre a *singularidade* da atitude responsiva e a *generalidade* dos aspectos coletivos no discurso.

A noção de texto abarca, portanto, uma complexidade de elementos interligados visto que a produção textual não pode ser entendida ou estudada de forma simplista. É preciso tentar atingir a generalidade dos aspectos padronizados que se mantêm de alguma forma e detectar as singularidades específicas que permitem a mobilidade e a criatividade individuais (BRAIT, 2005 e 2006).

O estudo do texto não se coloca, nesse início de século XXI, como um campo conquistado e estanque. As pesquisas textuais são um campo em movimento e, em razão disso, nossa investigação se mobiliza para tentar compreender os processos de construção da textualidade. Queremos observar de perto como os autores utilizam determinadas estratégias de escolhas linguísticas. Nosso projeto é descrever como o aluno-autor promove o jogo de tensões entre o convencional e a singularidade para atingir seus objetivos textuais.

A escrita e a reescrita como um processo

Ao focalizarmos a linguagem como produto da interação verbal, entendemos que, nesse processo, os sujeitos se constituem como seres humanos que são. A linguagem está sempre em “progresso”, tendo em vista que a relação social e histórica permite uma mobilidade discursiva conforme os papéis ocupados pelos enunciadores. A produção de um texto e, especificamente, a elaboração do texto escrito exige um saber prévio de recursos linguísticos disponíveis, a fim de se processar a seleção de operações da construção de sentidos.

A sociedade letrada valoriza muito a capacidade de leitura e de compreensão de textos, bem como a habilidade em redigi-los com finalidades escolares ou profissionais. Considera-se que a escrita é aprendida na escola quando o sujeito já sabe criar textos orais. A

percepção geral é de que a escrita se distancia da relação pragmática, o que envolve uma dificuldade por parte dos falantes. Para Catach (1996, p. 7), a expressão oral não tem uma correspondência exata na escrita que, “em certo sentido é sempre metalinguagem, reflexão sobre a linguagem”. Essa autora complementa que a linguagem escrita é mais complexa porque emprega “um sistema de signos altamente *organizados*, capazes de transmitir *qualquer* mensagem comunicativa em seus principais elementos: *articulados*, compostos de unidades *discretas* e *arbitrárias*, na perspectiva de uma *dada língua*” (p. 19, grifos da autora).

Defendemos a ideia de que a escrita é um dos modos de produção textual para fins comunicativos que carregam o discurso. Suas especificidades gráficas estão intimamente relacionadas a uma estrutura lexical e gramatical realizadas num contexto de produção. A escrita não é a reprodução da fala, nem a voz de uma divindade reveladora da verdade. E, mesmo havendo um distanciamento temporal e espacial entre produtor/autor e receptor/leitor, o texto escrito inscreve-se numa produção dialógica. Entendemos que a temporalidade da escrita assume condições particulares, o *presente do autor é diferente daquele do leitor* e o espaço também. No texto escrito, quando o enunciador *procede a escolhas* de significação permitidas pelas regras, leva em conta essa especificidade. Mais ainda, o autor considera seu *leitor virtual*, daí tenta estabelecer um diálogo; em contrapartida, o leitor, diante de um texto escrito, busca a compreensão daquilo que o *autor virtual* tenta lhe transmitir. Mesmo distantes no espaço e no tempo, autor e leitor sempre consideram as especificidades um do outro.

Para Rey-Debove (1996), na leitura de um texto, o autor ausente permanece presente de forma linguística. E no caso de aparecer uma expressão não compreendida por parte do interlocutor temos um movimento retroativo a fim de recuperar o que não foi captado. Na oralidade, podem-se fazer correções imediatas no sentido por meio de uma outra enunciação, logo a correção se dá num momento posterior à fala. Na escrita, a correção se dá num *retrocesso*, o autor retorna, relê os termos, supre vazios e recompõe os sentidos. No ato da escrita, o autor troca o seu papel de enunciador pelo de leitor e revisa o texto

O texto: concepções e aplicação

a fim de perceber partes insatisfatórias de seu registro. Esse percurso, muitas vezes, parece complexo no trabalho de redigir.

Na produção de um texto, um falante “sabe” a linguagem quando aprende a “dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciadados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra” (GERALDI, 1993, p. 118). Assim, redigir um texto é um trabalho linguístico e discursivo em que os sujeitos realizam três tipos de ações. (1) Para Geraldi (1993), as operações realizadas “*com a linguagem*” têm uma função interpessoal em que um “eu” se comunica com um interlocutor e gera uma enunciação de acordo com os propósitos ditados pelas circunstâncias. A linguagem é o seu instrumento de ação que arregimenta os recursos expressivos de que necessita. (2) As ações realizadas pelo falante “*sobre a linguagem*” tomam os próprios recursos expressivos como seu objeto de reflexão (epilinguística), para produzir os efeitos de sentido pretendidos. (3) As ações “*da própria linguagem*”, por meio de um leque de opções linguísticas, interferem nas relações cognitivas e na construção dos sistemas discursivos dos falantes. Confeccionar um texto põe em ação um complexo aparelho de habilidades.

Conforme Geraldi (1993), essas três operações são interligadas e trabalham num jogo de reflexividades da linguagem, pela própria capacidade de remeter a si mesma. Por isso, ao construir um texto, o falante desenvolve um raciocínio sobre as atividades “epilinguísticas”. Essas atividades especificam as operações de julgamentos sobre a linguagem, realizadas no trabalho da escrita. Quem escreve pretende ser compreendido e executa uma negociação de sentidos e auto-correções. No ato da produção, o autor faz um projeto de texto, antecipa os sentidos, procede a re-elaborações. Em face disso, as marcas de um texto escrito revelam hesitações e tentativas de cobrir lapsos por meio de repetições e rasuras. Desse modo, o trabalho de reler o que está redigindo e propor alterações, visa à adequação do co-texto (entorno verbal) ao contexto (aspectos situacionais e discursivos).

Possenti (1994) também considera que a produção de um texto é um trabalho que conjuga uma série de habilidades e conhecimentos por parte do produtor. Ao defender a importância da escola no ensino/aprendizagem da produção textual, observa que não se pode considerar o aluno como uma tábula rasa na qual são inscritos hábitos de escrita por exercícios repetitivos. É uma ingenuidade imaginar que o aluno apenas repete os mesmos discursos escolares ou é capaz de tornar-se a origem primeira de qualquer dizer, usando a criatividade. Possenti preocupa-se com a necessidade de que a escola compreenda o texto do aluno como o produto de um sujeito-autor que trabalha dentro de determinadas condições de produção. Um texto escolar, para ser considerado bom não precisa apresentar aspectos de originalidade, mas demonstrar que houve: (1) organização dos argumentos; (2) seleção dos discursos que permeiam a sociedade (informatividade); (3) abertura para exposição da voz do outro e (4) aplicação de estratégias comunicativas. A consistência linguística do texto se apresenta segundo a habilidade de: (5) acionar os recursos lexicais e gramaticais, semânticos e pragmáticos e (6) empregar determinados marcadores. É um trabalho que exige o controle de muitas habilidades para se construir uma tessitura textual clara.

Em relação ao ensino da produção de texto, Citelli (1996) diz que o professor, ao trabalhar a língua a partir de uma referência interacional (inter/ação), sabe radicalizar o aspecto dialógico. Com isso, apresenta o seu discurso como um entre vários, no meio dos quais estarão aqueles dos alunos que vivem experiências culturais diferenciadas, que falam sobre o mundo a partir de lugares múltiplos e que operam variáveis linguísticas nem sempre afinadas com a do mestre.

Para Fiad e Mayrink-Sabinson (1996), o aluno planeja o texto, redige-o e relê o que escreve para produzir modificações. Essa revisão permite reestruturar e deixar marcas da vitalidade constitutiva no texto produzido e no próprio educando. O trabalho de escrita e o de reescrita levam o autor/leitor a desenvolver um olhar crítico a fim de que possa verificar o que ficou bom e o que precisa melhorar. Essa atitude avaliativa do autor sobre o que produz é positiva, já que, em certas ocasiões (provas, vestibulares, vida profissional), não haverá uma pessoa para lhe dizer se ficou adequado ou não.

O texto: concepções e aplicação

Em Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson (1997, p. 20), encontramos uma reflexão acerca da relação do aluno-autor com o professor-leitor na qual afirmam que

à medida que a relação do sujeito com a linguagem é mediada, desde sempre, pela relação com um outro interlocutor fisicamente presente ou representado. É necessário um ponto de referência para esse sujeito em constituição, cabe também perguntar que estatuto teórico deve ser atribuído, pelas teorias de aquisição da linguagem, a esse interlocutor, o que equivale a perguntar como deve ser teoricamente avaliado o papel por ele desempenhado no próprio processo de aquisição da linguagem de uma criança, ou seja, *como o interlocutor afeta e é afetado por esse processo*. Inaugurar a discussão sobre o papel do outro nas teorias de aquisição implica reconhecer a importância desse lugar teórico para uma melhor compreensão da função, no processo, do dado singular, bem como do seu próprio estatuto epistemológico. (grifos nossos)

A contemplação da forma escrita da língua (no caso do aluno-redator como do professor-leitor) faz com que o sujeito alterne os papéis de autor e de leitor e passe a refletir sobre a própria linguagem. Trocar os papéis permite, muitas vezes, um manejo do texto de uma forma diferente daquela como administra a própria fala. A escrita é, dessa forma, uma produção em que se sobressaem manifestações da singularidade do sujeito. Consideramos que, na produção e revisão textual, a alternância dos papéis (escritor/ leitor) permite ao sujeito constituir-se como autônomo e a atingir a autoria tanto nos recursos formais quanto no desenvolvimento das ideias.

Em *Portos de passagem*, Geraldi (1993, p. 102) referenda a importância do estatuto do leitor para o produtor de um texto e essa relação se dá antecipadamente, pois

o outro é a medida: é para o outro que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos na leitura. O outro insere-se já na produção, como condição necessária para que o texto exista.

É porque se sabe do outro que um texto acabado não é fechado em si mesmo. Seu sentido, por maior precisão que lhe queira dar seu autor, e ele o sabe, é já na produção um sentido construído a dois.

A relação autor-leitor, denominada “responsividade ativa” por Bakhtin/ Volochinov (1995), pode sofrer interferências específicas no caso da produção escolar quando o estudante molda sua produção conforme a imagem que faz de seu leitor.

O texto, visto como um processo, não é um produto congelado no seu dizer e no seu conteúdo formal. Para Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (2000), embora todo texto escrito apresente um acabamento, não significa que há empecilho para modificações posteriores. Mesmo que o autor de um texto o considere um produto acabado, haverá sempre oportunidade para se verificar como a recepção está ocorrendo e realizar modificações. Isso é confirmado por meio de algumas edições de livros em que o autor insere alterações.

Algumas considerações

Talvez a complexidade da produção do texto escrita atemorize a muitos. Há dificuldades em se produzir um texto num momento de atividade escolar, no trabalho ou, até, no lazer. As pessoas adiam o seu exercício o mais que podem e só se dedicam mesmo à escrita quando se aproxima, inadiável, uma data limite (deadline). Porém, aprender a redigir é uma expectativa dos jovens, uma necessidade para a continuidade escolar, uma exigência do mercado e uma opção de lazer.

Em suma, ao adotarmos a concepção de texto como fenômeno interativo de base sociocognitiva, trilhamos um caminho em busca de uma compreensão mais detalhada dos processos desencadeados pelos enunciadores no ato de redigir textos escolares. Se a produção textual é uma entidade multifacetada, que estabelece conexão de saberes linguísticos, socioculturais e comunicativos em complexa construção discursiva dentro de um contexto, também não se aparta de uma interação dialógica.

O texto: concepções e aplicação

Ao escrever, o enunciador assume o papel solitário de um autor que projeta mentalmente o seu leitor virtual, avança com informações novas e recua para observar o encadeamento das ideias. O produtor textual não se esquece de que as escolhas realizadas podem ser revistas e alterações podem ser introduzidas. Distanciado do leitor em seu isolamento, o autor parece redigir para si mesmo, mas a dimensão interlocutiva não desaparece. Observamos que, num plano teórico, o jogo da escrita está inserido num princípio de dualidade dialógica, pois o enunciador não é unitário, nem homogêneo.

O escritor de um texto simula um diálogo consigo mesmo e estabelece relações entre a sua atuação de “autor-escritor” com a de “autor-leitor”. Esse diálogo interior leva o autor a ler sua própria escrita, a avalia a eficiência do que está dito. É como se o autor-leitor estivesse bipartido em dois papéis: num aspecto faz escolhas enunciativas e monitora o autor-escritor; noutro, verifica a propriedade das escolhas realizadas. Nesse diálogo interior, faz o papel de quem redigiu, investiga as possíveis incorreções, os vazios ou as ambiguidades e, a partir da avaliação, como se fosse um outro-leitor, desenvolve as alterações que julga mais adequadas.

Esse processo de produzir-avaliar-alterar é complexo e dá a impressão de um trabalho isolado, mas deixa no texto as marcas do “outro”, do autor-leitor que interroga o escritor para saber se o que disse é justo, se é verdadeiro ou se é convincente. Com isso, o diálogo escritor/leitor se estabelece, desde o momento da produção textual, num movimento reflexivo do autor que monitora o texto acerca da qualidade, da adequação das escolhas e dos riscos de ambiguidade. Assim, o autor-escritor é controlado por uma outra força, a do autor-leitor, avaliador, que estabelece as fronteiras do dizer e julga os obstáculos e os silêncios.

Ao redigir um texto, o autor realiza um movimento de produção enunciativa conjugado a um constante retorno ao produto que constrói. Esse movimento dinâmico da escrita não segue uma linearidade, mas ocorre num processo em zigue-zague, conjugando escrita e leitura, hesitações e releitura, interrupções e decisões, rasuras e remanejamentos num jogo constante.

O trabalho da escrita, leitura e reescrita textual contribui para o processo de amadurecimento das habilidades textuais do autor. Consideramos que o aluno adquire habilidade de movimentação dos sentidos discursivos por meio das escolhas desencadeadas na produção e na revisão textual. Essa habilidade torna o aprendiz capaz de optar por estratégias diferentes no intuito de solucionar determinadas dificuldades. Esse trabalho de revisão tem valor constitutivo do sujeito-autor, pois permite observar o texto em perspectivas variadas. O refazer valoriza o caráter de processamento dialógico dos julgamentos sobre o já-dito e as possibilidades abertas do por-dizer.

O trabalho da reescrita não pode ser visto apenas como uma forma de passar o texto a limpo. Reescrever um trabalho escolar não é limpar as falhas gramaticais da primeira versão, retirando as marcas de transgressões à imagem da língua padrão. O diálogo entre professor/leitor e aluno/autor não se resume a produzir uma pasteurização das falhas apontadas pelo professor ou detectadas pelo próprio autor. A ação da escrita e da reescrita precisa considerar as conexões dos sentidos discursivos, pois não é um exercício de correção gramatical, mas uma busca criativa de condições mais eficazes de compreensão por parte do leitor. O trabalho realizado na reescrita deixa indícios da singularidade do autor os quais são importantes para se entender o processo produtivo.

Referências

- ABAURRE M. B.; FIAD R. S. e MAYRINK-SABINSON M. L. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, São Paulo: ALB/Mercado de Letras, 1997.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Traduzido por A. F. Bernadini e outros. 3. ed. São Paulo: Unesp/ Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, M. /VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da linguagem*. Traduzido por M. Lahud e Y. F. Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. Traduzido por M. E. Galvão e G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O texto: concepções e aplicação

BEAUGRANDE, R. e DRESSLER, W. *Introduction to text linguistic*. 3. ed. Londres e Nova Iorque: Longman, 1986.

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CATACH, N. (org.) *Para uma teoria da língua escrita*. Traduzido por F. M. L. Moretto e G. M. Machado. São Paulo: Ática, 1996.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Traduzido por F. Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CITELLI, A. O ensino de linguagem verbal: em torno do planejamento. In: MARTINS, M. H. (org.). *Questões de linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996. p. 11-17.

FIAD, R. S. e MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (org.). *Questões de linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996. p. 54-63.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE e MORGAN (orgs.) *Syntax and semantics* 3. Speech Acts. Nova Iorque: Academic, 1975. p. 72-85.

HALLIDAY, M. A. K. Language in a social perspective. In: HALLIDAY, M. A. K. *Language perspective*. Oxford: Oxford, 1969. p. 88-109.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Cohesion in English*. 3. ed. London e New York: Longman, 1994.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto 1995a.

KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995b.

LENTIN, L. A dependência do escrito em relação ao oral: parâmetro fundamental da primeira aquisição da linguagem. In: CATACH, N. (org.) *Para uma teoria da língua escrita*. Tradução de F. M. L. Moretto e G. M. Machado. São Paulo: Ática, 1996. p. 113-121.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, S. Discurso, sujeito e o trabalho da escrita. *Revista SériesEncontros: Problemas atuais da AD*. Campinas: Unicamp, p. 27-42, 1994.

REY-DEBOVE, J. À procura da distinção oral/escrito. In: CATACH, N. (Org.) *Para uma teoria da língua escrita*. Tradução: F. Moretto e G. M. Machado. São Paulo: Ática, 1996. p. 75-90.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-36.

VAN DIJK, T. A. *Text and context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. New York, USA: Longman, 1977.

4.

O uso dos corpora no ensino de Português como língua estrangeira: As colocações e as coligações

FRANCESCO MORLEO

Como observou Leech (1992), o foco do estudo está na *performance*, e não na competência, e a observação da linguagem em uso leva à teoria, e não ao contrário. A língua apresenta uma regularidade e uma variação sistemática, assim como padrões linguísticos (relacionados às variedades textuais; cf. Sardinha, 2004) que tornam o uso linguístico mais “natural”. Os estudos desses padrões linguísticos deveria fazer parte de qualquer programa de ensino e aprendizagem duma língua estrangeira, qual pode ser o Português como Língua Estrangeira (PLE) para assim tornar o aprendente usuário duma competência linguística mais próxima da produção linguística dum falante nativo. Nesta perspectiva, a Linguística de Corpora oferece uma ferramenta necessária para estudar a produção linguística da língua de estudo (L2).

Neste contributo, tenta-se esboçar um percurso de análise textual, partindo da interrogação do corpus *Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)* na plataforma *Sketch Engine*, como primeiro passo para a introdução do estudo das colocações como parte integrante de qualquer programa de ensino e o uso de corpora nas aulas de PLE.

Contextualização

Todos os dias, os falantes de qualquer língua usam expressões fixas que aparentemente não podem ser modificadas. Um falante nativo sabe que se diz *vinho tinto* e *primeiros socorros*, mas um italiano, por exemplo, que está aprendendo a língua portuguesa não achará estranho dizer *vinho vermelho* nem *pronto socorro*. Considere-se agora que em italiano “faz-se” atenção, ao passo que em português se “presta”, em italiano diz-se “così o cosà” e em português há “assim e assado”. Isto leva-nos à ideia da língua como de uma produção governada por padrões, ou construções, em que a liberdade de escolha depende dos géneros textuais, ou mais em geral, muda conforme a variação diafásica e diamésica. Em palavras mais simples, é possível afirmar que muito da produção linguística é rotina – “[by] going back to routine usages we make it easier for the recipients to understand what we are saying, as it involves less effort to process something that one has already encountered before” (MASON 2007, p. 5 *apud* SARDINHA, 2014, p. 11). De facto, a presença de elementos de rotina torna os textos fluentes e familiares, pois são reflexões psicológicas de manifestações naturais do uso linguístico (HOEY, 2005).

Estas construções fixas fazem parte do repertório do falante nativo médio e, pelo menos em parte, deveriam ser conhecidas pelo aprendente de PLE (cf. COSTA, 2009). O estudo destas construções frásicas conhecidas em literatura, entre várias etiquetas, como colocações, coligações, é extremamente relevante na aprendizagem e no ensino de línguas e deveria ser considerado em qualquer percurso de ensino e aprendizagem duma língua estrangeira. Com estas ideias, usando a plataforma *online Sketch Engine* e o *Corpus Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)* procuramos, de maneira apenas representativa, algumas expressões, colocações, coligações que podem representar um problema na elaboração do texto em língua portuguesa por parte dum falante italiano com um nível intermédio da língua estrangeira. Aliás, esta reflexão (que pode ser vista como um *work in progress*) teve como estudante modelo alguém que tenha pelo menos um nível intermédio do Português L2 ou, conforme o quadro europeu das línguas, um nível B1/B2.

Partindo da ideia que a linguagem apresenta padrões linguísticos que indicam uma regularidade e uma variação sistemática (cf. SARDINHA, 2004), pensamos na possibilidade de o estudante trabalhar por sua conta, usando o material disponível *online* para procurar e resolver sozinho as próprias dúvidas linguísticas.

A linguística de corpora

Um dos âmbitos em que mais a linguística de corpora oferece uma ajuda tem a ver com as colocações, com as coligações e as formas fixas que todas as línguas têm (SARDINHA, 2014, p. 9). Como escreve o investigador brasileiro (um dos pioneiros da linguística de corpora em terra brasileira), embora os corpora contenham textos, as fronteiras entre os textos perdem-se nestas coletas de dados “either because they were not taken into account during compilation or because the analysis software ignores them” (SARDINHA, 2014, p. 9). Assim sendo, “when we retrieve collocations we end up with a picture of collocation presence in the language rather than in the texts represented in those collections” (SARDINHA, 2014, p. 10). A linguística de corpus é baseada em corpora textuais como o domínio de estudo e a fonte de evidência para a descrição linguística e a argumentação (cf. MCENERY, 2001, 2006). Trata-se duma metodologia de descrição linguística na qual a quantificação e a distribuição dos itens linguísticos fazem parte da atividade de pesquisa.

Although some consider corpus linguistics “essentially a technology” (Simpson & Swales, 2001: 1), an identifiable philosophy lies beneath its use of technology. The philosophy follows from a Firthian tradition in language study (Firth, 1957; Palmer, 1968; Stubbs, 1993). Central to the philosophy is that language study is primarily an empirical endeavor. That is, descriptions of language and theories of language are developed from systematic observations of language behavior. The contributions that corpus linguistics makes to language instruction stem largely from this emphasis on empirical analysis, in order to see what is typical and what is unusual. Intuition and casual observations are important in corpus

linguistics for leading to research questions, and interpretation of corpus-based findings include subjective impressions about language choices, but the empirical analysis of a large amount of language is at the heart of corpus linguistics. (CONRAD; LEVELLE, 2008, p. 540)

O que sabemos sobre os corpora é que são uma recolha de dados mais ou menos grandes, conforme os motivos pelos que a recolha é feita, que são construídos para a análise linguística, que os dados linguísticos coletados podem ser pesquisados por meio de *software*, que tornam a pesquisa algo simples e acessível a todos, isto é, não apenas a profissionais (cf. AIJMER, 2009; STUBBS, 2008). Análise linguística quer dizer pesquisar as regularidades e as irregularidades dentro do uso que os usuários fazem da própria língua em devidas circunstâncias (quando se trata duma recolha de produção linguística L1).

Corpus linguistics is an approach for investigating the use of language. It employs computer-assisted techniques to analyze large collections of writing or transcribed speech in order to describe the typical – or unusual – language choices that speakers and writers make in particular circumstances. (CONRAD; LEVELLE, 2008, p. 539)

Mas, como escreve Sardinha (2004), a Linguística de Corpus não se resume a um conjunto de ferramentas. Se se entender o termo metodologia como um modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico, então a Linguística de Corpora pode ser vista como uma metodologia, pois traz consigo algo mais do que simplesmente o instrumento computacional (SARDINHA, 2004). O que sabemos sobre a linguística de corpora é que permite uma análise no eixo paradigmático, horizontal, por meio da frequência dos lemas, e no eixo sintagmático, vertical, por meio das linhas de concordância.

Corpus linguistics, like all linguistics, is concerned primarily with the description and explanation of the nature, structure

and use of language and languages and with particular matters such as language acquisition, variation and change. (KENNEDY, 1998, p. 8)

Como escreve Kennedy (1998), conforme as ideias à base da construção dum corpus (já que um corpus é construído tendo em conta os objetivos que o pesquisador quer alcançar), os corpora permitem estudar vários aspetos ligados ao estudo linguístico, nomeadamente aspectos conexos à aquisição, à aprendizagem, à variação duma língua e assim por diante.

Figura 1: screenshot duma pesquisa no Corpus do Portuguese de Davis & Ferreira

Filename	Solution 1 to 50	Page 1 / 3416
I28391	de Casébrez , concelho de Alcácer do Sal , mas está	sempre pronto " para ajudar á festa . Descreve o ambiente que se
A44064	autónoma , com logradouro , facultada á família em propriedade , constitui	sempre a melhor solução . Direi mesmo a única inteiramente boa . No
A122317	como o pão das suas bocas . Turismo , porém , será	sempre indispensável sem infra-estruturas , desde logo sem vias de comunicação capazes
A114222	de , vária ordem e até religiosas que nós , socialistas ,	sempre respeitámos e respeitaremos . Por isso , nunca um Governo socialista legislará
A151242	razão se considera aqui que o fundo de desemprego , que nem	sempre tem canalizado da melhor forma as verbas que em principio deviam ser
A24296	O Orador . - É claro que se tem marcado , como	sempre posições divergentes , mas ninguém durá que essas posições não tenham
I79127	tiveram muito sucesso . As vendas do " New Musical Express "	sempre foram excelentes , mas esse era um projecto marginal . Como editor
A40798	longa vida totalmente dedicada ao serviço da Pátria , que pus	sempre acima dos meus e de outros interesses individuais , porque todos ,
I104773	planificação das mudanças anunciadas para a NTV tem sido sucessivamente alterada ,	sempre com adiantamentos - depois de uma previsão inicial de Outubro do ano
COD_1053157	nova imagem do vale e do lago . Ela Encantata parecem ter	sempre uma aura brilhante deixada pelo Sol , que passa por trás dos
R4791	recheado de imperatrizes Porcinas ou pela visão sexocológica do Putrefacto , há	sempre uma meada pronta a dobar , um emaranhado de casais trocados á
A13181	sujeitar pessoas desprevenidas ou de boa fé a duras penas , desde	sempre ambicionei e desejei que algumas modificações fossem introduzidas nesse reg
A6368	que tão apreciados e tão bem manejados são dos regimes ditatoriais ,	sempre de molde a convencer as populações , que procuram manter embrutecidas e
A176378	materia foi trazida a Plenário em razão da urgência , aliás foi	sempre esta a fórmula usada . E a verdade é que o n.º
COD_1058664	a companhia dos seus cães e gatos , além dos amigos que	sempre frequentaram a Casa do Sol , refugio de décadas que desejava ver
COD_1084427	mas nos últimos dias o administrador responsável por este caso esteve	sempre incontactável . Governo afasta -se Do lado do Governo , não parece
COD_1016356	um de nós se move na vida , ou seja , agindo	sempre em função daquilo em que acreditamos e tendo sempre a frontalidade de
I79286	não tem amigos firmes nesta nova União . Antes , Guterres aparecia	sempre na primeira fila , normalmente ao lado de Kohl . Agora ,
COD_1069211	também é simples . ora com mais ou menos fôlego , mas	sempre em latim . São Tomás afirma que o homem tem uma capacidade
L0892	pelo organismo como integrantes da própria matéria . Os alimentos , quase	sempre mistura de substâncias nutritivas e não componentes unitários puros , cobrem
A158704	o diálogo , discute , tenta a concórdia . A maioria é	sempre legítima até deixar de ser maioria . Por isso o PCP está
A121282	a validade e a legitimidade dessas instituições quer pela obra social que	sempre desempenharam , quer no formalismo dos próprios textos legais - como é

Fonte: Autor.

O tipo de observação que pode ser feita sobre os dados linguísticos pode ser, usando duas expressões inglesas que resumem duas práticas observacionais, *top-down* ou *bottom-up*. A primeira parte do discurso para chegar às linhas de concordância, ao passo que a segunda abordagem cumpre o percurso inverso: parte das linhas de concordância para chegar ao discurso. Como escreve Biber (2007), a análise funcional é do tipo *top-down*, ao passo que a análise linguística e primeiramente *bottom-up*.

Functional analysis is primary in top-down approaches; functional distinction are determined on a qualitative basis,

to determine the set of relevant discourse types and to identify specific discourse units within texts. In contrast, linguistic analysis is primary in bottom-up approaches; a wide range of linguistic distributional patterns are analysed quantitatively, again being used to determine the set of relevant discourse types and to identify specific discourse units within texts. (BIBER et al, 2007, p. 241)

A difusão dos *corpora* e o aperfeiçoamento de técnicas de processamento automático dos dados linguísticos modificaram a análise linguística permitindo novas análises qualitativas e quantitativas que não eram possíveis antes dos avanços tecnológicos chegarem – pense-se aqui em dois nomes que logo entenderam as possibilidades que os *corpora* de grandes quantidades ofereciam à análise linguística: John Sinclair e Michael Halliday. Em âmbito lusófono, a linguística de corpora, começa nos anos Sessenta em Portugal com o corpus PORTUGUÊS FUNDAMENTAL e, dez anos depois, no Brasil com o corpus NURC. Hoje em dia contam-se vários corpora *online* das variantes da língua portuguesa, principalmente da variante europeia e da brasileira. O uso de corpora para ensinar o PLE datam ao final do século XX (BACELAR DO NASCIMENTO, 1997). A FLUL usou e usa os corpora como material para a aplicação de um método comunicativo, isto é, para um contato direto do estudante para com a língua no seu contexto natural de ocorrência. No Brasil, é importante lembrar o trabalho de Sardinha (2004), que por primeiro desenvolveu análises linguísticas de corpora brasileiros. Enfim, é importante lembrar que, embora o uso de corpora para ensinar o PLE datem ao final do século XX (BACELAR DO NASCIMENTO, 1997), mais trabalhos com base em corpora deveriam ser desenvolvidos para melhorar a observação dos fenômenos linguísticos na L2 por parte de estudantes com uma diferente L1.

Como já foi sugerido anteriormente, para poder interrogar uma grande quantidades de dados, é preciso desfrutar as potencialidades dum software como o da plataforma *online* Sketch Engine que permite procurar uma palavra no meio de milhares textos. O mais conhecido destes é o Corcondandcer, isto é, um programa que apre-

senta todas as ocorrências duma palavras e parte do contexto em que esta está inserida (veja-se “concordance lines” or a Key Word in Context “KWIC”).

Este tipo de programa permite também calcular as frequências das palavras, analisar as construções frásicas. Ainda, o Concordancer pode apresentar as linhas de texto com a palavra procurada, em várias maneiras, revelando como os usuários usam as palavras.

As coligações e as colocações

O conhecimento linguístico de um adulto parece conter um *continuum* de construções linguísticas de vários níveis da complexidade e abstração abrangendo itens concretos e particulares, classes mais abstratas de itens ou combinações complexas de sequências linguísticas. Vários estudos do processamento da linguagem mostram que a linguagem está depositada redundantemente. As palavras, por exemplo, não podem ser consideradas apenas como morfemas individuais, mas como partes de frases, ou sequências frásicas (cf. VILELA, 1994, 1995). Neste capítulo, decidiu-se tratar como formas sinonímicas etiquetas como ‘expressões fixas’, as ‘expressões frásicas’ tendo em conta, porém, as diferenças entre o que é uma coligação e o que é uma colocação.

A definição básica de colocação como justaposição de palavras é conhecida em linguística desde muito antes do desenvolvimento dos corpora eletrónicos, e foi graças a Sinclair et alii. (1970/2004) que mudou a maneira de vermos a colocação linguística. As coligações são o que Sardinha (2004) define como associações entre itens lexicais e gramaticais (veja-se ‘esticar as’ + ‘pernas’).

É aqui importante frisar que, às vezes, as combinações frásicas situam-se na fronteira entre a gramática e o léxico e, às vezes, o sentido delas não é sempre ligado às regras sintáticas (p. ex. de braços abertos; de braço aberto), isto leva-nos a pensar nas colocações como construções cristalizadas que são aceitas pelos falantes apesar do sentido gramatical ou sintático que podem ter (cf. BARTSCH, 2004).

As expressões frásicas e o PLE

Vários pesquisadores concordam que quem aprende uma L2 usa um número variável de expressões prefabricadas (NATTINGER DECARRICO, 1992, p. 26). Apesar do ponto de vista tomado no que tem a ver com a centralidade ou menos das fórmulas linguísticas na aprendizagem da L2, resta a importância delas durante a elaboração dum texto escrito ou oral, seja o que for. A produção das expressões frásicas, isto é, nomeadamente colocações e coligações, por parte de quem apreende o português como L2, representa um problema que não é estritamente ligado ao conhecimento do léxico, ou à quantidade de léxico conhecido, mas é relacionado com a quantidade de *input* a que o aprendente é exposto. Esta diferente quantidade de uso das colocações leva a uma diferença substancial entre o falante do PLE e um falante nativo. Expressões cristalizadas ou fixas são aprendidas pelos aprendentes assistemáticas, conforme as situações comunicativas, na L2, em que se podem encontrar.

Relativamente à língua portuguesa, apesar do trabalho de alguns pesquisadores como Sardinha (2014), não existem livros especializados em colocações destinadas a aprendentes de PLE ou não chegamos a ter conhecimento delas. A quantidade de material que trata delas denuncia a baixa importância que foi dada às colocações – apesar da relevância das colocações no ensino duma L2: os estudantes conhecem palavras separadas, mas devem aprender quais e quando é possível juntar, duma forma natural, como fariam os falantes nativos. Aliás, as colocações não são apenas o único problema do falante o PLE. Como já foi dito, há também as coligações e as escolhas semânticas, que podem representar um problema na elaboração do texto em língua portuguesa por parte dum falante italiano com um nível base ou intermédio da língua estrangeira. Todavia, apesar de uma indiscutível importância das expressões frásicas na aprendizagem e no ensino do PLE, como de qualquer L2, não se pode decorar centenas e centenas delas. Aliás, sendo estas expressões fixas, de co-ocorrência estrita ou livre, é muito difícil para um aprendente de PLE lidar com um repertório tão amplo.

O que importa é como lidar com estas expressões linguísticas: os estudantes com um nível intermédio deveriam conhecer as ferramentas que ajudam na procura das expressões na L2 para uma melhor compreensão da mensagem e para uma eventual reprodução da mesma mensagem na própria língua.

Sketch engine e sua interrogação

Nesta pesquisa, apenas representativa e qualitativa, consideraremos substantivos (N), verbos (V) e preposições (prep) tentando simular o que poderia ser uma pesquisa linguística dum aprendente com um nível B1/2 do quadro linguístico europeu. É importante frisar o valor qualitativo porque numa primeira etapa o estudante não precisa de informações de tipo quantitativo – lembremos que o que nos interessa aqui é se em português é mais fácil haver “primeiros socorros” ou “pronto socorro”; se se diz “assim e assim” ou assim e assado” ou, ainda, quais são os verbos mais prováveis com dado substantivo. A ideia é de demonstrar como um estudante com um nível intermédio na L2 pode desfrutar uma ferramenta como o Sketch Engine para ampliar os próprios conhecimentos linguísticos e observar os fenómenos linguísticos a partir do uso linguístico e não a partir da teoria.

Pernil: V + (N)

Esticar o pernil

- este senhor chama se José Socrates e tem vindo a tentar **esticar o pernil** de todos os portugueses não façam negócios com este senhor
- É dia de não fazer nada **esticar o pernil** (salvo seja) no sofá, deixar o cérebro...

“Esticar o Pernil” é uma coligação da língua portuguesa muito longe do que um estudante estrangeiro poderia produzir para reproduzir a mesma ideia levada por esta colocação. A interrogação no *Concordance* e a escolha da opção *phrase* dá-nos a ideia das possibilidades que o verbo ‘esticar’ tem:

Tabela 1: Interrogação de Esticar na plataforma Sketch Engine

Collocate	Collocate	Freq	Coll. freq.	T-score	MI
corda	359	39177	1.894.378	1.239.665	796.645
espalmar	50	963	707.084	1.489.899	753.746
pernas	524	104380	2.288.330	1.152.846	725.725
encolher	46	3320	678.150	1.299.312	707.545
canelas	24	1980	489.829	1.280.020	632.111
marchas	65	20844	805.786	1.084.155	621.360
pernil	24	3393	489.780	1.202.314	612.745
braço	236	103136	1.535.088	1.039.498	612.255
esticar	33	7856	574.224	1.127.134	610.481
elástico	32	10146	565.381	1.085.790	586.413
pescoço	97	61568	983.823	985.654	551.677
perna	86	58597	926.288	975.425	540.622
braços	140	115949	1.181.551	947.268	521.157
dobrar	37	26511	607.536	968.168	514.072
arame	21	12544	457.792	994.413	507.604
bocadinho	23	16397	479.002	968.894	495.769
puderes	8	2913	282.668	1.065.824	460.540
precisou	35	39535	590.472	902.497	459.696
pouquinho	41	50209	638.980	890.842	453.217
músculos	42	51823	646.715	889.754	452.738

Fonte: Próprio Autor.

É importante frisar como nestes ou outras ocorrências deste tipo não há nenhuma modificação do grupo frásico “esticar o pernil”. Isto é, não pode ocorrer nada entre “esticar” e “o pernil”. Os exemplos a seguir propostos, obtidos por interrogação do software deu 61 ocorrências (aqui foram levadas apenas uma por tipo, sem repetição da mesma forma duas vezes).

Tabela 2: Interrogação de Esticar o pernil na plataforma Sketch Engine

esticou o pernil
esticar o pernil
estica-se o pernil
esticado o pernil
esticaram os pernis
esticarem o pernil
estica o pernil
esticar o pernil
esticar os pernis
esticou o pernil
estique o pernil
estica o pernil
esticar o pernil
esticava o pernil
estica o pernil
esticava o pernil
esticaram o pernil
esticado o pernil
esticaram o pernil
Esticam o pernil
esticar o pernil
esticado o pernil
esticou o pernil
estica o pernil
esticado o pernil

Fonte: Próprio Autor.

Outro exemplo que pode ser aqui proposto tem a ver com o verbo ‘tomar’, que na língua portuguesa pode ocorrer com vários

substantivos. Como demonstra a tabela aqui em baixo, o V ‘tomar’ chama como substantivos coocorrentes vários itens ligados a âmbitos diversos – decisão/medida/iniciativa/rumo; posse/posição/base; café/banho; conta/consciência, e assim a seguir. Isto permite ao estudante esquematizar as possíveis construções a partir do verbo ‘tomar’.

Tomar: V + (N)

Tabela 3: Interrogação de Tomar: V + (N) na plataforma Sketch Engine

Collocate	Collocate	Freq	Coll. freq.	T-score	MI
Decisões	55988	253641	23.630.759	957.495	1.017.082
Decisão	73902	778897	27.101.998	835.680	1.015.986
Medidas	59457	519608	24.322.132	862.704	1.003.461
Posse	43323	233303	20.781.737	932.555	981.939
providên- cias	34223	110499	18.482.172	1.006.355	959.663
Conta	64861	1643294	25.281.076	709.145	947.760
Cuidado	33287	249435	18.205.157	884.891	942.448
Banho	30954	151444	17.568.836	946.396	941.158
conheci- mento	45615	875992	21.238.962	749.121	939.906
Atitude	18520	247590	13.556.165	801.375	858.028
Café	15747	235670	12.494.351	785.093	835.716
Iniciativa	17255	558090	13.012.866	673.914	822.019
consciên- cia	13233	307339	11.426.153	721.693	804.197
Cuidados	10492	198296	10.187.017	751.425	780.606
Posição	12919	563601	11.222.667	630.744	779.849
Atitudes	9441	142418	9.674.059	783.950	770.723
providên- cia	8723	30214	9.330.337	996.223	770.683
Rumo	9289	150533	9.592.742	773.613	767.593

Medida	11646	614154	10.626.954	603.385	761.097
Base	13663	1005021	11.440.038	555.374	757.810

Fonte: Próprio Autor.

A partir da tabela acima exposta, considere-se agora a construção ‘tomar’ + ‘decisão’ (V+N). A partir do comando Concordance, procurámos a construção e depois optou-se para o filtro GDEX (Good Dictionary Examples), que nos permite ter bons exemplos de uso da expressão pesquisada.

- De vez em quando você tem sérias dúvidas quanto a ter **tomada a decisão** correta ou feito...
- E também **tomamos a decisão** de criar 32 novas escolas técnicas no Brasil.
- Por que você e a banda tomaram a decisão de voltar a gravar com um selo independente?

Tabela 4: Screenshot da interrogação Tomar a decisão na plataforma Sketch Engine

Word	↓ Frequency	Frequency per million	
1 tomar a decisão	5,064	1.10	...
2 tomou a decisão	3,821	0.83	...
3 tomei a decisão	884	0.19	...
4 tomada a decisão	843	0.18	...
5 toma a decisão	787	0.17	...
6 tomado a decisão	767	0.17	...
7 tomaram a decisão	681	0.15	...
8 tomamos a decisão	498	0.11	...
9 tome a decisão	402	0.09	...
10 tomará a decisão	267	0.06	...
11 tomam a decisão	205	0.04	...
12 tomando a decisão	192	0.04	...

Fonte: Próprio Autor.

A seguir decidimos usar o item ‘decisão’ como núcleo da nossa pesquisa. Como é possível ver dos exemplos a seguir a palavra aqui pesquisada se liga a verbos como fazer, respeitar, tomar, fundamentar, acatar, adoptar.

O uso dos corpora no ensino de Português

- Por tudo isto, sábado foi o dia eleito para **tomar** uma **decisão**.
- obrigar-nos a **fazer decisões** que não são seguras, mas que servem melhor o projecto...
- **respeitando** as suas **decisões** conjuntas e programas...
- diz o estudo que **fundamentou** a **decisão** – persistem os erros, mas quem erra estudou a questão e pagou...
- **chegou** uma **decisão** judicial a confirmar a justeza da reclamação que fez.
- **Acatar** todas as **decisões** tomadas pela Direcção do ProClube...
- pode **adoptar decisões** em relação a uma entidade individualizada...

Os exemplos acima expostos demonstram como um substantivo como “decisão” pode ser o objeto de vários verbos, mas que com certeza, em português as decisões são “tomadas” e não podem ser ‘apanhadas’ ou ‘pegadas’.

Mudando de foco, pensamos numa pesquisa representativa sobre as preposições, pensando no verbo ‘chover’ e procurando quais seriam as preposições que mais ocorrem com o verbo ‘chover’. Dos poucos exemplos propostos aqui, dos apresentados na interrogação do *software*, podemos tentar, e pode o aprendente do PLE, uma observação linguística que nos leva a dizer que com o verbo ‘chover’ a preposição coocorrente é a preposição ‘em’.

Chover: (V) + prep

- Chovia **no** dia 25 de Abril de 2000
- A chuva chovia **do** céu E enegreceu os caminhos...
- está a pedir que lhe chova **em** cima o Carmo e a Trindade...

- A arte do Romita Jr. continua fabulosa e falar mais, seria chover **no** molhado.
- Há dois dias chove forte **na** região...
- O sol aparece sempre entre muitas nuvens e chove **a** qualquer hora do dia.

Ao mesmo modo, o item “chuva” pode ser seguido por vários adjetivos como chuva ‘torrencial’, ‘ácida’, ‘intensa’, ‘forte’, ‘fina’, ‘fraca’, ‘abundante’ ou ‘moderada’. Do mesmo jeito, a chuva em português se ‘apanha’.

Como mostra a figura 2, a plataforma *Sketch Engine* permite também procurar no corpus de referência construções discursivas compostas, isto é, construções textuais que podem ser encontradas em textos de vários géneros e que o aprendente pode aprender a usar.

Tabela 5: Screenshot da interrogação na plataforma Scketch Engine

Word	↓ Count	Word	↓ Count	Word	↓ Count
1 de acordo com	152,498 ...	18 o facto de	74,421 ...	35 no âmbito do	57,991 ...
2 cada vez mais	124,382 ...	19 o que se	73,265 ...	36 ponto de vista	56,851 ...
3 de todos os	115,036 ...	20 de forma a	71,188 ...	37 a criação de	56,811 ...
4 a partir de	112,218 ...	21 o número de	70,216 ...	38 a partir do	55,532 ...
5 o que é	102,061 ...	22 em que se	70,023 ...	39 o objectivo de	54,208 ...
6 uma vez que	100,882 ...	23 em que a	69,850 ...	40 de que o	53,727 ...
7 mais do que	88,673 ...	24 de todas as	68,603 ...	41 em todos os	53,528 ...

Fonte: Próprio Autor.

A partir duma janela como esta proposta na figura 2, o estudante pode ter à sua disposição vários textos em que observa como os usuários constroem os próprios textos orais ou escritos. Como foi sugerido inicialmente, numa recolha de dados deste tamanho, como o corpus aqui interrogado, os textos podem diluir-se, pois o estudante de PLE deve sempre ter em conta a origem das ocorrências saídas da interrogação do *software* e do corpus.

Conclusões

A difusão de termos como ‘colocação’ e ‘coligão’ na linguística portuguesa começou com atraso se comparado com os estudos linguísticos relativamente a outras línguas. De todo modo, como foi dito anteriormente, o estudo das expressões fixas ou semifixas deveria ser ulteriormente desenvolvido no âmbito da didática do PL2 para levar os estudantes a um nível de competência linguística que vá além do patamar estabelecido pelo nível B1/B2 do quadro linguístico europeu.

Numa visão funcionalista da língua é possível ver o uso como composto por uma série de construções ou melhor de ocorrências e coocorrências que podem ser fixas ou livres (cf. Butler 2004). Estas expressões são uma fronteira entre o uso linguístico por um nativo e por um falante L2. Para encher esse *gap* entre os dois tipos de produções linguísticas o aprendente (a partir dum conhecimento intermédio da L2) pode utilizar, uma plataforma como *Sketch Engine* que permite interrogar corpora e procurar expressões e palavras para melhor compreender como funciona a L2 e quais são os padrões linguísticos do Português, quer europeu quer brasileiro. Como no estudo funcionalista da língua, o aprendente observa a representação linguística que sobressai das interrogações pelo *software*.

Tenho a certeza que mesmo que não seja facilmente alcançável e mesmo precisando duma preparação prévia do aluno para analisar em total independência os dados linguísticos, este é um caminho a ser explorado, como direta consequência duma abordagem funcionalista do uso linguístico.

Referências

- AIJMER, K. *Corpora and Language Teaching*. University of Gothenburg John Benjamins, 2009.
- BACELAR DO NASCIMENTO, Pereira. *Dicionário de Combinatórias do Português*: Associações lexicais frequentes observadas num corpus de Português contemporâneo. In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 1996. Vol. II, p. 43-54.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. *A exploração de corpora linguísticos no ensino aprendizagem do português*, Actas do Seminário Internacional de Português como Língua Estrangeira, Macau, Maio de 1997, p. 391-407.

BARTSCH, S. *Structural and functional properties of collocations in English: a corpus study of lexical and pragmatic constraints on lexical co-occurrence*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004.

BIBER, D. et alii. *Discourse on the Move. Using corpus analysis to describe discourse structure*. John Benjamins Publishing, 2007.

BIBER, D. 2009. *A corpus-driven approach to formulaic language in English: Multi-word patterns in speech and writing*. International Journal of Corpus Linguistics, 14 (3), 2009, p. 275–311.

BUTLER, C. S. *Corpus studies and functional linguistic theories*. Functions of Language, 11 (2), 2004, p. 147–186.

CONRAD, S. M. and LEVELLE, K. R. *Corpus Linguistics and Second Language Instruction*. In *The Handbook of Educational Linguistics* (eds B. Spolsky and F. M. Hult). Blachwell Publishing, 2008.

COSTA, Ângela Maria Pereira da. *Aspectos da aprendizagem de colocações em português L2*. Coimbra : [s.n.]. VI, 105 f. Dissertação de mestrado em Linguística e Ensino (Linguística Aplicada), 2009.

FRANKENBERG-GARCIA, A. *Understanding Portuguese Translations with the Help of Corpora*. In: SARDINHA, T. B; FERREIRA, L. B. (Eds.). *Working with Portuguese Corpora*. London: Bloomsbury Academic, 2014, p. 161–176.

KENNEDY, G. D. *An introduction to corpus linguistics*. Longman, London, New York, 1998.

KRASHEN, S. D.; SCARCELLA: *On Routines and Patterns in language acquisition and performance*. In *Language Learning* 28:283-300, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *Computational and Quantitative Studies*. London/New York: Continuum, 2005.

HOEY, M. *Lexical Priming: A New theory of Words and Language*. London/New York: Routledge, 2005.

LEECH, G. *Corpora and theories of linguistic performance*. In: STARTVIK, J. (Ed.), *Directions in corpus linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992, p. 105-122.

MASON, O. *From lexis to syntax: the use of multi-word units in grammatical description*. Proceedings of Lexis and Grammar. 2007. Disponível em: <http://infolingu.univ-lv.fr/english/Colloques/Bonifacio/proceedings.html>. Acesso: jan. 2018.

O uso dos corpora no ensino de Português

MCENERY, A.; WILSON, A. *Corpus linguistics*. Edinburg: Edinburg University Press, 2001.

MCENERY, T.; XIAO, R.; TONO, Y. *Corpus-Based Language Studies*. London and New York: Routledge, 2006.

NATTINGER, J. R; DECARRICO, J. S. *Lexical Phrases and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SARDINHA, T.B. *Linguística de Corpus*. Barueri SP, Manole, 2004.

SARDINHA, T.B. *Looking at Collocations in Brazilian Portuguese Through the Brazilian Corpus*. In: SARDINHA; T. B.; FERREIRA, L. S. B. (Eds.). *Working with Portuguese Corpora*. London: Bloomsbury Academic, 2014, p. 9-32.

SARDINHA; T. B.; FERREIRA, L. S. B. (Eds.). *Working with Portuguese Corpora*. London: Bloomsbury Academic, 2014b.

SARDINHA, T. B. et alii. 2014c. *Lexical Bundles in Brazilian Portuguese*. In: SARDINHA; T. B.; FERREIRA, L. S. B. (Eds.). *Working with Portuguese Corpora*. London: Bloomsbury Academic, 2014c, p. 33-68.

SINCLAIR, J.; JONES; DALEY., R. *English Collocation Studies: The OSTI Report*, ed. R. Krishnamurthy. London: Continuum. (Originally mimeo 1970.), 1970/2004

STUBBS, M. *Language Corpora*. In: *The Handbook of Applied Linguistics* (DAVIES, A. and C. Elder), 2008.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILELA, M. *Léxico e gramática*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

5.

Tradução e poesia: língua portuguesa e língua italiana entrelaçadas por Augusto de Campos

KATIA DE ABREU CHULATA

Consideramos a tradução como a operação mais autêntica de confronto entre diferentes realidades, levando a um verdadeiro balanço linguístico e cultural, em que o que excede, a diferença, pode, paradoxalmente, provocar a aproximação de dois contextos “estrangeiros”, de duas diferentes realidades. Segundo tais condições, a tradução produz um novo possível, criando significações inéditas que ligam de maneira indissolúvel os dois lados e até os lados não presentes, aparentemente, na materialidade linguística, mas que estão disponíveis no horizonte das significações, já que uma discursividade alimenta outra(s).

Os acontecimentos históricos, as contingentes necessidades de brasileiros e italianos, aproximaram, várias vezes e em âmbitos diferentes, de tal maneira a língua e a cultura do Brasil e da Itália ao ponto de as duas línguas e as duas culturas se modificarem.

A cidade de São Paulo possui, no seu perfil histórico e antropológico, uma tradição de profunda amizade com a Itália: abrigou *la brava gente* italiana e até modificou sua língua. No início do século passado, como sabemos, houve um importante fluxo de imigração italiana no Brasil. O *intaliano*, como é chamado com carinho pelos paulistas e paulistanos, foi o protagonista de *Brás*, *Bexiga* e *Barra*

Funda, publicado pela primeira vez em 1927. A história de Antônio de Alcântara Machado conta a vida dos imigrantes italianos, a vida dos tantos *Gaetaninhos* e *Nicolinos*, em suma, a vida dos *intalianinhos* de São Paulo, cidade aberta, industrial e Modernista. A obra é a crônica dessas vidas, contada numa língua que é uma mistura de português e italiano, já demonstrando a transformação cultural que se manifesta e se evidencia na língua e com a língua. Assim, a crônica-livro de Alcântara Machado conta a marca, o rastro evidente deixado pelos italianos na língua e nos costumes dos brasileiros de São Paulo.

Porém, o importante laço linguístico e cultural entre os dois Países não pode ficar limitado ao momento histórico do impacto dos migrantes com a terra prometida; começa naquele momento a transformação que levará os italianos a produzirem de maneira progressiva uma mudança que irá caracterizar a ação dos imigrantes, levando-os a assumirem uma cidadania original no contexto brasileiro. A língua desses imigrantes representará o elemento de reconhecimento de uma diferença não substancial, com nuances que os italianos imprimem na especial melodia de quem nasceu e vive em São Paulo. Essa segunda geração de imigrantes italianos fala um português com uma fonética e uma prosódia muito próximas da língua de origem.

A influência da Itália foi determinante também do ponto de vista artístico. Não passaram por São Paulo somente os italianos “brava gente” da qualificada mão-de-obra, das novas atividades artesanais, dos renomados restaurantes e das perfumadas padarias. Muitos artistas, escritores, pintores e escultores marcaram presença nas mudanças estéticas, dirigiram importantes jornais e revistas, museus, etc; o convívio deles com os jovens brasileiros poetas, pintores e cineastas na metade do século passado caracterizou um certo modo de fazer arte. Entre os jovens de então, Augusto de Campos representa para nós uma referência estética que tomamos em consideração aqui para refletir sobre a construção de um possível legado cultural ítalo-brasileiro. O poeta e tradutor, fundador, juntamente com seu irmão Haroldo de Campos, do Movimento Concretista, foi muito influenciado pela cultura italiana, certamente também pela convivência com colegas ítalo-descentes na cidade de São Paulo.

Nos interessa, aqui, falar de Augusto de Campos (AC) tradutor, inventor de textos a partir de textos outros, como os versos da poesia de Dante e de Cavalcanti.

As traduções de AC dos versos dantescos, seis Cantos da *Divina Commedia* (quatro do Inferno e dois do Purgatório), encontram-se reunidas pela primeira vez no livro *Invenção – de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti*¹. Nesse volume estão presentes as traduções dos seguintes Cantos: I, V, VII e XXVIII do Inferno; VI e XXVI do Purgatório. No mesmo volume, AC apresenta também a tradução de *Tanto gentile e tanto onesta pare*, de Dante; já Guido Cavalcanti nos é apresentado com a tradução de *Ballata – quando di morte mi convien trar vita*, *Per gli occhi fere un spirito sottile* e de *Chi è questa che vien, ch’ogni uom la mira*.

Sabemos que AC sempre publicou suas traduções com um prólogo funcionando como análise crítica da tradução, que o autor chama de “viagem translinguística”, para nos fornecer a bússola de navegação e explicar o percurso crítico da tradução que apresenta.

Se considerarmos, como afirma AC, que “a poesia é uma família dispersa de naufragos bracejando no tempo e no espaço”², as traduções de AC dos versos dantescos salvam todos, reunindo numa jangada em forma de livro os versos do sumo poeta e a suma tradução brasileira.

A tradução, para AC, “além de um ato de amor, é sempre uma operação crítica apreciável pelo que enseja de aproximação molecular do texto”³. Nessa aproximação entre textos e línguas, parece-nos importante sublinhar que a familiaridade de AC com a língua italiana, com as suas “sílabas de sol” (Byron) deve-se, por um lado, à configuração antropológica de São Paulo, “cidade semi-italiana”⁴, e, por outro, ao fato que aquela específica imigração do início do século XX de fato misturou a cultura brasileira de então com a cultura

1 Augusto de Campos, *Invenção*, Arx, São Paulo, 2003.

2 Augusto de Campos, *Verso, reverso, controverso*, Perspectiva, São Paulo, 2009, p. 8.

3 Augusto de Campos, *Invenção*, op. cit., p. 260.

4 *Ivi*, p. 259.

italiana. A população imigrante italiana, além disso, introduziu mão de obra qualificada, importando toda uma série de marcas linguísticas que nas práticas sociais puderam se misturar dialogicamente entre os dois grupos. Tudo isso ao ponto de aproximar assonâncias na língua dos paulistas e paulistanos de raízes fonéticas e sintáticas de derivação italiana, “tão grande foi a impregnação da cultura e da língua dos imigrantes do começo do século que até a pronúncia e a sintaxe do paulista, e do paulistano em especial, se modificaram para assimilar um pouco o *cantabile* italiano⁵. Consideremos, também, que muitos dos escritores, poetas, pintores, artistas da geração de AC são italianos e descendentes de italianos. A experiência concretista de Haroldo e Augusto, liga-se diretamente à experiência artística italiana, como esclarece o autor:

Os concretistas assimilaram as pesquisas das vanguardas construtivistas e inclusive, dos futuristas italianos mais radicais, dos quais a 2.a Bienal de 1953 trouxera alguns exemplos expressivos. Acima de todos, Giacomo Balla. Desde cedo Giotto e os mestres do Quattrocento foram entronizados entre os nossos deuses. Guiava-nos o poeta Ezra Pound que, em seus ensaios não-convencionais e na enciclopédia poética dos seus Cantos, ia mapeando, num grande ideograma crítico, os “lugares sagrados” da arte italiana, como a igreja de San Zeno e a arena de Verona, Santa Maria dei Miracoli em Veneza ou o mausoléu de Galla Placidia em Ravena⁶

A direta produção de AC liga-se ao contexto italiano de São Paulo: seu primeiro livro de poesias *O Rei Menos o Reino*, de 1951, teve crônica publicada no jornal italo-paulistano *Fanfulla* assinada por Patrícia Galvão (Pagu). Além disso, em e-mail pessoal de 26 de setembro de 2016, Augusto nos esclarece que o “seu primeiro livro de poemas, O REI MENOS O REINO (1951) foi muito influenciado por Dante e uma de suas epígrafes (“queste parole di colore oscuro”) foi extraída da Divina Comédia”. Outro testemunho da sua aproxima-

5 *Ibidem.*

6 *Ivi*, p. 260.

ção e de seu grupo à cultura e à língua italianas é, mais uma vez, encontrado no seu *Invenção*, AC afirma que

a literatura italiana antiga e moderna foi sendo visitada por Pignatari, por Haroldo de Campos e por mim, especialmente através da velha Loja do Livro Italiano da Rua Barão de Itapetininga, onde, no pós-guerra, adquiríamos preciosidades encailhadas como os livros de poesia moderna da coleção “Lo Specchio”, da Mondadori. Interessou-me muito, também, a música italiana. A de Gesualdo, o madrigalista dissonante, que cheguei a incorporar numa citação do livro VI ao meu poema “Viventes e Vampiros”. A dos contemporâneos Giacinto Scelsi e Luigi Nono, dois radicais da vanguarda musical, aos quais dediquei estudos alentados. A música napolitana, relida pela interpretação sóbria e precisa de Roberto Murolo, que também foi objeto de um pequeno ensaio⁷.

E é assim que o poeta narra e explica sua sólida ligação com a língua, a arte, a literatura e a música italianas. Parece ser algo a mais que uma ligação, um verdadeiro fascínio pela cultura italiana, como ele mesmo afirma: “impossível fugir ao fascínio da sua grande literatura, ainda mais no meu ofício de poeta”⁸.

AC não se dedicou somente à tradução da poesia de Dante e Cavalcanti, também traduziu Marino, Belli, Montale e Sinisgalli, entre outros. Sua admiração pela cultura italiana faz com que ele traduza inventando, seguindo as sugestões da tradução criativa, “tradução-arte”, como ele gosta de chamá-la e que define como “uma tradução que procura transpor para a língua receptora não só o sentido mas a riqueza dos valores formais (ritmos, rimas, assonância, aliteraões, paronomásias, metáforas, etc) e a poeticidade do texto original”⁹

7 *Ibidem*.

8 *Ibidem*.

9 *Ivi*, 261.

Especificamente, na tradução da ballata de Cavalcanti, explica o poeta tradutor que se permitiu

uma inovação: as rimas ricas terminadas em “vida”, mantidas em todas as estrofes; embora só adotadas uma vez no original, elas intensificam o texto, entretecendo o obsessivo jogo de antíteses com “morte” que o caracteriza, e me parecem autorizadas pelo virtuosismo do poeta; no mesmo espírito, as rimas “mortal/amor tal”, na derradeira estrofe¹⁰.

Assim, a ligação de AC com a cultura italiana revela-se pelo trabalho contínuo de tradução de alguns dos mais importantes poetas italianos, pela aproximação à orientação teórica que caracteriza muitos dos pensadores e poetas italianos, e pelo amor e admiração que ele cultivava pela arte italiana em geral. A sua maneira de demonstrar o reconhecimento à cultura italiana é a tradução, o desafio de realizar uma tradução criativa dos textos que ele tanto admira.

Esse tipo de tradução, a “tradução criativa”, liga-se diretamente ao percurso estético de AC, aos modos da poesia concreta naquela recuperação da Antropofagia oswaldiana. Como afirma o poeta, em entrevista concedida à Folha de São Paulo: “A Antropofagia, entendida em termos oswaldianos, tem o significado de uma assimilação cultural seguida de uma reelaboração criativa, como os poetas concretos a interpretaram”¹¹. Assim, no texto que precede seu exercício de “tradução-arte” das poesias do *dolce stil novo* de Cavalcanti e Dante, AC anuncia sua homenagem à cultura italiana:

Valham, também, essas traduções como um signo do meu reconhecimento à cultura italiana e da minha lembrança de deslumbradas visitas a Veneza, Roma, Florença, Milão, Nápoles, Assis, Ravena, Verona, Merano... *Dentro lo cor si posa*¹²

10 *Ibidem*

11 Saudades do futuro. Experimentação ontem e hoje. Folha de São Paulo 13.12.2015.

12 *Idem*.

Transcrevemos, em seguida, o exercício criativo de tradução do poeta e tradutor AC dos versos de Cavalcanti, com o *dolce stil novo* cantado no português brasileiro de Augusto.

QUEM É ESTA A QUE TODA GENTE ADMIRA
Quem é esta a que toda gente admira,
que faz de claridade o ar tremular,
com tanto amor, e deixa sem falar,
e cada um por ela só suspira?
Ah, Deus, como ela é, quando nos mira?
Que diga Amor, eu não o sei contar.
De tal modéstia é feito o seu olhar,
que às outras todas faz que eu chame de ira.
Nem sei dizer do seu merecimento.
Toda virtude a ela está rendida,
beleza a tem por Deusa e assim a exalta.
A nossa mente nunca foi tão alta,
nem há ninguém que tenha tanta vida
para alcançar um tal conhecimento.

Em seu texto “O desafio dos Cantos de Dante”¹³, AC comenta a linguagem da poesia da *Divina Commedia*, recorrendo à “crítica ideogrâmica” de Ezra Pound e citando as considerações de T.S. Eliot sobre a poesia dantesca.

A relativa facilidade de leitura da *Divina Commedia* pode ser explicada com a linguagem direta de Dante, com a sua “lucidez poética, que se distingue da lucidez *intelectual*”, com a utilização da alegoria, já que “a imaginação de Dante é uma imaginação visual”¹⁴. É assim, seguindo as indicações de Eliot, que AC inicia seu “caminho” crítico para a sua tradução, verdadeira batalha, porque

Dante, ao compor suas “terzine” com tão apurado rigor, tinha à sua disposição todo o repertório do idioma nativo, ampliado

13 Ivi, 179.

14 Ibidem.

ainda pela latinização do italiano (como Demonstrou Curtius), enquanto o tradutor se vê constrangido a buscar em outro idioma formas equivalentes, porém circunscritas a áreas semanticamente pré-determinadas para as quais deve transferir nome e toponímia alienígenas¹⁵

Uma das batalhas perdidas, por exemplo, é aquela que recorre ao “torcicolo das frases” e

do arrocho das indesejáveis inversões que o ouvido dos brasileiros está cansado de desentender desde as margens plácidas do nosso Ipiranga, mas que aqui desmoronam inevitavelmente quando confrontadas com a linguagem dúctil e fluente da *Divina Commedia*¹⁶.

A propósito dessas manobras linguísticas de malabaristas, já em *O anticrítico*¹⁷ (1986) AC publicava suas traduções do I e do V Canto do *Inferno*, criticando o recurso à inversão sintática na tradução dos versos dantescos. A sua crítica literária não se faz somente em forma de “Crítica”: toma forma no corpo da poesia.

Com “Dante: um corpo que cai”, AC vai demonstrar com a forma significante essa sua aversão linguística.

e
caí
como
corpo
morto
~~cai~~
cade

outros
verteram essa linha
invertendo

15 *Ivi*, 180.

16 *Ibidem*.

17 Augusto de Campos, *O anticrítico*, Companhia de Letras, São Paulo, 1986.

a posição do verbo:

“e tombei, como tomba corpo morto” (xavier pinheiro)

“e tombei como tomba um corpo morto” (dante milano)

“e caí, como cai um corpo morto” (cristiano martins)

O desejo

de chegar mais perto

da precisão especular do original

caddi

corpo

morto

cade

me levou a traduzir o canto V do *inferno*

de trás para diante

a partir do último verso

“a melhor crítica de um poema

é um poema” (cage)

o que mais se perde

nas traduções funcionárias “extensivas

não intensivas”

(como diz o haroldo)

de dante:

a concretude das imagens

a diretividade da linguagem

na *commedia*

os versos se acomodam docemente

aos números do metro

e às leis da *terza rima*

e vão construindo palmo a palmo uma catedral perfeita

sem andaimes à vista

dante conversa

desde o início

sem inversões canhestras:

nel mezzo del cammin di nostra vita ou simplesmente

“no meio do caminho desta vida”

e nunca aquele

“da nossa vida, em meio da jornada”

por certo
a constrição da métrica e da rima impõe alguns deslocamentos
no próprio original
mas o critério prevalente
é o da diretividade
da linguagem
verter
não inverter
uma das normas básicas da tradução
io venni in luogo d'ogni luce muto
em versões antidante
ora a mudez da luz desaparece “era um lugar de toda luz
privado”
“lugar completamente escurecido” ora é mantida
“em lugar de luz mudo tenho entrado” a custa de penosas
inversões
o vento não se cala
“nesta pausa que vento agora faz” *mentre che il vento come fa si*
tace “enquanto o vento mais sutil se faz”
o sol não emudece
“de volta aonde o sol nunca ilumina” *dove il sol tace*
a

imagem
age
io venni in luogo
vim a um lugar
d'ogni luce
que a toda luz é
muto
mudo
mentre che il vento
enquanto o vento
come fa
para nós
si tace
é mudo

Como demonstram esses versos, a poesia-tradução-crítica toma corpo na poesia que AC dedica à tradução dos versos dantescos. A sua crítica vai, assim, aos tradutores citados (Xavier Pinheiro, Dante Milano e Cristiano Martins), que torceram os versos italianos provocando estranheza no leitor brasileiro e ignorando a gênese poética de Dante, inibindo a construção poética que o sumo Poeta já tinha representado na “catedral perfeita”. Os tradutores construíram um discurso incompreensível, ignorando que “Dante conversa” com versos que “se acomodam/docemente”.

Concluimos este capítulo citando um e-mail de AC de 26 de setembro de 2015, o poeta tradutor afirma que seus “contactos com a literatura e a cultura italianas sempre foram muito grandes” e, dando indicações, entre tantas outras aqui não citadas, sobre sua produção como poeta e tradutor diretamente ligada à Itália, escreve:

O meu primeiro livro de poemas, O REI MENOS O REINO (1951) foi muito influenciado por Dante e uma de suas epígrafes (“queste parole di colore oscuro”) foi extraída da Divina Comédia.

Uma de minhas primeiras traduções de poesia foi a do poema “Sultana” de Alfonso Gatto, e um livro dele adquirido na Livraria Italiana, que funcionava na rua Barão de Itapetininga, no centro de São Paulo.

Traduzi também Ungaretti, Montale e Sinisgalli, da geração dos modernos.

Anexo a folha de um velho caderno com a tradução que fiz de um poema de Ungaretti em 1949 ou 50.

Completamos esse comentário italo-brasileiro com as traduções de Xavier Pinheiro e de Augusto de Campos dos primeiros versos do I Canto do Inferno da *Divina Commedia*. Para o primeiro, anuncia-se uma batalha perdida por causa do seu armamentário retórico, para o segundo realiza-se uma luta contra o medo usando as armas da poesia:

Xavier Pinheiro

Da nossa vida, em meio da jornada,

Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.

Augusto de Campos

No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura
solitário, sem sol e sem saída.

Referências

CAMPOS, Augusto de. *Invenção*. São Paulo: Arx, 2003.

CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPOS, Augusto de. *O anticrítico*. São Paulo: Companhia de Letras, 1986.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Saudades do futuro*. Experimentação ontem e hoje. 13. 12. 2015.

6.

O *substandard* na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

GIAN LUIGI DE ROSA¹

O objetivo deste trabalho é de registrar o emprego, em termos qualitativos, de variedades e traços gírios na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira e analisar como essa variedade diamésica, a fala ficcional, possa ser considerada tanto como reflexo dos usos da fala espontânea quanto como fenômeno agente, ou seja, como variedade mediática unificadora e, de uma certa forma, padronizadora (DE ROSA, 2011; 2012; 2015; 2017).

No português, calão e gíria são usados como termos semanticamente sobrepostos e são considerados de frequente como sinônimos intercambiáveis, assim como resultam sobrepostas as variedades de repertório linguístico ao qual se referem. Todavia, é necessário distinguir os diferentes significados nas duas variedades nacionais da língua portuguesa. No português brasileiro (de agora em diante PB), a distinção se faz através de uma maior ou menor marcação diastrática ou diafásica; isto significa que aos dois subgrupos que em Inglês se definem *jargon* e *cant* se atribui a definição de gíria de

1 Este texto foi escrito originalmente em italiano e esta versão para o português contou com a colaboração de Clesiane Bindaco Benevenuti.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

grupo, e ao correspondente brasileiro do *slang* inglês se atribui a definição de gíria comum. Quanto ao português europeu (de agora em diante PE), no entanto, apesar da sobreposição semântica, originalmente o termo calão era usado apenas para identificar unicamente a variedade gíria falada pelos ciganos em Portugal e só mais tarde foi se estendendo a todos os grupos sociais marginais, tornando-se, assim, o equivalente de gíria de grupo. O termo *gíria*, no entanto, foi, desde o começo, considerado simplesmente sinônimo de calão, assim como é amplamente esclarecido pelas palavras de Manuel Joaquim Delgado:

A gíria significa o mesmo que calão. Gíria parece relacionada com geringonça ou gerigonça, que, por seu lado, se relaciona com o fr. jargou, o it. gergonc e gergo, o cast. geringonza, gerigonza (ou jerigonza) e xerigonça. Calão vem de caló, nome que se dá ao cigano do nosso país. Propriamente, caló quer dizer “cigano” e “língua de cigano” (DELGADO, 1965, p. 155-170).

No entanto, muitos estudiosos portugueses (Paço, 1926; Coelho, 1982; Valente Gomes, 1993) tentaram diversificar a utilização dos dois termos, identificando calão com a gíria de grupo e com gíria o restante das variedades gírias (gíria comum).

Para facilitar a realização de nossa análise, na presente contribuição manteremos, grosso modo, essa desagregação conceitual: os termos calão, para o PE, e *gíria de grupo*, para o PB, para identificar *jargon e cant*; enquanto gíria comum servirá para identificar os vários tipos de gírias (*slang*), tanto para o PE quanto para o PB.

Variedades gírias e diversificação do repertório na realidade linguística portuguesa e brasileira

Nas últimas décadas, no contexto urbano, se registrou uma considerável expansão de emprego de léxico gírio na fala espontânea. Tal fenômeno linguístico se registra nas mais variadas situações comunicativas e em falantes que pertencem a todas as comunidades linguísticas, portanto, não mais banalizados como falantes de grupos com baixa escolaridade.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Todavia, as maiores dificuldades surgem quando se trata de analisar as variedades e os traços gírios fora do contexto da gíria de grupo, ou seja, após a revelação dos traços e sua consequente perda de caráter críptico e socialmente distintivo, estes se tornam parte da fala popular e da fala coloquial, fazendo com que percam completamente a marca de sua origem, tratando-se de um processo remoto. De fato, resulta problemático estabelecer vínculos e relações com um tipo ou uma comunidade de falantes, no momento em que os traços gírios (de grupo e comuns) se diluem na fala de uso comum, podendo ser considerados entre seus traços expressivos.

As variedades gírias, gírias de grupo e gírias comuns, são variedades parasitárias, visto que usam a gramática e a fonética da (variedade de) língua que as hospeda, distinguindo-se as primeiras por um léxico com mecanismos semânticos e de formação das palavras próprios, e as segundas por um vocabulário não especializado, mas caracterizado “da scelte lessicali e da formule sintattiche e testuali” (BERRUTO, 2004, p. 156).

Um outro elemento de distinção entre variedades gírias é representado pela função e pelos propósitos sociolinguísticos que as variedades gírias exercem; de fato, essas variedades mantêm uma condição de anti-língua especular e um forte valor de contraste, que se manifesta através do caráter críptico e distintivo.

Os jovens são a porta de entrada para o deslocamento ascendente do léxico gírio, compartilhando toda uma série de espaços discursivos com os locutores típicos das gírias de grupo que lhes fornecem alguns dos termos usados. Sanga, falando dos traços gírios transitórios (gíria comum), os quais incluem a linguagem juvenil, é muito claro, afirmando que: “(...) vi è, e vi è stato, un contatto, a volte assai stretto, tra gli ambienti militare, studentesco, giovanile, e gli ambienti propri dei marginali gerganti: la strada, la ‘piazza’, il bordello, la malavita” (SANGA, 2006, p. 152). Entre os processos que se realizam quando a gíria de grupo se transforma em gíria comum, encontramos a dessemantização lexical, isto é, termos que na gíria de grupo de origem tinham um sentido negativo neutralizam e perdem essa característica, mantendo, no entanto, toda uma série de aspectos

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

que denotam a proximidade entre gíria de grupo e gíria comum. A fase seguinte é a extensão do uso do traço lexical gírio para uma ampla gama de falantes, não mais caracterizados como grupo, e a sua diluição e inclusão em um vocabulário popular e coloquial no qual continua sendo considerado, por um certo período, marcado como termo gírio. Isso significa que esse traço será mantido no léxico popular como um elemento transitório ligado à moda, exceto para alguns casos que se estabilizarão definitivamente no léxico. A gíria comum representa, portanto, uma utilização de traços ainda marcados como gíria em vários contextos de uso e situações comunicativas, com interlocutores que não se reconhecem em um grupo social específico ou comunidade de falantes.

Citemos, como exemplo, a evolução do termo ‘gajo’: no calão português, este termo significava simplesmente ‘aquele que não falava a gíria de grupō/calão’ e que, portanto, não pertencia àquele grupo, o estranho; no *slang* juvenil português, dessemantizado, inicialmente manteve o mesmo significado em relação a alguém de fora do grupo, depois, diluído no vocabulário popular (gíria comum), passou a assumir o significado de delocutário, da terceira pessoa do discurso, daquele de que se fala, e perdeu a característica de transitoriedade do traço gírio, estabelecendo-se no uso diário. O mesmo termo, no léxico popular brasileiro, aplicando um processo metonímico, é usado para designar o português: gajo = português. Esse mecanismo evidencia um dos principais processos de inovação lexical, ou seja, o uso de metáforas na formação do léxico gírio e popular.

Nesse ponto, torna-se essencial, para o propósito a que nos propusemos, destacar – na elaboração da fala cine-televisiva portuguesa e brasileira – quais traços gírios (comuns e de grupo) são utilizados, depois de ter sido deslocados para a parte alta do repertório linguístico, e com que função, e como a norma linguística da mídia contribui para uma divulgação de toda uma série de traços gírios, agora desprovidos do caráter críptico e distintivo, no léxico da fala coloquial e popular.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Para fazer isso, primeiro devemos evidenciar as razões para um uso cada vez mais amplo de um léxico gírio e popular nas situações de comunicação mais diferentes e com interlocutores de todos os tipos. Dino Preti identifica na abertura democrática das sociedades contemporâneas uma das principais causas desse fenômeno.

A maior abertura democrática da sociedade moderna, particularmente na América (e, portanto, no Brasil), fortaleceu os meios de expressão populares, como a gíria. O choque que ela nos provocava algumas décadas atrás foi substituído por uma convivência pacífica com a linguagem culta (porque, também, os falantes cultos usam gírias na sua conversação natural).

Vocabulário ágil, não raro agressivo, a gíria passou a refletir, na sua efemeridade, na alteração constante de seus significados, a própria instabilidade e dinâmica do mundo contemporâneo, marcado pela mudança veloz de seus valores, pela competição e agressividade (PRETI, 2004, p. 70).

Tal abertura democrática teria maior incidência, em termos linguísticos, nas Américas, pelo fato de que aqui toda uma série de instituições – como, por exemplo, as academias de línguas –, ainda ativas no território europeu, perderam seu papel de órgãos depositários e difusores da norma padrão. O maior conservadorismo registrado na Europa se reflete, claramente, em uma desaceleração do fenômeno osmótico de ascensão vertical do léxico e, portanto, da renovação do repertório lexical e do processo de reestandardização, que assume características menos evidentes. A fala cine-televisiva portuguesa e brasileira reflete esse processo de reestandardização, mas, sendo uma variedade diamésica transmitida, ela tem barreiras devido aos filtros socioculturais dos emissores (produção, diretor, roteiristas, etc.). A esse respeito, é necessário destacar o uso do termo ‘americano’ e não brasileiro para detectar uma característica comum a todas as variedades americanas de línguas colonizadoras. De fato, acreditamos que o discurso relativo às transformações do substandard e ao consequente processo de reestandardização, incipiente ou em estado avançado, que interessa a variedade peninsular e a varie-

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

dade brasileira da língua portuguesa, pode se adaptar também às realidades linguísticas do inglês e do espanhol (mesmo que o espanhol não reconheça variedades nacionais extra-europeias), que compartilham, com o português, o fato de serem línguas policêntricas (ou pluricêntricas), quer dizer, com mais variedades standard.

Consequentemente, a inclusão de variedades e traços gírios na fala é diretamente proporcional ao maior ou menor conservadorismo linguístico, diferenciando, em virtude desse processo de renovação da fala, através do fortalecimento dos meios expressivos de uso popular, as Américas do continente europeu, muito mais conservador nesse campo.

Na reelaboração de novas variedades substandard, empregadas em novos espaços discursivos informais, é possível identificar diferentes tipos de gírias que atuam na transformação da fala coloquial e popular, dependendo se se trata da variedade americana ou da variedade europeia do português.

No que diz respeito ao PE, é a linguagem juvenil que se destaca entre as variedades mais vitais e inovadoras do léxico popular. Entre as fontes de que mais os locutores dessa variedade extraem empréstimos estão as variedades da língua falada pelos membros das comunidades brasileira e angolana (PB e PA), residentes em Portugal. De fato, através do compartilhamento de espaços físicos com locutores das gírias de grupo e com falantes das variantes extra-europeias do português, a fala juvenil enriquece-se continuamente com novos traços gírios.

Outras fontes de inovação lexical da linguagem juvenil são representadas pelas línguas estrangeiras, sobretudo o inglês, cujos empréstimos, definidos como estrangeirismos, abundam. Para os estrangeirismos, assim como para um certo léxico técnico-setorial (frequentemente em inglês), é preciso também considerar a extensão da incidência no léxico gírio, primeiro, e popular, em seguida, graças a divulgação e seu uso na mídia. No entanto, antes de se fixar no léxico popular, um estrangeirismo deve superar duas fases de transformação – imediata e progressiva – que afetam de perto sua estrutura fonética, morfológica e semântica. Somente quando o estrangei-

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

rismo assume uma estabilidade fonológica, uma integração morfossintática completa e passa de um uso monossêmico para um uso polissêmico, pode ser considerado completamente integrado no léxico da língua (ou variedade de língua) hóspede.

Juntamente com os estrangeirismos (línguas superstrato) e com os empréstimos das variedades extra-europeias do português (línguas substrato), ambos identificáveis como agentes exógenos, existem outros processos de inovação lexical internos ao sistema do PE (assim como em outras línguas). Entre eles:

- a) a construção de palavras recorrendo a processos e mecanismos de formação dentro da língua, tais como: derivação, composição, amálgama, acrônimos, truncamentos;
- b) reutilização de palavras já existentes, que, geralmente, recebem novos significados.

Porém, o que se torna essencial para o nosso discurso, ligado aos processos de inovação lexical nas variedades gírias, é a análise dos tipos de neologismos, que, considerados aqui principalmente como uma capacidade natural de renovação do léxico de uma língua, podem ser divididos em dois tipos:

- 1) neologia denominativa: resultante da necessidade de nomear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente existentes;
- 2) criação neológica estilística: correspondente à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo (CORREIA e SAN PAYO DE LEMOS, 2005, p. 13).

Quanto à linguagem juvenil, mas o discurso pode ser estendido a todas as variedades gírias, fica evidente que é, sobretudo, o segundo tipo de criação de neologismos que predomina tanto para as características transitórias das inovações produzidas como para ser gerado na forma de metáfora.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Todavia, a inovação intralinguística, baseada na cunhagem de neologismos, é apenas um dos aspectos da contribuição inovadora das variedades gírias. A necessidade de novos modos de comunicação envolve também a pesquisa e a criação de novos tipos de discurso e de novas estratégias interacionais; isto significa que tal processo também se desenvolve em nível extralinguístico, investindo os aspectos pragmalinguísticos da comunicação.

Le varietà giovanili propagano infatti un modo di comunicazione che sospende le differenziazioni tra formale vs. informale sotto veste del discorso non pianificato e altre caratteristiche del parlato attinenti a situazioni informali. Se si adotta la dicotomia (sempre discutibile di *vicinanza comunicativa* e *distanza comunicativa* di Koch-Oesterreicher (...)), le varietà giovanili si collocano indubbiamente attorno alla vicinanza comunicativa, la quale richiede per il contesto extralinguistico la sfera privata, la familiarità, l'emotività, l'inserimento della situazione, la vicinanza fisica, la dialogicità e la spontaneità. Le strategie linguistiche dei giovani si basano su questa tradizione del discorso della vicinanza (RADTKE, 2006, p. 209).

Uma consequência adicional é a tendência de cancelar a oposição diamésica com uma penetração progressiva dos traços da oralidade nos diferentes tipos de textos escritos, que “garantiscono un potenziamento dell’espressività e dell’informalità che caratterizza il linguaggio giovanile come elemento dinamico” (RADTKE, 2006, p. 211)

Tanto os traços intralinguísticos como os extralinguísticos das variedades gírias expressam, sem dúvida, uma preferência, em termos diafásicos, pela fala informal, evidenciando a necessidade de maior familiaridade e espontaneidade, e são marcadas, no que diz respeito à linguagem juvenil, no eixo de variação diageracional, ou seja, são traços que identificam imediatamente os falantes como fazendo parte da mesma comunidade, ou grupo, distintos por faixa etária.

A tal propósito, no PE, as inovações mais tangíveis são encontradas no sistema alocutivo e no uso de fórmulas de saudação, tanto

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

para abrir como para fechar a comunicação. Entre os jovens portugueses se registram: uma extensão do uso do pronome TU (Tuteamento), bem como o uso de fórmulas alocutivas coletivas, como “pessoal”, “malta”, “turma”, ou individuais, como “meu”, com função fática; o uso da saudação “oi” e “tchau” em vez de “bom dia/boa tarde/boa noite”.

A situação brasileira é um pouco mais complexa, visto que entre os agentes desse processo de renovação linguística das variedades substandard populares e coloquiais e do processo de reestandardização encontramos variedades gírias urbanas, cujas características não indicam marcação diageracional.

De fato, umas das consequências do menor conservadorismo é a anulação diageracional e diatrático do uso dos traços e das variedades gírias; conseqüentemente, o emprego das gírias, que afeta a maioria das comunidades linguísticas urbanas, justifica-se como fortalecimento da expressividade e necessidade de maior dinamismo na comunicação cotidiana.

Seria um erro pensarmos que, hoje, a gíria continua sendo apenas a linguagem dos jovens. Na verdade, essas fronteiras estabelecidas pelas faixas etárias vêm perdendo progressivamente sua força. Mesmo porque os comportamentos considerados jovens se estenderam a outras faixas etárias da população (PRETI, 2004, p. 88).

Conseqüentemente, o nivelamento no uso dos traços gírios não significa, entretanto, que as variedades juvenis não continuem exercendo sua influência na fala popular/coloquial urbana e, conseqüentemente, na norma midiática. De fato, a linguagem juvenil, no Brasil, continua sendo um dos principais vetores do deslocamento ascendente das gírias e da sua inclusão no léxico comum. No entanto, o crescimento exponencial das grandes cidades brasileiras, com a reorganização anárquica do espaço urbano, permitiu afirmar e estabilizar um tecido urbano, e social, fragmentado e misto, no qual convivem o centro e a periferia (as favelas), às vezes não pacificamente, lado a lado.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

E é justamente nas favelas brasileiras, periferia social mais que urbana, que ressurge o espaço da marginalidade – aquela ilegal: o tráfico de drogas (uma porcentagem mínima da população das favelas), e aquela legal, a subclasse urbana, que se desenvolveu a partir das novas formas de exclusão social – e, conseqüentemente, da gíria de grupo e das gírias comuns transitórias, marcadas diastraticamente, diafasicamente e também diatopicamente, que, sobrepondo-se no uso, tendem a identificar, do exterior, como um grupo social – e linguístico – único, toda a comunidade de favelados. No entanto, se o uso de traços das variedades “marginais”, até vinte anos atrás, era fortemente estigmatizado, porque identificava um grupo social marginal e inculto, no presente, a contiguidade espacial e social do centro e da periferia se transformou em um vetor adicional desse processo de deslocamento vertical do léxico gírio substandard; um processo que, portanto, já não diz respeito apenas aos jovens, mas envolve também grupos de outras faixas etárias.

Como processo inovador, as variedades substandard do PB seguem, amplificando-os, os mecanismos de cunho lexical e a simplificação das estratégias interacionais, já destacadas para as variedades juvenis do PE. Porém, além do léxico, é nas estratégias interacionais – que tendem à informalidade em muitos contextos comunicativos – e no sistema alocutivo – com a tendência geral de usar, no singular, uma forma alocutiva única: o pronome VOCÊ (no modelo do Inglês YOU), usado com função de alocutivo de intimidade e distância (mesmo que exista toda uma série de fórmulas alocutivas nominais e pronominais, individuais e coletivas, usadas para aproximar ainda mais os interlocutores na interação coloquial ou para distanciá-los) – que destaca a realidade linguística do PB, distinguindo-o do PE.

A extensão de emprego de traços gírios representa uma força inovadora constante do ponto de vista lexical, embora de natureza muitas vezes efêmera, bem como a elaboração de novos espaços comunicativos simétricos e de natureza informal; essas contribuições inovadoras, agindo na variedade de língua de uso comum, modificam também a norma mediática, que difunde e espalha, desterritorializando-as e amplificando-as, as estratégias de interação e, também, os traços adquiridos.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

No entanto, é necessário destacar novamente características e atitudes divergentes no que diz respeito à mídia portuguesa e brasileira relativamente à inclusão de traços gírios na norma mediática. Na verdade, no contexto mediático português, com exceção da Internet, se registra um número ainda reduzido de inovações lexicais vindo das gírias, maior quando os destinatários pertencem a comunidades que usam mais esses traços, como se registra nos diálogos e nas estratégias interacionais da telenovela *Morangos com Açúcar* (nesse caso se trata de linguagem juvenil).

Diferente é a realidade da norma mediática brasileira, na qual convergem traços gírios transitórios (gíria comum), extrapolados de contextos linguísticos urbanos, cujo emprego mediático raramente é limitado por censura e restrições.

No processo de reconstrução e representação da fala, os textos cine-televisivos portugueses e brasileiros contemporâneos evidenciam características evolutivas das respectivas variedades nacionais que testemunham, como dissemos, um processo de reestandardização das respectivas variedades standard.

De fato, se em Portugal se deve registrar um fenômeno de afastamento leve, mas progressivo entre a variedade standard e as variedades cultas urbanas (o neostandard)², em cujo repertório lexical se registram vários traços gírios, não se pode esquecer que para ambas as variedades do PE “vi sono impieghi e domini in cui vengono usate di fatto, ed è normale usare, sia l’una che l’altra varietà, alternativamente o congiuntamente” (BERRUTO, 2005, p. 207).

No Brasil, por outro lado, deparamo-nos com uma situação de diglossia, no sentido de que entre o PB standard e o PB neostandard,

2 Por PB neostandard entendemos a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais escritos mais monitorados. Trata-se de uma variedade sensível à diferenciação diatópica e, portanto, corresponde fundamentalmente – no emprego concreto dos locutores – às variedades cultas urbanas (não utilizamos a definição “fala culta urbana”, porque o emprego do PB neostandard se registra, como dissemos, também nos gêneros textuais escritos).

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

no que diz respeito às áreas de emprego, criou-se uma distância intransponível, sobretudo na forma oral (monitorada e não), também em virtude do emprego constante e abundante de traços, em origem, gírios, que gradualmente estão entrando a fazer parte do repertório lexical dos falantes cultos urbanos. De fato, parafraseando Berruto, não há empregos e domínios em que seja possível utilizar, seja uma ou outra variedade, de forma alternativa ou conjunta.

Também é necessário salientar que, quando se fala em PB, faz-se referência exclusivamente à variedade standard, que pode ser encontrada e associada, sobretudo, a gêneros escritos formais. Porém, já confrontando as variedades orais monitoradas dos falantes urbanos cultos com a norma-padrão evidenciam-se notáveis diferenças, que se tornam verdadeiras discrepâncias quando a comparação se dá com as variedades orais substandard, utilizadas cotidianamente por quase toda a população brasileira³. No entanto, se a comunicação cotidiana no Brasil ocorre principalmente através dessas variedades (PB neostandard e substandard), enquanto a variedade standard – divergente, altamente codificada e aprendida apenas por meio da educação formal⁴ – é usada apenas para fins formais e escritos, é normal (e é uma consequência direta) que a fala cine-televisão reflita plenamente nessa situação.

Comparando, neste ponto, a fala cine-televisiva portuguesa e a brasileira como reflexo, e testemunho, de uma mudança da fala espontânea não só *in fieri*, mas já consolidada ao ponto de ser registrada na fala ficcional, vale ressaltar que, no caso do PE, estamos assistindo a um processo de reorganização da variedade standard,

3 Essa concepção linguística, em que a escrita tem um status superior à fala, indica e reflete uma sociedade interessada em destacar e tornar visíveis as relações hierárquicas dentro dela e ancorada, até hoje, a esquemas sociais que ecoam o período colonial e escravista (e são uma consequência direta dele) e uma política linguística que ainda mantém a ideia de dominação como valor.

4 De acordo com dados fornecidos pelo Censo Escolar realizado em 1999 pelo Ministério da Educação (www.mec.gov.br), os alunos matriculados no ensino fundamental eram cerca de 36.059.742, no ensino médio cerca de 7.767.091 e no nível superior, 2.377.715. A partir desses dados, fica claro que a porcentagem daqueles que "poderiam" ter as condições para falar as variedades cultas é muito reduzida.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

que tem como consequência um “avvicinamento fra scritto e parlato, nel senso che anche lo scritto tipico tende ad accogliere come normali tratti sinora peculiari del parlato; in generale, ciò significa anche che tratti substandard vengono attratti nella sfera dello standard” (BERRUTO, 2004, p. 55). Quanto ao PB, se trata de uma verdadeira neostandardização. De fato, não se trata apenas de sintomas de uma evolução incipiente, mas estamos diante de uma mudança radical testemunhada também no campo didático-pegagógico⁵.

Adaptando o modelo de arquitetura da língua italiana realizado por Berruto (2004, p. 21) ao PE e ao PB, poderemos determinar que o PB neostandard, pela maior permeabilidade e proximidade com traços substandard, deve ser colocado nos eixo de variação diafásica e diastrática numa posição bem abaixo do PB standard, enquanto pode se registrar uma ampliação de seu raio de ação no *continuum* diamésico, como efeito da redução da distância entre escrita e falada; no que diz respeito ao PE neostandard deve-se registrar um reposicionamento para baixo tanto no eixo de variação diafásica quanto no eixo de variação diastrática e um alargamento do raio de ação ao longo do *continuum* diamésico (só que se trata de um fenômeno muito mais reduzido em comparação com aquilo que se registra para o PB). Em ambos os casos, no entanto, deve-se registrar uma aproximação e um cruzamento, maiores no PB, entre as esferas de ação das variedades cultas urbanas (neostandard) e as da fala coloquial.

A fala cine-televisiva registra e representa diferentes situações comunicativas e de interação, nas quais os falantes podem utilizar uma ampla gama do repertório linguístico que têm a disposição e não apenas as variedades urbanas cultas, e em seu processo de aproximação da fala espontânea pode recorrer a traços gírios substandard com o propósito de tornar essa variedade linguística mais atual,

5 “A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre ‘o que se deve e o que não se deve falar e escrever’, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua”. In *Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa* (PCN), Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p. 29.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

verossímil e, portanto, reconhecível pelo espectador médio como reprodução da fala. Quando falamos de variedades substandard e traços substandard, entendemos: “le varietà, o i singoli elementi linguistici, che in un modello delle varietà pluridimensionale orientato stanno al di sotto dello standard, vale a dire verso l’estremo inferiore di ogni asse di variazione” (BERRUTO, 2006, p. 85).

Os traços da oralidade que a fala ficcional cine-televisiva tenta reproduzir podem ser diferenciados de acordo com as áreas e evidenciam a existência de uma verdadeira gramática da oralidade, diferente da gramática da escrita. Quanto à organização textual e interacional da fala, podem ser identificados como: macadores discursivos, repetições e paráfrases, sobreposição dos turnos, anacolutos, hesitações, correções, etc.; a nível de sintaxe, encontramos a predominância de períodos curtos, justaposições, frases incompletas, clivadas, presença mínima de frases subordinadas; no que diz respeito ao léxico, por outro lado, deve ser enfatizado o uso cada vez mais amplo do vocabulário gírio, mas também de vocábulos obscenos, que agora se tornaram elementos constantes do discurso coloquial.

Por outro lado, se para a fala espontânea as variações ligadas ao contexto social, à situação comunicativa, à área geográfica e ao meio/canal de difusão da língua têm valor e importância semelhantes, no que diz respeito à fala cine-televisiva vale destacar a importância do quarto parâmetro, a dimensão diamésica, pela própria natureza dessa variedade de fala que nasce planejada e programada na forma escrita: roteiro, diálogos e *script*, para ser atuada e parecer autêntica.

No entanto, é necessário evidenciar que a presença e a quantidade de traços substandard, sobretudo no que diz respeito aos traços da gíria comum, muda conforme seja o PE ou o PB. Essa diferença torna-se tangível quando comparamos a fala cine-televisiva das duas variedades em situações comunicativas análogas e de uso da fala.

Nessa perspectiva, a de se considerar o uso do diálogo ficcional cine-televisivo como modelo de uma língua conotada como realística, verossímil, mas ao mesmo tempo submetida a toda uma série de filtros sociais, mediados pela escrita e orientados à compreensibilidade e à reconhecibilidade por parte do destinatário, destacamos os

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

vínculos que o diálogo cine-televisivo entrelaça com os esquemas de conhecimento compartilhado e as estruturas relacionadas às expectativas do destinatário ou ao que o destinatário, o espectador, espera que o falante, o personagem ficcional, diga – e com que tipo de linguagem o faça – nessa precisa situação comunicativa.

Figura 1: Modelo de arquitetura do PB (De Rosa 2012)

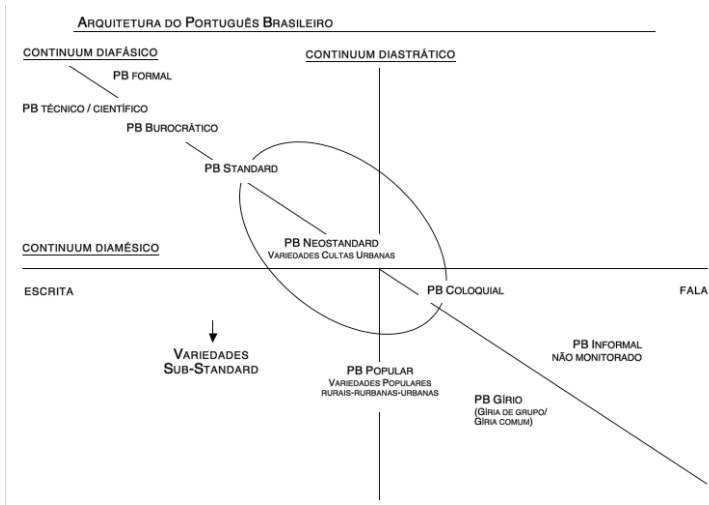
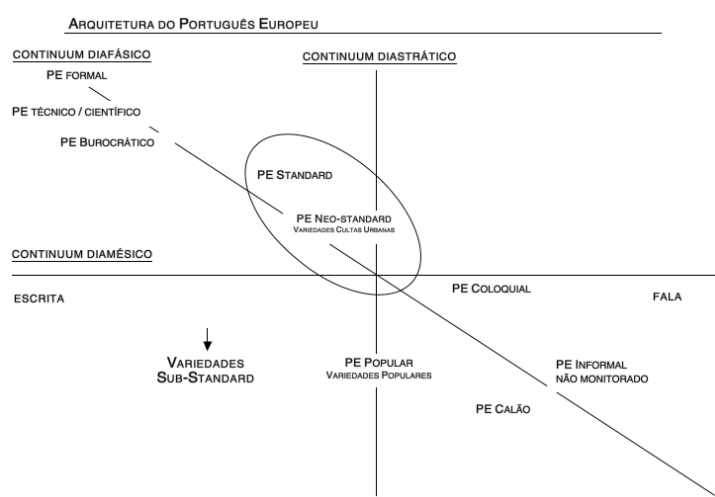


Figura 2: Modelo de arquitetura do PE (De Rosa 2012)



O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

A fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Os textos audiovisuais em objeto pertencem, em virtude de sua intenção comunicativa, ao gênero dramático, ainda que, como subgênero, variem da novela à Série TV. A escolha recaiu sobre uma série de textos televisivos de ficção, selecionados com base no alto grau de adesão das funções e formas de interação dialógica com a realidade linguística que representam. As cenas analisadas respondem a uma série de requisitos, como representar situações interacionais que pudemos identificar como rotinas comunicativas, situações em que emergem os traços da oralidade e se utilizam variedades de fala que oscilam entre o neostandard e o substandard, com a presença de léxico gírio, mesmo se usados diferentemente conforme os interlocutores envolvidos, as funções pragmáticas de seus enunciados e a conotação e a marcação da fala ficcional.

Nesse sentido, antes de apresentar o corpus audiovisual e chegar ao cerne da análise das variedades e dos traços gírios empregados na fala ficcional, é necessário fazer uma distinção adicional sobre o gênero de textos audiovisuais, uma vez que se baseiam claramente no gênero e no tipo de texto audiovisual, justificando um maior ou menor uso de gírias. Os gêneros funcionam como mecanismos de organização da diversidade existente no que chamamos de espaços discursivos (queremos dizer televisão, literatura, música, cotidiano, etc.); trata-se de formas de organização textual (discursiva), que permitem agrupar os diferentes textos (discursos), tendo em vista toda uma série de fatores pragmáticos, enunciativos, sintáticos e semânticos (PERAIRE *apud* AGOST, 2001, p. 237).

Os segmentos dialógicos foram extraídos de três produções televisivas que tiveram um amplo consenso de público: uma telenovela portuguesa, *Morangos com Açúcar*, da qual serão analisados dois episódios, e duas séries/Sitcom brasileiras: *A Diarista* e *Os Normais*.

Morangos com Açúcar é um produto audiovisual híbrido, uma mistura de novela e séries de TV, com técnicas cinematográficas e com uma mixagem mais adequada a um videoclipe de última geração. Os protagonistas são principalmente adolescentes e alunos do mesmo

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

colégio, que mudará de nome na última série, de São Rafael para a Barra. As situações interacionais que escolhemos se justificam pela necessidade de explicitar a construção e reelaboração de uma fala de cine-televisiva que pudesse (co)responder às exigências de um pacto de verossimilhança e às expectativas do destinatário desse gênero e tipo de produto audiovisual.

Nas situações comunicativas em que somente os alunos do colégio participam – ou seja, um grupo de locutores que compartilham o mesmo código: a linguagem juvenil – a fala simulada dessa novela apresenta-se como uma reelaboração de uma variedade substandard com uso de gírias, totalmente decodificável somente por aqueles que compartilham desse código, e com estratégias interacionais que buscam destacar a consciência de grupo. Quando, no entanto, intervem participantes de fora do grupo, como os professores ou os pais, a fala ficcional tende a se elevar e se adaptar à variedade socio-situacional do outro. No entanto, como veremos, embora os traços definíveis opacos e críticos sejam relativamente poucos, o emprego das variedades juvenis do PE determinou, no momento em que a novela foi apresentada no Brasil em 2003, a necessidade de dublar os diálogos na linguagem juvenil brasileira, não surtindo o mesmo sucesso e a mesma audiência.

No primeiro segmento dialógico selecionado, os dois principais interlocutores se comunicam através de um walkie-talkie, que como meio de comunicação pode ser já conotado como uma prerrogativa juvenil. O que mais impressiona, e que suporta o que dissemos anteriormente sobre a busca de novos espaços de comunicação simétrica e informal, é o fato de um dos dois interlocutores, Dino, ocultar sua identidade e, apesar disso, a distância entre os dois não é marcada por um alocutivo de distância, mesmo que no início o TU (“tás a ouvir-me?”, “O que é que tu queres?”) se alterna com os pronomes indefinidos (“tá aí alguém?”), mas por uma série de estratégias (incluindo a fórmula de despedida, ‘adeus’, diafasicamente mais elevada de um ‘tchau’ simétrico), empregadas por Susana e as suas amigas, às vezes mais para desmascarar o suposto estranho, ex-namorado da garota, que para afastá-lo definitivamente.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

* Último episódio do Dino

1º segmento dialógico (início do episódio)

Ext. Colégio de São Miguel – jardim – Dino/ Int. Escola –
banheiros femininos – Susana e amigos

Dino, com o celular, em função walkie-talkie, tenta se comunicar com Susana, sem se identificar e ser reconhecido:

Susana: Alô... tá aí alguém?... tá a ouvir-me? ... Quem é que tá aí? O que é que tu queres?

Susana: ... Já vi que tu és de poucas falas...

Dino: (camuffando la voce) .. Estou aqui!

Susana: Muito bem... quem és tu?

Dino: Sssou uum grande admirador teu... eee.. estava a..nsioso para te conhecer...

Susana: Pois... mas olha... eu não falo com estranhos...

Desculpa... Adeus

Dino: Espera...Nós não somos estranhos... Já nos conhecemos /

Susana: Identifica-te... Eu não posso continuar a falar contigo se não me disseres quem és.

Dino: Sou tímido...

Susana: Olha... pena mas assim eu vou ter que desligar

Dino: Não faças isso... tens que confiar em mim.

Susana: Confiar em ti...eu não vou lá confiar em alguém que não conheço... ainda me saís algum tarado qualquer

Dino: Não sou... e as minhas intenções são ... as melhores

1ª Amiga de Susana: ... Que romântico.

Susana: (rivolgendosi alle amiche) Olha... vocês parem com isso senão desligo já esta porcaria...

2ª Amiga de Susana: não, não... nós paramos... nós paramos, não é?

Susana: O que é que tu queres?

Dino: preciso... estar a sós contigo

Susana: Tu endoideceste... não te conheço de lado nenhum vou lá estar sozinha contigo...

Dino: Eh...Por favor, podemos encontrar-nos num sítio que conheces bem... o bar do Fred... pode ser no bar do Fred?

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

No segundo segmento, encontramos-nos dentro do Bar do Fred. Entre os principais interlocutores está novamente Dino a espera da chegada de Susana, mesmo que ele decida, no entanto, deixar uma cesta com comida para um piquenique com dentro um celular para comunicar onde eles devem se encontrar. O segmento dialógico transcrito começa quando os amigos de Dino o exortam a sair para não ser encontrado pela menina:

2º segmento dialógico (mei aposta)

Int. – Bar do Fred

1º amigo di Dino: Dino... Baza!

2º amigo di Dino: ouve lá, é melhor, meu! Ela deve estar quase a chegar...

Dino: Acham...? Não acham que é muito cedo ainda?

1º amigo: Dino... sabes o que tu pareces...? Um noivo no dia do casamento

Dino: Que engraçadinho... estás hoje...

Fred: então, puto, ainda aqui estás?

Dino: Eu vou bazar agora... mas tu não te esqueças de entregar a encomenda a Susana, por favor!

Fred: Ô meu, fica descansado.

Dino va via

Fred: eh Pá!? O puto tava mesmo nervoso

2º amigo di Dino: Por quê, meu... vai correr tudo bem e a surpresa vai correr como nós combinamos... A Susana vai adorar.

1º amigo: Fred... é uma ideia à maneira, meu, ela vai curtir de certeza

É claro, desde o início – tanto para o léxico empregado, no qual encontramos empréstimos do Português Angolano (de agora em diante PA), como o verbo “bazar” usado como sinônimo de “sair”; traços agora difundidos, mas sempre devido à influência / interferência do PB, como o uso aferético do verbo “estar”, abundantemente presente também no primeiro segmento analisado e agora considerado como um trecho de fala coloquial, portanto substandard, do PE; quanto ao uso de uma série de estratégias interacionais, tais como: o

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

emprego de fórmulas nominais usadas tanto como alocutivo, quanto como delocutivo como “puto”, ou de marcadores discursivos, como “meu” – que encontramos antes da reprodução de uma situação comunicativa, em que é provável o uso de um léxico marcado como gíria, no qual toda a comunicação responde a exigências de uma maior espontaneidade e informalidade.

Se pode ser considerado relativamente limitado o emprego da linguagem juvenil nos dois segmentos do primeiro episódio analisados, pelas razões listadas acima, será um pouco diferente a realidade linguística nos segmentos dialógicos extraídos do segundo episódio. Na verdade, neste segmento o léxico e as estratégias interacionais revelam uma maior aderência à linguagem juvenil, mostrando problemas de comunicação entre gerações (conflito verbal entre professor / estudante pelo uso de uma fórmula alocutiva considerada inadequada), uma maior expressividade, alcançada pelo uso abundante de léxico gírio autóctone (“estufar”, “S’tor”), o uso irônico de estrangeirismos (“Ice Girl”) e toda uma série de empréstimos do PB, incluindo traços pertencentes à gíria de grupo dos surfistas (“Qual é a tua onda?”) e à gíria comum brasileira (“Qual é a tua?”), assim como se evidencia pelos segmentos a seguir.

* Primeiro episódio Nova Série 2006/2007

3º segmento dialógico

Int. Colégio da Barra – Banheiros masculinos

André está com dois amigos, Sofia entra no banheiro depois de descobrir o buraco na parede do banheiro feminino.

Sofia bate no ombro de André..

André: eh pá... larguem-me, pá, deixem-me ver... uma brasa!

Sofia o esconde e o faz se virar para ela.

André: Calma miúda, então... Qual é a tua?

Sofia: Isso pergunto-te eu!

André: Juro que não sabia que a casa de banho das raparigas era ali ao lado

Sofia: Não sejas mentiroso... eu ouvi muito bem o que tu estavas a dizer...

André: Ouviste/

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Sofia: /E basta olhar para ti para saber qual é a tua onda

André: Eh.. qual é a minha onda..? Ice Girl...

Sofia: Diferente da minha... por isso é bom que mantinhas a distância ou eu dou cabo de ti...

André ride

Sofia: Não te rias... olha comigo ninguém brinca...

No quarto segmento dialógico, também extraído do segundo episódio, realiza-se um *black-out* comunicativo e interacional, de natureza diageracional. André Marquês, entrando na sala de aula, aborda o professor apelando-o “S’tor”, contração da fórmula alocutiva “Senhor Doutor”; Ao fazê-lo, o aluno tenta reduzir a distância e a relação fortemente assimétrica que criaria uma fórmula alocutiva, como: “Professor”. No entanto, o seu interlocutor não aceita a redução da distância e coloca novamente a comunicação num contexto de formalidade, pedindo especificamente para usar a fórmula alocutiva “Professor” ou “Senhor Professor”, e não a fórmula contraída “S’tor”. Além disso, como claramente evidencia a transcrição, tentamos evidenciar graficamente a pronúncia, diversificando a transcrição conforme o locutor, aluno: “s’tor” e o professor: “sôtôr”. A diferenciação ocorre na articulação do significante fônico, de fato, enquanto a primeira articulação se manifesta como um “inner social group”, o segundo já está consolidado no léxico popular, como evidenciado pelo uso que Saramago faz em *As Pequenas Memórias* (2006).

4º segmento dialógico

Int. Colégio da Barra – na sala de aula

Apresentação do professor e apelo.

Prof. Ravina: Silêncio! ... Todos sentados, não há barulho... Para aqueles que não me conhecem meu nome é Augusto Ravina... Sou o vosso professor de Física e também o director de turma... Feitas as apresentações, comecemos a aula ... vou preceder à chamada... Ana Antunes.

Ana Antunes: Presente!

Prof. Ravina: André Marquês... André.../

André: / Estou aqui S’tor.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Prof. Ravina: Sôtôr... ?!? Nas minhas aulas não há sôtôr... é professor, entendeu?

Prof. Ravina: então... falta de atraso pelo senhor André Marquês

André: Mas falta de atraso só por causa de dois minutos?

Prof. Ravina: Tem razão... é capaz de ser mais aconselhável... falta de presença ou falta de disciplina ou falta de/

André: / Pronto. Pronto... já me sentei.

Nos segmentos textuais analisados se registra um emprego maior de traços gírios pertencentes à linguagem juvenil apenas quando não há participantes externos ao grupo, ressaltando que se trata de uma gíria de grupo. No entanto, mesmo quando a situação comunicativa permitiria um uso mais amplo da gíria juvenil, registramos apenas um emprego parcial dos traços potencialmente utilizáveis. As construções metafóricas que abundam na gíria juvenil também são limitadas. Existem, em todo caso, neologismos semânticos, empréstimos do PB, estrangeirismos, mas os empréstimos do PA são quase eliminados, com exceção do verbo “bazar”. Essa observação é ainda mais evidente se compararmos a fala ficcional da novela com uma série de segmentos textuais extraídos de alguns blogs (diários virtuais publicados na internet) de adolescentes portugueses, transcritos a seguir. Estes textos mostram as características da variedade juvenil, em que muitos estrangeirismos, incluindo: anglicismos (principalmente presentes como formas de linguagem juvenil escrita, usados para mensagens de texto, e-mails, chats e blogs, como o acrónimo “lool”=laugh out louder ou a sigla “XD”, com o significado de “smile”, tirado diretamente da televisão, e especificamente da expressão de Kartman, personagem da série de televisão, desenhos animados, *South Park*, quando ele riu); angolanismos: (o uso difundido do “bué” e do verbo “bazar”) e dos brasileirismos (o emprego do verbo “estar” que sofre aférese, o verbo “ter” como verbo existencial no lugar do verbo “haver”; “beijokas”, com K, como fórmula de despedida); além de um maior uso de construções metafóricas, um emprego irônico da linguagem, como em “se ela está com asia, que vá para a Ásia, lool...”, na que se realiza uma reelaboração gráfica do significante, mantendo intacto o sentido (ou seja, em vez

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

de “azia” é usado “asia”) para criar um jogo de palavras com “Ásia”; identificamos também traços substandard, PE informal não monitorado, no plano morfológico, tais como: “chegueu”; “Esquisita”; “Gostava que esses vicem!!!”; “Chatiado”, ou no plano morfossintático: “Mas poucas coisas la aviam”.

Quarta-feira, 4 de Outubro de 2006

sub-delegada! :)

hoje o dia foi muito muito fixe!!Altamente!!

Mas, vou começar por ontem...ontem eu e o Rodrigo tavamos uma ao lado do outro, e falamos bue na aula de historia, foi bue fixe e ele desenhou-me no braço uma auto-estrada!! XD, é mesmo parvo...lool, eu não queria que ele me desenhasse no braço, mas pronto, contra a minha vontade ele lá desenhou.... ok,ok não vou dizer que não gostei, porque toda a gente sabe que adorei...

A Filipa é que está bue estúpida, tipo eu disse-lhe uma cena qualquer sobre educação física e ela vira-se para mim e diz que não me perguntou nada e olha para mim de lado...tipo anda bue parva, mas eu não quero saber, se ela está com asia, que vá para a Ásia, lool...

Ahhh,ontem á noite eu fui ao meu telemovel e quando lá cheguei estava um toque do Rodrigo...XD, fiquei toda contente!!! Significa que ele pensou em mim...

Hoje de manhã foi uma seca, não aconteceu nada de especial!!A unica vez que falamos foi quando ele me perguntou se eu tinha conseguido tirar a auto-estrada do braço...é mesmo parvo!!Já me estava a passar, não acontecia nada, só pequenos olhares...

Mas de tarde foi tao bom...eu explico, sentámo-nos um ao lado do outro em formação cívica, a aula foi bue fixe, fui promovida sub-delegada de turma, fogo, é uma granda seca, mas ok... (...) Entao depois ficamos os tres a conversar e eu e o rodrigo bazamos, quando tavamos a bazar o Rodrigo voltou-me a abraçar...uiii, tao bom... a parva da filipa é que teve que se meter no meio, é mesmo p*ta com todas as letras,fogo!!Claro que ele aí me largou...

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

(...)A cabra da lipah é que ta com uma granda asia, mas azar, olha que é que eu lhe posso fazer??Nada, e depois olha para mim com cara de quem me vai bater...é parva!!!bem, entao vá, adeus, jinhos**.⁶

Domingo, 11 de Junho de 2006

Foi Bue Fixe....

Oi malta.

Vocês nem sabem, fui a Almada!

Tive a ver a moda que por ai andava, mas poucas coisas la aviam.

O forum Almada e bue giro tem la uma coisa que e esquesita e que depois deita água.

Gostava que vocês vicem!!!

Olhem eu hoje a tarde nao posso vir por causa que tenho teste, ja estudei bue!

Tive que estudar durante a semana porque no sabado tive que sair!!

Beijokas!

to...: bue contente.⁷

Segunda-feira, 24 de maio de 2004

– A Andreia é a minha melhor amiga não a vou esquecer n u n c a .

– A Sandra no 1º Período não me dei muito bem com ela, mas agora somos amigas inseparáveis...

– A Cláudia ela é bué divertida não sou capaz de estar zangada com ela, conheço-a desde pequeninas.

– A BuBu ela é bué fixe, e gordinha mas não me grama.

– O David Silva é divertido mas eu dou-me bue bem com ele. embora ás vezes nos chateamos, mas nada de mais.

– O Pedro é fixe mas não é capaz de falar a sério comigo. Tem cara cómica e faz rir.

⁶ tratto da <http://estelazul.blogs.sapo.pt>

⁷ tratto da <http://anarita10.blogs.sapo.pt>

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

- O Diogo é fixe mas não me dou muito com ele é pene...
- O Azedo é bué fixe escletico, com o Azedo não dá para tar chatiado em fim pessoas que nós gostamos bué...⁸

O primeiro dos dois textos audiovisuais brasileiros analisados é *Os Normais*, uma sitcom brasileira, ambientada no Rio de Janeiro. O segmento de filme que vamos analisar foi retirado do episódio intitulado *Um sábado normal*. Os personagens principais, Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda Montenegro), enfrentam, nesse episódio, os problemas do cotidiano de um casal, destacando o lado cômico através de uma interação baseada principalmente no uso generalizado de traços que pertencem à gíria comum.

No segmento dialógico que segue, destacam-se formas da fala cine-televisiva que propõem um registro marcadamente coloquial, devido às situações comunicativas reproduzidas que apresentam um casal num contexto de rotina cotidiana. A tal propósito, *Os Normais*, sendo um produto televisivo, foi pensado para alcançar um público amplo e variegado; portanto, o emprego de traços que pertencem à gíria comum tem duas funções: a) atualizar e contextualizar a fala dos personagens, evitando de utilizar expressões e léxico datados e superados; e b) divertir o público.

Apesar disso, esses traços utilizados não impedem a identificação social dos personagens; que podem ser considerados falantes cultos urbanos (PB neostandard carioca).

* *Um sábado normal*

1º segmento dialógico

Int. apartamento de Vany e Ruy – manhã, ao despertar

Vany: Me beija

(Ruy a beija na bochecha)

Vany: Não, Ruy. Um beijo na boca.

(Ruy a beija nos lábios)

Vany: Não acredito, Ruy. Beijo de língua, caramba!

Ruy: Peraí, eh..., assim... pra quê?

8 tratado da <http://catiamarcao.weblogger.terra.com.br>

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Vany: Ah... me deu vontade de beijar. Beija.

Ruy: M...as te deu vontade... assim de repente?

Vany: Ué... agora tem que ter hora pra beijar?

Ruy: Não é isso, Vany. Acabei de acordar, tô de jejum.

Vany: Ruy, você não gosta mais de me beijar, Ruy.

Ruy: Vany, eu vivo te beijando...

Vany: Não é verdade, Ruy. Beijo de língua, você só dá quando a gente tá transando.

Ruy: Acho normal. Beijo de língua, a gente dá quando a gente tá transando

Vany: Acho que...ne... não tem nada a ver isso. Beijo é beijo. Transa é transa. Entendeu? Agora tô com vontade de dar um beijo de língua, mas não tô com vontade de transar. Me beija, Ruy. Por favor.

Ruy: Peraí, Vany... não é ass... não é ass...im..., pô! Assim... mmm.. me beija.

Vany: Qual é o problema, Ruy?

Ruy: Pô! Não tem clima nenhum... Vany.

Vany: Ahi... Meu Deus.

Ruy: Pô! A gente tá na cozinha.

Vany: Qual é o problema? Tudo bem, vem aqui.

(Vany leva Ruy até a sala de estar)

Vany: Aqui na sala tá bom pra o senhor?

Ruy: Vany, peraí, não é isso que tô fazendo... você não tá entendendo... é todo o clima, entendeu? é todo o clima...

Vany: Mas o que você precisa agora pra me dar um beijo, homem, é céu estrelado, é violino tocando, me diz que eu te arrumo.

Ruy: Vany, isso não tem sentido.

Vany: E desde quando, agora, beijo tem que ter sentido?

Ruy: Amor, tudo tem sentido.

Vany: Ah é, Ruy. Então qual será o sentido disso que vou fazer agora.

(Coloca iogurte na roupa de Ruy)

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Ruy (para a câmera): Olha aí, elas quiseram trabalhar fora, nós deixamos. Quiseram dividir a conta do restaurante, topamos. O que é que as mulheres querem mais?

Os traços da oralidade – destacados nos diálogos analisados acima – são ainda mais evidentes neste texto: hesitações, repetições, anacolutos, clivadas, frases com deslocamentos à esquerda, frases impessoais com valor atenuante, além da frequência de traços substandard. Além desses elementos de oralidade, podem-se destacar neste diálogo algumas características da variedade culta urbana carioca, ou seja, a “mistura de tratamento” entre TU e VOCÊ: “você não tá entendendo”, “Mas o que você precisa agora pra me dar um beijo, homem, é céu estrelado, é violino tocando, me diz que eu te arrumo”. Por outro lado, no que diz respeito às variedades substandard cariocas, o uso do pronome TU com a forma verbal 0 (3PS) cobre a maioria dos casos de uso, ainda afetados por um alto grau de marcação diastrática⁹. Além disso, como pode ser evidenciado no segmento conversacional extraído, no uso de formas verbais imperativas, a variedade culta do PB carioca utiliza formas de segunda pessoa: “Me beija”, “Vem aqui”, diferenciando-se das variedades culta de cidades como Recife, onde o uso de TU, como pronome sujeito, com formas imperativas empregadas na 3PS, é muito mais frequente: “Venha cá”, “olhe só”. Também para o léxico notamos o uso abundante de um léxico substandard que podemos considerar gíria comum: um exemplo pode ser o verbo “topar” que, ressemantizado como gíria comum, entrou no repertório lexical das variedades cultas, transmigrando de baixo para cima com o novo significado de “concordar” e perdendo muito da carga semântica anterior, ou o verbo “transar” que é incluído na fala depois de um processo de detabuização.

9 O uso de TU – com o verbo na forma zero – resulta na realidade sociolinguística carioca ainda marcado em diastratia. Todavia, hoje em dia se assiste ao deslocamento do fenômeno para o eixo da variação diafásica, apresentando uma mistura de tratamento e uma alternância continua TU/VOCÊ também entre falantes cultos urbanos.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

O segundo texto audiovisual brasileiro analisado é *A Diarista*, também ambientado no Rio de Janeiro. A partir do título evidencia-se que a protagonista pertence a uma classe social não dominante, na verdade, muda o tipo e o status dos personagens principais, passando do bairro nobre da Zona Sul carioca, de *Os Normais*, para um bairro de periferia, não identificado. No entanto, a comédia ainda é fundada, aqui mais explicitamente, sobre o uso regular em todo contexto e situação comunicativa de traços gírios e variedades substandard por parte da protagonista, a empregada doméstica por hora: Marinete (Cláudia Rodrigues), suas amigas e vizinhas: Solineuza (Dina Paes), Ipanema (Helena Fernandes) e Dalila (Cláudia Mello); e seu empregador e proprietário da agência “Dia a dia diarista”: Figueirinha (Serjão Loroza), todos de baixo ou médio-baixo nível social, e sem um grau de escolaridade superior, portanto definíveis como locutores de variedades substandard do PB.

No primeiro segmento dialógico extraído, encontramos a protagonista, Marinete, que trabalha como empregada na casa de uma modelo. A atmosfera é bastante descontraída e é evidenciada pelo fato de a diarista usar as roupas da patroa, imitando um desfile. A entrada na cena de Dona Ludmila cria os primeiros problemas de interação, pelo menos inicialmente. De fato, Marinete se dirige a ele, tratando-a por VOCÊ, para em seguida se corrigir, passando para uma forma alocutiva de cortesia, mais apropriada dado o contexto: A SENHORA. Entretanto, apesar da restauração de fórmulas características de uma interação assimétrica, a conversa se transforma quase em uma conversa entre amigos ou conhecidos, ainda que a distância socio-situacional seja mantida pelo uso de traços atribuíveis à gíria comum, por Dona Ludmila, e pelo o uso de traços que pertencem à gíria de grupo, por parte de Marinete. Como pode ser visto a partir da troca de palavras: “você tá ligada?”/ “sem café da manhã (...) eu fico desligadinha”, na qual o primeiro enunciado tem função fática, enquanto que a resposta de Marinete se articula com a retomada da gíria comum: ‘estar ligado’ (estar consciente; acompanhar o discurso), com uma gíria mais marcada diastraticamente, uma gíria de grupo: “fico desligadinha” (que significa estar sem energia, forças ... portanto incapaz de seguir). Em ambas as construções, nota-se o uso da metá-

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

fora, processo que caracteriza, como vimos anteriormente, os processos de formação e criação do léxico gírio e, nesse segmento, também se evidencia tangivelmente em outros casos, como quando, a partir de uma metáfora conhecida: “cintura de vespa”, passa a criar outras expressões metafóricas de estilo irônico e zombeteiro, permanecendo, no entanto, sempre ancoradas ao domínio do mundo animal: “como perninha de minhoca e os bracinhos de pernilonguinho”.

Episódio do título: Baixa Costura

1º segmento dialógico: Marinete e Dona Ludmila

Marinete: (sozinha, ela mede as roupas da dona da casa, uma modelo profissional, e imita um desfile de moda) Com vocês Marinete, a modelo fashion, ela entra na passarela e tu fashion os olhos e cai para trás... Marinete, Marinete, Marinete, Marinete...

Marinete: Oh... dona Ludmila

Dona Ludmila: O que significa isso, Marinete?

Marinete: Admiração... toda que eu tenho por você... pela senhora... / Eu tô tão feliz de trabalhar aqui... é um orgulho... a senhora é a modelo mais top que conheço!

Dona Ludmila: Ah e se tudo der certo a partir de hoje você vai se orgulhar ainda mais... tipo você, o Brasil e o mundinho da moda inteiro.

Marinete: Eu até acendi uma vela para a senhora arrebentar nesse desfile...

Dona Ludmila: esse desfile vai ser TU...DO... não... eu vou desfilar assim sabe com vestido exclusivé::rrimo de uma estilista famosíssima amiga minha, você tá ligada?

Marinete: não tô não senhora, na verdade eu tô sem café da manhã e eu fico desligadinha, sabe?

Dona Ludmila: Ah... (...) tô me sentindo tão gorda...

Marinete: O que é isso Dona Ludmila! Gorda... isso é coisa pra rico... rico engorda, pobre incha!

Dona Ludmila: Peraí, fala a verdade, fala a verdade, Marinete, tô gorda, não tô, tô uma vaca, sim?

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Marinete: Olha... olhando daqui não dá pra saber se a senhora tá de frente ou de lado... olha aí... cinturinha de vespa, as perninha de minhoca, e os bracinhos pernilonguinho...

Dona Ludmila: Que horror, Marinete...

Marinete: é que adoro bicho... o bicho que eu mais gosto sabe como se chama...? Bife!

A da fala de Marinete manifesta-se em todas as suas construções, incluindo o uso de expressões populares e provérbios, como uma variedade substandard característica dos locutores suburbanos, tanto para o léxico gírio, quanto para algumas construções morfossintáticas, como, por exemplo, nos casos de concordância variável no sintagma nominal: “as perninhaØ de minhoca”, ou para o uso, em situações de comunicação simétrica, do pronome TU, como alocutivo de intimidade, mas conjugado à 3PS. Diferente é a percepção da construção neostandard conhecida como relativa cortadora. Nesse tipo de construção relativa se realiza o corte da preposição que precede o pronome relativo, sobretudo, com verbos como “falar”, “gostar”, “precisar” e “chamar”, como no exemplo que segue: “O bicho Ø que eu mais gosto sabe como se chama...? Bife!”. De fato, seu uso também é amplamente registrado em variantes de cultura urbana do PB, bem como na norma mediática, principalmente nos jornais diários. Em Portugal, o uso das proposições relativas “cortadoras” tem sido amplamente atestado, nos últimos vinte anos, e também é encontrado em variantes urbanas cultivadas e pode, portanto, ser considerado como um potencial traço comum dos dois neostandard¹⁰.

No segundo e último segmento dialógico de A Diarista, a relação assimétrica que deve distinguir a relação entre empregador e empregado, Figueirinha e Marinete, é cancelada pelo uso dominante do pronome pronome TU, sempre conjugado à 3PS: “Eu sei que tu vai trabalhar”, “tu tinha que resolver”, e do emprego de estratégias de

10 “[Em Portugal] a estratégia cortadora tem vindo a generalizar-se, sendo que em alguns contextos os falantes preferem esta estratégia à canónica, que consideram pouco natural. As hipóteses apontadas para justificar esta tendência são, entre outros factores, a influência do Português do Brasil, que usa preferencialmente a estratégia cortadora” (MIRA MATEUS; BACELAR DO NASCIMENTO, 2005, p. 79).

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

conversação orientadas para a comunicação simétrica e informal, na qual o uso de traços gírios (se alternam gírias de grupo e gírias comuns), além de identificar socialmente os falantes, denota a tendência de abrir espaços discursivos mais atuais, mesmo que aqui o uso desses traços tenha principalmente a função de introduzir uma situação de tensão.

Desde o início encontramos as gírias relacionadas ao mundo marginal: Marinete se dirige ao seu empregador, chamando-o de “um-sete-um”, ou seja, com o número do artigo do código penal brasileiro, art. 171, que se refere à farsa, e que metonimicamente na gíria de grupo dos criminais passou a identificar os golpistas, e depois, diluídos na gíria comum, ampliaram sua cobertura semântica, incluindo, como sinônimos, “malandro” e “vigarista”.

Episódio do Latino: 18 luglio 2006

2º segmento dialógico: Marinete na agência “Dia a dia diarista”

Marinete: Dá licença

Figueirinha: Oh Marinete... oh, que bom que chegou.

Marinete: e aí um-sete-um, onde é que vou trabalhar hoje, dá logo o endereço

Figueirinha: o problema é exatamente esse, Marinete. Eu não sei onde é que tu vai trabalhar.

Marinete: Bom, se tu num sabe, eu pergunto pra quem... pra o presidente da República ou o pro caveau com sete chaves?

Figueirinha: é que rolou a parada aí... uma cliente misteriosa... tá vindo aí pra te buscar

Marinete: Como assim? Tá vindo aqui me pegar na agência? O que é que tá aprontando, eh, Figueirinha?

Figueirinha: Oh... tô aprontando nada não, Marinete! A cliente pediu sigilo absoluto... e sabe bem que quem manda nessa agência é o cliente, né?

Marinete: Até o dia que eu cair na real e te mandar pra aquele lugar.

Figueirinha: eu sei que tu vai trabalhar lá pra o patrão dela... e ela pagou adiantado, né, Marinete...?

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

Marinete: Eh... pagou adiantado aqui e tu me manda até pro Inferno

Figueirinha: Eh... olha, tu devia estar orgulhosa, tá? Que ela pediu a melhor diarista da agência... e quem eu botei na fita? Quem botei na fita? Eh?

Marinete: a quem topa qualquer roubada, né? E se vou parar na casa de um bandido, na casa de um político

Figueirinha: Não tem parada mais dessa não. Quer que você faça faxina lá...

Figueirinha atende o telefone

Figueirinha: Dia a dia dia..., já tá aí ? Tá? Tá em baixo, então já é. O carro tá em baixo.

Marinete: Ué, eu tô indo então. E...Tu não vem comigo pra ver com quem eu vou?

Figueirinha Pô, Marinete, olha, pô... eu vou ficar te devendo essa, porque tem um montão de parada aí pra resolver, entendeu?

Marinete: Tá certo! A primeira parada que tu tinha que resolver é deixar de ser bundão, tá ? Tô indo... Se acontecer alguma coisa comigo, a culpa é tua!

Além do uso de uma variedade substandard e gíria (comum e de grupo) a análise dos diálogos da última sitcom evidenciou uma maior precisão na reelaboração dos traços da oralidade; uma oralidade na qual se sobrepõem mudanças de turnos e muitos outros mecanismos que encontramos na fala espontânea. Claramente, o uso de uma variedade substandard e de interlocutores que não podem ser definidos como falantes cultos urbanos certamente não pretende se propor como norma mediática. O principal objetivo de tal emprego é criar formas de humor, mas não podemos esconder que uma de suas consequências é de tornar os traços gírios suburbanos e substandard ainda mais visíveis e de liberar seu uso em toda uma série de situações comunicativas de tipo informal.

Considerações Finais

À luz do que foi dito até agora, é claro que a rápida mudança de status dos traços e das variedades gírias (de grupo e comuns), criadas pelas comunidades de falantes urbanos, e sua rápida ascensão social, é uma prerrogativa das sociedades contemporâneas, nas quais a norma mediática tem um papel fundamental na sua divulgação e standardização. Além disso, não é mais possível ignorar o vínculo íntimo entre essas variedades e as situações comunicativas do cotidiano urbano, e é indispensável entender que esses traços são hoje considerados um componente extra de nosso repertório linguístico.

A fala cine-televisiva nada mais faz que participar desse processo de síntese e propagação dos traços gírios, que investe toda a mídia, com maior ou menor intensidade dependendo do tipo de texto audiovisual, como evidenciamos nos textos analisados. Essa situação também se reflete na reelaboração da fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira, que flui para uma variedade linguística mediática, que no Brasil afeta os traços inovadores das variedades urbanas das duas principais cidades: Rio de Janeiro e São Paulo, em detrimento das outras metrópoles, e, em Portugal, das variedades urbanas de Lisboa. Uma norma mediática, na qual convergem traços da oralidade e da escrita, pronta a absorver as novidades dos eventos e da expressividade das modas linguísticas, e que hoje se apresenta como um dos principais instrumentos para a difusão de uma variedade da língua que consideramos mais próximas das variedades cultas urbanas (o neostandard) que da variedade standard, e que, em virtude de ser cada vez mais tomado como modelo de referência linguística, especialmente pelos mais jovens, torna-se o principal agente de um processo de nivelamento cultural e um poderoso veículo de standardização.

Referências

- AGOST, R. *Los géneros de la traducción para el doblaje*. In: DURO, M., (Org.), *La traducción para el doblaje y la subtitulación*. Madrid: Cátedra, 2001.
- BECCARIA, G. L. *Dizionario di Linguistica*. Torino: Einaudi, 1996.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

- BERRUTO. G. *Sociolinguistica dell'italiano contemporâneo*. Roma: Carocci, 2004.
- BERRUTO. G. *Fondamenti di Sociolinguistica*. Roma-Bari: Editori laterza, 2005.
- BERRUTO. G. *Varietà di diamesiche, diastratiche, diafasiche*. In: SOBRERO, A., (Org.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*. Roma-Bari: Editori laterza, 2006.
- COELHO. A., *Os Ciganos em Portugal. Com um estudo sobre o Calão*. Lisboa: Imprensa nacional, 1982.
- CORREIA. M.; SAN PAYO DE LEMOS. L., *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.
- DELGADO, M. J., *O Calão Fino e a Gíria Plebeia*. In: "Revista de Portugal", 30, Lisboa, p. 155-170, 1965.
- DE ROSA. G. L. *La Traduzione filmica dal portoghese brasiliano all'italiano: una questione di varianti*. In: SCELFO, M. G.; PETRONI, S. (Org.). *Lingua cultura e ideologia nella traduzione di prodotti multimediali (Cinema, televisione e web)*. Roma: Aracne, 2007.
- DE ROSA. G. L. (Org.) *Dubbing Cartoonia. Mediazione interculturale e funzione didattica nel processo di traduzione dei cartoni animati*. Napoli: Loffredo, 2010.
- DE ROSA. G. L. *Reflexos do processo de restandardização do PB no falado fílmico brasileiro contemporâneo*. In: SILVA, A. S. da; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Orgs.). *Línguas Pluricêntricas*. Braga: Aletheia, 2011.
- DE ROSA. G. L. *Mondi Doppiati. Tradurre l'audiovisivo dal portoghese tra variazione linguistica e problematiche traduttive*. Milano: Franco Angeli, 2012.
- DE ROSA. G. L. *Il soggetto nel parlato fílmico brasiliano contemporâneo*. In: *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, XVII – 2015, Pisa-Roma: Fabrizio Serra Editore, 2017, p. 67-81.
- DE ROSA. G. L. *A tradução audiovisual aplicada ao ensino de português*. In: CASSEB-GALVÃO, V. C; NEVES, M. H.M. (Orgs.) *O todo da língua*. São Paulo: Parábola, 2017, p. 59-75.
- DE ROSA. G. L., et alii, *Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*, (2017-), 2017.
- GROSSE. S.; ZIMMERMANN. K. (Orgs.), *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998.
- MIRA MATEUS. M. H.; BACELAR DO NASCIMENTO. F. (Orgs.), *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2005.
- PAÇO, A. do. *Gírias Militares Portuguesas*. Porto: Edição de Maranus, 1926.

O substandard na fala ficcional cine-televisiva portuguesa e brasileira

PRETI. D. *A gíria na sociedade contemporânea*. In: VALENTE, A. (org.). *Língua, lingüística e literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p. 119-128.

PRETI. D. Gíria: um capítulo da história social da linguagem. In: BARROS, K. de. (Org.). *Produção textual – interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, 1999.

PRETI. D. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

RADTKE. E. Varietà giovanili. In: SOBRERO, A., (org.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*. Roma-Bari: Editori laterza, 2006.

SANGA. G. Gerghi. In: SOBRERO, A., (org.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*. Roma-Bari: Editori laterza, 2006.

TARALLO. F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

VALENTE GOMES. P.J. *Dicionário de Calão do Mundo do Crime*. Lisboa: Escola Superior de Polícia, 1993.

7.

Uma ação efetiva de internacionalização universitária e de promoção do português brasileiro

KATIA DE ABREU CHULATA

KLEBER APARECIDO SILVA

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO

Neste capítulo, apresentamos um dos subprojetos que integram o REDE/Itália, intitulado “Promoção, difusão e valorização do Português Brasileiro em comunidades minoritárias: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. Trata-se de um projeto financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão – SECADI/CAPES, processo 8887125506/2016, desenvolvido entre 2016 e 2019 e que tem dado inúmeros frutos político-acadêmicos.

A ideia é mostrar como um projeto interinstitucional representa uma ação efetiva de internacionalização universitária e de promoção, valorização e difusão do português brasileiro em contexto italiano, partindo-se do pressuposto de que uma língua, mesmo em status minoritário tem um papel relevante na formação das sociedades e pode ser promovida. As ações voltadas para essa promoção servem para recuperar e potencializar valores e identidades, quando se consideram os falantes; turbinar competências e habilidades interlinguísticas, e ampliar espaços de atuação, quando se considera a formação acadêmico-profissional dos agentes de ensino-aprendizagem em nível superior.

O projeto parte da compreensão de que a descrição linguística tem como uma de suas funções político-sociais promover as línguas que estuda, dando-lhes visibilidade, contribuindo para sua valorização e a de seus falantes, e consubstanciando a “Linguística Aplicada”, logo, resultados de descrições e análises linguísticas são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro em contexto interno e estrangeiro, como segunda língua, ou até mesmo como língua de herança (CHULATA; CASSEB-GALVÃO, 2018).

Essa proposta pretendia contribuir para a difusão e a valorização do português brasileiro (PB), em contextos de comunidades minoritárias (indígenas, quilombolas e estrangeiros), e, em contexto estrangeiro, nos continentes europeu e africano. Em princípio, o projeto envolveria duas universidades brasileiras, a UnB e a UFG, e três universidades estrangeiras, a Universidade de Cabo Verde, a Università Del Salento e a Università degli Studi “G. d’Annunzio di Chieti-Pescara”, ambas na Itália.

No desenvolvimento do projeto, devido a questões operacionais, metodológicas e restrições no financiamento, prosperou apenas a parceria entre as IES brasileiras e as italianas. No entanto, o projeto foi aprovado e bem ranqueado na chamada pública da SECADI/Capes e pode ser considerado um exemplo de ação positiva efetiva tanto para a internacionalização quanto de promoção do PB em contexto estrangeiro. Por isso, apresentamos resumidamente o projeto, a formação da parceria, os objetivos, as justificativas para a realização do projeto, ações previstas e alguns temas em estudos e produtos da primeira fase, transcorrida entre 2015 e 2017, e da segunda fase, de 2018 a 2019.

O projeto

O projeto, “Promoção, difusão e valorização do Português Brasileiro em comunidades minoritárias: aspectos sociais, políticos e linguísticos”, foi inicialmente pensado para focar o Português Brasileiro falado em Goiás, no Distrito Federal, em comunidades quilombolas de Cavalcante (GO), em aldeias indígenas da etnia Mundurukú (PA), e o português falado em Cabo Verde e na Itália,

reconhecendo-os como exemplares da efervescência do português brasileiro como língua de interação global. Nessa proposta, são evidenciadas a língua e a cultura brasileiras, especialmente.

A constituição da parceria universitária vem sendo traçada já há um certo tempo. A Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal de Goiás (UFG) têm estabelecido parcerias no âmbito de pesquisas voltadas para a descrição e o ensino de português, o que está consubstanciado especialmente mediante atividades desenvolvidas em grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, a saber: *Grupo de Estudos Funcionalistas: Gramática, Discurso e Ensino* (GEFGDE-UnB), e *Grupo de Estudos Funcionalistas: descrição, análise e ensino* (UFG) e *Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo*. Além disso, os coordenadores do projeto estiveram na presidência do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), principal entidade de pesquisa da região, no período de 2014 a 2019.

As diretrizes da Comunidade Europeia e a situação atual do Brasil no cenário internacional justificam a necessidade de se fazer chegar o português brasileiro a falantes de diferentes partes do mundo. O grande número de estudantes de português brasileiro nas universidades estrangeiras e o aumento da procura por sua aprendizagem, bem como o número relativamente alto de artigos e ensaios enfocando o PB, mostram um interesse claro dos agentes de ensino e pesquisa de universidades estrangeiras pela língua e a cultura brasileiras.

Na África, por exemplo, a situação político-linguística de Cabo Verde também é favorável à promoção do PB como L2, haja vista que o reconhecimento da língua cabo-verdiana, um Crioulo de base lexical portuguesa, como língua oficial ratifica uma realidade social em que a variedade europeia do português está restrita a contextos formais, e o interesse pelo português dá-se pelo viés do seu ensino como língua estrangeira. Além disto, a variedade eleita como matriz linguístico-cultural em português transferiu-se da Europa para o Brasil, especialmente via conhecimento cultural difundido pela mídia televisiva.

Na Itália, particularmente, identificou-se na cidade de Pescara uma comunidade de fala de português brasileiro com mais de 50 pessoas entre brasileiros e filhos de brasileiros, além de italianos que viveram mais de 10 anos no Brasil e continuam a utilizar o português-brasileiro em determinados contextos, configurando-se uma situação de uso de língua de herança.

A formação da parceria

Os laços entre a UnB, UFG, Universidade de Cabo Verde e as universidades italianas (Università Del Salento e a Università degli Studi “G. d’Annunzio di Chieti-Pescara”) vêm se estreitando especialmente por ações envolvendo a formação de alunos cabo-verdianos e italianos no Brasil em nível de graduação e de pós-graduação. Como fruto de um convênio assinado entre a UnB e a Universidade de Cabo Verde, em julho de 2014 foi implementado um projeto de pesquisa, financiado pela CAPES, que visa o trabalho colaborativo/cooperativo com o ensino-aprendizagem e com a educação de professores de português como segunda língua/língua estrangeira em Cabo Verde. Esse projeto está orientando para a formação cidadã e crítica na contemporaneidade dos agentes envolvidos (formadores, professores e alunos de português como segunda língua/língua estrangeira), na perspectiva da Linguística Aplicada. Esse projeto caracteriza-se também como uma ação que visa à estruturação, fortalecimento e internacionalização dos Programas de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação das universidades integrantes da “Associação das Universidades de Língua Portuguesa” (AULP).

A UFG tem recebido estudantes cabo-verdianos para formação em nível de graduação e de pós-graduação, com destaque para Jair Osvaldo Silva Sancha, que fez seu mestrado sob orientação da Profa. Casseb-Galvão, no período de 2008-2010, e que atualmente integra o quadro docente da Universidade de Cabo Verde. São nossos interlocutores em Cabo Verde Silva Sancha e Dora Oriana Gomes Pires, professora e Vice-reitora de Extensão Universitária da Universidade de Cabo Verde, doutora em Ciências Linguísticas com estudos sobre, língua, cultura e identidade do povo cabo-verdiano e sua introdução

nas escolas do país, bem como ensino de língua e cultura portuguesa – variante língua estrangeira (licenciatura).

A parceria italiana

A parceria com a Itália tem como ponto de partida publicação da obra de “Língua portuguesa em foco” (2010), que tem como uma de suas organizadoras, a Prof. Katia Chulata, dedicada exclusivamente a textos enfocando a língua, a cultura e o ensino do português brasileiro na Itália. Em 2012, com o auxílio do CNPq, Vânia C Casseb-Galvão, Marcos Bagno (UnB) e Maria Luiza Braga (UFRJ) estiveram em Lecce na Conferência Internacional “La variazione linguistica tra literacy e discorso mediático”. Casseb-Galvão participou de uma mesa-redonda sobre o “Futuro do português brasileiro” e proferiu uma conferência sobre gramaticalização no português brasileiro, sob o título “Uma releitura dos usos de *achar* no português brasileiro: gramaticalização e parâmetros sociolinguísticos”. Nessa ocasião, houve interação em português brasileiro com estudantes e professores da UNISALENTO, numa demonstração de interesse claro e premente pelo nosso idioma. Na ocasião foi assinada uma carta de intenções de previstas ações de pesquisa e ensino conjuntas, atuação em cursos de graduação, participação em programas de pós-graduação, via ensino e orientação, realização de eventos, publicações conjuntas, etc. Esses fatos demonstram um interesse real pelo português brasileiro, e que há um canal de diálogo aberto entre a Faculdade de Letras da UFG e as universidades mencionadas, um diálogo em torno do “português brasileiro”.

Foi notável a participação de estudiosos dessas instituições italianas no IV SIMELP (IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil, de 02 a 05 de julho de 2013, evento financiado pela FAPEG no edital apoio à realização de eventos científicos. Na ocasião, Katia de Abreu Chulata (UNISALENTO; Chieti-Pescara) e Gian Luigi De Rosa (UNISALENTO) coordenaram dois simpósios, “Variedades diamésicas em contextos artístico-culturais”,

com 18 trabalhos apresentados, e “Tradução: *trans*-formação linguística e cultural”, com 9 trabalhos apresentados e submetidos à discussão. O prof. De Rosa também participou da mesa-redonda “Língua portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas”, ministrando uma realista conferência sobre *A presença do português brasileiro no contexto acadêmico e editorial italiano*. Entre suas conclusões está a urgência de uma política ostensiva de leitorado em português brasileiro naquele território e em todos os cantos do globo. De igual maneira, nessa mesma mesa-redonda, ao falar sobre a expansão do português brasileiro nos Estados Unidos da América, o Prof. Dr. Marcelo Luna (UNIVALI) mencionou o risco da falta de uma política ostensiva de leitorado, ensino, pesquisa e expansão do português brasileiro no exterior, o que pode deixar nas mãos de donos de “cursinhos de idiomas”, essa tarefa tão relevante do ponto de vista político, econômico e social.

As discussões em torno da necessidade de expansão internacional do PB ganharam fôlego no IV SIMELP, de tal forma, que foi lançada a proposta e o V SIMELP foi realizado na Itália, pela primeira vez uma edição em um país não lusófono. O evento ocorreu na cidade de Lecce, sede da UNISALENTO, sob a presidência de Gian Luigi De Rosa e de Katia de Abreu Chulata, em 2015. O evento levou para o solo italiano quase 2.000 falantes estudiosos do português e teve como principal consequência aumentar ainda mais o interesse pelo português no cenário acadêmico italiano.

Em fevereiro de 2014, estivemos visitando a UNISALENTO e a Università di Chieti-Pescara para participar, respectivamente, do evento “Esperando o V SIMELP”, e em uma mesa-redonda intitulada “La língua portoghese nel mondo: testimonize di ricerca, internalizzazione e diversità”. Durante a realização da mesa-redonda em Chieti-Pescara foram assinadas cartas de intenção de parceria internacional com vias a ações acadêmicas diversas em torno das questões da língua portuguesa entre os participantes da mesa-redonda, a maioria componente da Rede de Estudos da Língua Portuguesa: Profa. Katia de Abreu Chulata (representante da IES italiana) e todos os ex-presidentes do SIMELP, na ordem, Profa. Maria Célia Lima-Hernandes, representante da Universidade de São Paulo, Prof. Roberval Teixeira,

da Universidade de Macau, Profa. Maria João Marçalo, da Universidade de Évora, e Profa. Vânia Cristina Casseb Galvão, da Universidade Federal de Goiás. Nessas cartas estavam previstas ações de pesquisa conjunta, atuação em cursos de graduação, participação em programa de pós-graduação, via ensino e orientação, realização de eventos, publicações conjuntas etc. Em relação à UFG, o convênio com a UNISALENTO já foi assinado e com Chieti-Pescara já está em fase final, de assinatura do termo de cooperação. Em ambos os processos, Casseb-Galvão é a resonsável pelo lado brasileiro.

Mais especificamente, Casseb-Galvão esteve em abril de 2016 na condição de professora visitante e desenvolvendo ações previstas no Subprojeto: O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos. A clientela atingida durante a visita constitui-se de mais de 100 alunos de português como língua estrangeira, com especial interesse na variedade brasileira.

Esses fatos demonstram um interesse real pelo português brasileiro, uma necessidade proeminente de ações voltadas para a promoção e a divulgação do português brasileiro, sua gramática, sua sociolinguística e sua textualidade, e que há um canal de diálogo e parceria produtivos entre a Faculdade de Letras da UFG e, desde 2018, também com a Universidade Estadual de Goiás, UEG, via Programa de Pós-graduação em Linguística, Literatura e Interculturalidade, com as universidades italianas parceiras nesse projeto. Em relação à UFG, já foram firmados os convênios com a Unisalento (2006/20020) e com a Unich (2018/2022). A UEG também firmou convênio com a Unisalento e esta obra é um de seus produtos.

Objetivos iniciais

Considerando-se o panorama apresentado anteriormente, este projeto tinha, portanto, o seguinte objetivo geral: promover um conjunto articulado de projetos de pesquisa e de pesquisa-ação, no sentido de conhecer mais uma faceta do PB, divulgar a cultura brasileira, difundir o PB e acelerar o aumento pela procura do PB como língua estrangeira em contexto universitário na Itália e em Cabo Verde, e no contexto brasileiro por quilombolos e índios. O estágio

atual da variedade goiana e brasiliense do português brasileiro seria o parâmetro da língua fonte, um recorte que objetiva mostrar a pluralidade da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, as características intrínsecas do PB, que demonstram tal pluralidade. Esse objetivo maior se desdobrava nos seguintes objetivos específicos:

a) Verificar que fatores extralinguísticos (políticos, econômico, sociais) levam ao interesse pelo português brasileiro por esses grupos tão específicos de falantes e, ao mesmo tempo, levar às comunidades envolvidas conhecimento acerca da cultura e da língua brasileira.

b) Contribuir para a divulgação de uma imagem menos estereotipada do Brasil, mostrando a diversidade linguística e cultural goiana/brasiliense, parte representativa da diversidade brasileira através de produtos culturais como áudio e vídeos de rotinas interativas, reportagens locais, vídeos educativos, etc., e, ao mesmo tempo, mostrando como essa realidade se exprime linguisticamente, ou seja, como ela revela uma gramática típica do PB. Essa prática pretendia ajudar a quebrar estereótipos e mitos em torno da identidade brasileira, tal como o do “país do futebol e do samba”, por exemplo. E, mais explicitamente, fazer isso também por meio de “Escolas de Altos Estudos Sobre o Português Brasileiro”, a partir de seminários e cursos de curta duração, divulgando a gramática do português brasileiro, especialmente na variedade goiana e brasiliense, e enfatizando fenômenos que caracterizam sua singularidade, como, por exemplo, os usos de construções de intersubjetividade como *diz-que*, *como diz o outro*, *que eu saiba* (CASSEB-GALVÃO, 1999, 2001, 2011); a gramaticalização do *até* (SILVA, 2005), a construção da reflexividade (BARROS, 2010, 2016) etc.

c) Fazer o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem desses “novos” falantes de português, a partir da verificação da configuração sistêmica da gramática emergente em contexto de aquisição, ou seja, da gramática que está sendo adquirida por esse grupo, com base na comparação de dados de fala coletados em contexto universitário pelos aprendentes do PB na Itália e em Cabo Verde e dados dos dialetos do PB em foco, descritos em pesquisas envolvendo

processos de gramaticalização e de mudança em geral pelo Grupo de Estudos Funcionalistas, sediado na Faculdade de Letras (FL) da UFG.

d) Promover a comparação entre dados de fala espontânea coletados de falantes nativos brasileiros (goianos e brasilienses) e dados de fala de aprendentes de português como língua estrangeira, a fim de verificar o grau de proficiência desses novos falantes de PB e, se for o caso, promover novas intervenções para melhorar a proficiência.

e) Considerar os resultados dessa comparação na elaboração de material didático auxiliar na aprendizagem do português brasileiro e disponibilizar no site a ser elaborado para divulgar as ações do projeto de cooperação e para promover a interação da equipe de pesquisa.

f) Promover a interação e a qualificação das equipes brasileira e estrangeira envolvidas, a partir da participação em atividades acadêmicas diversas, considerando-se os contextos de interação dos tipos imediato, situacional e cultural.

g) Dar um passo efetivo para uma política de valorização da língua portuguesa falada no Brasil em contexto interno e estrangeiro.

h) Oportunizar a docentes e estudantes brasileiros e estrangeiros o intercâmbio de conhecimentos produzidos em centros de investigações no Brasil e no exterior, com vista à atualização profissional e à divulgação desse conhecimento.

i) Estimular o conhecimento da cultura cabo-verdiana e italiana no grupo de estudo sediado no Brasil, a fim de promover melhor interação com o grupo estrangeiro.

j) Promover a aprendizagem de Português Escolar nas Terras Indígenas Mundurukú (PA) como segunda língua;

k) Estudar o Português Brasileiro falado pelos índios Mundurukú (PA).

l) Investigar a variedade do português de Comunidades Quilombolas da região de Cavalcante, considerando os fatores extralinguísticos: origem geográfica, idade, grau de escolaridade e redes sociais.

m) Investigar o contraste entre a variedade linguística quilombola e a norma linguística escolar na motivação de comportamentos e atitudes linguísticas de quilombolas.

n) Investigar a relação entre o vernáculo quilombola e a norma da escola no que diz respeito à formação docente.

o) Estimular a difusão do Português Brasileiro como L2 em terras indígenas, notadamente no caso da etnia Mundurukú e em terras quilombolas, no caso dos kalungas de Cavalcante (GO), a fim de oferecer a essas comunidades a oportunidade do conhecimento de uma língua de uso imediato, se se considerar suas relações sociais cotidianas.

Objetivos de fato perseguidos e alcançados

Devido às questões anteriormente mencionadas, tivemos de fazer adaptações no projeto, que foi totalmente direcionado para o contexto italiano. Os objetivos geral e específicos foram redirecionados nos seguintes termos:

Considerando-se o panorama apresentado anteriormente, o projeto tem, portanto, o seguinte objetivo geral:

Objetivo Geral:

Promover um conjunto articulado de projetos de pesquisa e de pesquisa-ação, no sentido de conhecer, descrever e analisar o PB, como meio para se divulgar a cultura brasileira, difundir o PB e acelerar o aumento pela procura do PB como língua estrangeira em contexto universitário na Itália. O estágio atual da variedade goiana do português brasileiro servirá de parâmetro, num recorte que objetiva mostrar a pluralidade da cultura brasileira e ao mesmo tempo as características intrínsecas do PB, que demonstram tal pluralidade. Esse objetivo maior se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- a) Mostrar como a cultura brasileira se exprime linguisticamente, ou seja, como ela revela uma gramática, uma sociolinguística e uma textualidade típicas do PB a partir dos resultados de pesquisas desenvolvidas na primeira fase

deste projeto, e outras dela decorrentes. Essa prática pretende ajudar a quebrar estereótipos e mitos em torno da identidade brasileira, tal como o do “país do futebol e do samba”, por exemplo.

- b) Essas pesquisas servirão também para o compartilhar e a promoção de conhecimento de teorias atuais e relevantes nos estudos funcionalistas, sociolinguistas e da linguística do texto, com especial ênfase à teoria da gramática das construções, dos estudos interculturais e das teorias do gênero.
- c) Contribuir para a divulgação de uma imagem menos estereotipada do Brasil, mostrando sua diversidade linguística e cultural, por exemplo, aquela voltada para a cultura goiana, parte representativa da diversidade brasileira, através de textos literários, áudio e vídeos de rotinas interativas, reportagens locais, vídeos educativos etc, e, de reflexões sobre a língua resultantes de estudos sistematizados e cientificamente embasados.
- d) Mais explicitamente, fazer isso também através de “Escolas de Altos Estudos em Linguística”, enfocando o Português Brasileiro em diversos contextos de uso (língua materna, língua estrangeira, língua de herança, língua adicional), e a partir de seminários e cursos de curta duração na Itália, divulgando a gramática do português brasileiro, especialmente na variedade goiana, e enfatizando fenômenos que caracterizam sua singularidade, como, por exemplo, a construção da reflexividade (BARROS, 2016).
- e) Promover recortes de acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem desses novos falantes de português, a partir da verificação da configuração sistêmica da gramática emergente em contexto de aquisição, ou seja, da gramática que está sendo adquirida por esse grupo, com base na comparação de dados de fala coletados em contexto universitário pelos aprendentes do PB na Itália e dados da fala e da língua usada em Goiás. Esses resultados provêm de pesquisas sobre a gramática do PB e os processos de mudança em

geral, desenvolvidas pelo Grupo de Estudos da Linguagem: análise, descrição e ensino (GEF); os estudos dos processos constitutivos do texto e do discurso, pelo Grupo Criarcontexto (Grupo de Estudos do Texto e do Discurso), e os estudos sociolinguísticos em perspectiva intercultural, desenvolvidos no âmbito do Obiah – Grupo Transdisciplinar de Estudos Interculturalistas. São esses grupos de pesquisa, com sede na Faculdade de Letras da UFG, que estão representados nesta proposta.

- f) Promover a interação e a qualificação das equipes brasileira e estrangeira envolvidas, a partir da participação em atividades acadêmicas diversas, considerando-se os contextos de interação dos tipos imediato, situacional e cultural no Brasil e no Exterior.
- g) Dar um passo efetivo para uma política de valorização da língua portuguesa falada no Brasil como língua adicional e língua de herança.
- h) Oportunizar a docentes e estudantes brasileiros e estrangeiros o intercâmbio de conhecimentos produzidos em centros de investigações no Brasil e no exterior, com vista à atualização profissional e à divulgação desse conhecimento.
- i) Estimular o interesse e o conhecimento da cultura e da língua italiana no âmbito das IES brasileiras.

Ações e etapas do projeto

No desenvolvimento do projeto, algumas ações envolveram o aperfeiçoamento da equipe brasileira em teorias linguísticas atuais, na área da gramática funcional, da sociolinguística e dos estudos do texto; a seleção de fenômenos característicos da gramática do português brasileiro e dos contextos de cultura e situacionais relativos às variedades do PB, de sua sociolinguística intercultural e relativos às competências textuais gerais.

Houve também grande empenho na divulgação dos resultados desses fenômenos entre os aprendentes de português nas IES italia-

nas (Chulata, Casseb-Galvão, 2018), Silva, Casseb-Galvão, Bertoque (no prelo), Casseb-Galvão, Neves (2017). Estão no centro da atenção dos membros do projeto a análise e a divulgação dos resultados verificados tanto no que diz respeito às características da gramática que emerge dos novos falantes de português brasileiro, quanto da sua percepção sobre a cultura e a identidade brasileiras, enfocando os fenômenos relativos à gramática do PB divulgados em território estrangeiro durante os cursos ministrados. Foram empreendidos grandes esforços também com vias à documentação de dados da escrita dos aprendentes estrangeiros e de relatos de experiências de professores e estudantes a respeito de suas rotinas interacionais. Houve também ações de docência, apresentação de conferências e seminários em visitas às IES italianas de professores brasileiros e de professores brasileiros às IES italianas.

A título de exemplificação, arrolamos algumas dessas ações:

- a) Reuniões em parceria com a Associazione di Studi di Lingua Portoghese (ASLP), com vias à realização do “I Encontro Internacional da Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo: resultados, desafios e possibilidades” e do “I Encontro da ASLP: Esperando o V Encontro da Imigração Brasileira na Europa/2018”.
- b) Realização do “I Encontro Internacional da Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo: resultados, desafios e possibilidades” e do “I Encontro da ASLP: Esperando o V Encontro da Imigração Brasileira na Europa/2018”, nos dias 19 a 20 de outubro, na Università degli Studi “G. d’Annunzio”, em Chieti-Pescara, Itália. Nesses eventos, contamos com professores das universidades parceiras brasileiras e italiana.
- c) Participação no Seminário “Sociolinguística brasiliana: internazionalizzazione e ricerca”, apresentando a conferência “Sociolinguística do português brasileiro: internacionalização e pesquisa”.
- d) Participação efetiva nos “II e III Congresso o Ensino do Português na Universidade Italiana”, em junho de 2017 e em

junho de 2018, respectivamente, no Centro Cultural Brasil-Itália, Embaixada brasileira em Roma. No primeiro encontro, o projeto foi representado na conferência plenária: “Gramáticas contemporâneas do Português brasileiro em transposição didática” (Casseb-Galvão), e no segundo houve uma mesa-redonda específica sobre o projeto REDE/Itália.

Metas e resultados já alcançados

Algumas metas e resultados já alcançados no projeto envolvem o fortalecimento da área de estudos da LP nas IES envolvidas; o aumento pela procura pelos cursos voltados para a LP nas IES italianas e por italiano nas IES brasileiras, novas possibilidades de formação para o estudante brasileiro da área de Letras, a partir de estágios de graduação ou de pós-graduação nas IES italianas parceiras. Também se elencam como metas alcançadas no delineamento efetivo de uma política de internacionalização das IES brasileiras envolvidas:

- A realização de uma ação afirmativa de trabalho com minorias, especialmente, em contexto de língua de herança, pois o projeto alcançou muitos filhos de brasileiros com as ações voltadas para o ensino do PB como língua estrangeira e como língua de herança.
- Convivência efetiva com outro sistema de ensino-aprendizagem, e que efetivamente coopera para o aperfeiçoamento das equipes envolvidas.
- Interferência direta, ação afirmativa no processo de promoção e valorização do PB como língua de interação, serviço e formação internacional.
- Aumento da rede parceira com IES italianas.
- Apresentação da realidade sociocultural brasileira revelada linguisticamente.
- Estudo da gramática do PB em seus usos típicos.
- Oportunidade a docentes e estudantes brasileiros e italianos de intercâmbio de conhecimentos produzidos em centros de investigações no Brasil e na Itália, com

vista à atualização profissional e à divulgação desse conhecimento.

- Reflexão e verificação de fatores extralinguísticos (políticos, ideológicos, econômico, sociais) correlacionados ao interesse pelo ensino e aprendizagem do português brasileiro em contexto italiano.
- Divulgação de uma imagem menos estereotipada da língua-cultura brasileira, a partir do conhecimento de sua diversidade linguística e cultural e da promoção de atividades interativas por meios de gêneros discursivo-textuais diversos, mídias e linguagem diversas.
- Teorização e proposição de métodos de ensino-aprendizagem e pesquisa do PB em diferentes contextos sociais e ideológicos: língua estrangeira, língua adicional, língua de acolhimento, língua de herança, língua de contato etc.

Referências

BARROS, D. M. *Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana*. Dissertação de mestrado. 2011, 214. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva Construcional*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1999.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 2001. 242 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara (SP), 2001.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; NEVES, M. H. M. *O Todo da língua*. São Paulo: Parábola: 2017.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; CHULATA, K. *Português brasileiro transnacional*. Campinas: Pontes, 2018.

COM – COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO AO PARLAMENTO EUROPEU. 2012. Disponível em: <www.comunidadeeuropeia.com>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SOBRE OS AUTORES

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS – Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2016). Realizou estágio pós-doutoral na UFG (julho/2017-agosto/2018), onde foi professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Atualmente é professora titular de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, onde é diretora de Campus (2018-2021) e atua no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. É coordenadora adjunta, no diretório do CNPq, do Grupo de estudos funcionalistas: análise, descrição e ensino e pesquisadora do grupo Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo e subprojeto: O português brasileiro em contexto italiano. É membro do Grupo Descrição do Português/ANPOLL. Foi vice-presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) (2018). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de linguística e de gramática sob a perspectiva funcional-cognitivo da língua. Realiza pesquisas em linguística com ênfase em descrição de línguas naturais com enfoque para aspectos sintáticos do português brasileiro.

ELIANE MARQUEZ DA FONSECA FERNANDES – Pós-Doutorado em Educação pela UnB (2011) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007) e atualmente trabalha como professora do nível Associado 2 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Atua no PPG em Letras e Linguística

da FL da Universidade Federal de Goiás. Desenvolve pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Texto, Análise do Discurso e Ensino. Estuda os seguintes temas: leitura e escrita, gêneros do discurso, análise do discurso e ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. É líder da Rede Goiana de Pesquisa: texto, discurso e ensino, inscrita na FAPEG-GO e também do Grupo de Pesquisa CNPq CRIARCONTEXTO: estudos do texto e do discurso, que se insere na Rede de Pesquisa em Língua Portuguesa ao Redor do Mundo (CNPq).

FRANCESCO MORLEO – Doutor em Lingue, Letterature e Culture Moderne e Classiche, com especialização em Língua e Linguística Portuguesa, na Università del Salento (Lecce – Itália) em cotutela com a Universidade de Lisboa (FLUL). Ensina Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Unisalento (Lecce) e na Unich (Pescara). Participou de vários congressos nacionais e internacionais. As suas áreas de investigação são a sintaxe funcionalista, os aspetos pragmáticos do Português europeu e do Português brasileiro, e o uso dos corpora para o ensino e a aprendizagem do PLE, sobre as quais tem várias publicações. Colaborou na organização de vários eventos, como do V Simelp Itália.

GIAN LUIGI DE ROSA – Doutor em Cultura e Instituições dos Países de Línguas Ibéricas na idade moderna e contemporânea – Universidade de Nápoles “L’Orientale”, Gian Luigi De Rosa é Professor Associado de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Universidade del Salento. Presidente da V edição do SIMELP – SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (<http://www.simelp.it/>), desde 2015 é diretor da Cátedra I. Camões -Unisalento “Manoel de Oliveira” e desde 2014 é co-diretor e responsável científico da Unisalento Summer School of Audiovisual Translation. Sua atividade de pesquisa mais recente é orientada para duas vertentes específicas: Policentrismo Linguístico, através da análise de corpora literários e fílmicos; A utilização da tradução audiovisual no ensino da língua portuguesa L2. Desde 2014 é membro do Grupo de Pesquisa Internacional “Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao Redor do Mundo – RELPMUND (CNPq); desde 2017 é membro, como Pesquisador Convidado, do Projeto de Pesquisa Internacional

“Produção da Enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica”, coordenado por Bethania Mariani (Instituto de Letras – UFF/CNPq); desde 2017 é membro e Principal Investigator do Grupo de Pesquisa Internacional “I-FALA Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research,” (UNISALENTO, UNIROMA3, UNIPISA, UNICHIETI, ULISBOA (Portugal), UFG (Brasil), UEG (Brasil), UnB (Brasil); desde 2018 é membro, como Pesquisador Convidado, do Projeto de Pesquisa Internacional “History, Circulation and Analysis of Literary, Artistic and Social Discourses”, coordenado por José L. Jobim e Silvio Renato Jorge (UFF/CAPES).

KATIA DE ABREU CHULATA – Doutora em Estudos Linguísticos, histórico-literários e culturais pela Università degli Studi del Salento (Itália). Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo. Foi professora de Língua e Literatura Italiana na UNESP (Araraquara) e professora de italiano no Instituto Italiano de Cultura de São Paulo. Atuou como Leitora de Língua Portuguesa, de 1996 a 2002, na Università degli Studi di Bari (Itália). Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira e Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi del Salento, de 2006 a 2013. É Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi “G. d’Annunzio”, Chieti-Pescara. Coordenadora, do lado italiano, do Projeto MEC-SECADI-Capes – Promoção, Difusão e Valorização do Português Brasileiro em Comunidades Minoritárias: Aspectos Sociais, Políticos e Linguísticos. Participou do GELCO do II Encontro Internacional e VII Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-oeste (GELCO), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia, realizado entre os dias 30 de agosto a 1 de setembro de 2017, com excelentes contribuições.

KLEBER APARECIDO SILVA – Pós-Doutorado em Linguística Aplicada pela UNICAMP. É pós-doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Licenciado em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP). Doutor em Estudos Linguísticos (Linguística Aplicada – Língua Estrangeira) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto). É professor e orientador do curso de pós-graduação (Mestrado/Doutorado/Pós-Doutorado) em Linguística (PPGL) da UnB e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem publicado artigos em diversos periódicos e em livros de estudiosos da Linguística Aplicada tanto no Brasil quanto no exterior. Os seus focos de interesse em pesquisa são: crenças ou representações sobre o ensino e aprendizagem de línguas nas diferentes idades; ensino-aprendizagem de línguas e análise/produção de material didático, a formação de professores de línguas para o meio presencial e/ou virtual, a geopolítica do português do Brasil e políticas de ensino-aprendizagem e de formação de professores de línguas estrangeiras/adicionais. Foi secretário da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), no biênio 2004-2006. Foi vice-presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), no biênio 2014-2016. É o presidente do GELCO no biênio 2018-2019. É o líder do Grupo de Pesquisa “Estudos Críticos e Avançados em Linguagem”, certificado e aprovado pelo CNPq. É membro da Câmara de Assessoramento Técnico Científico da FAPDF e da CAPES.

MONICA LUPETTI – Doutora em Lusitanística pela Università Di Bari. É investigadora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira no Departamento de Filologia, Literatura e Linguística da Università Di Pisa, onde também é membro do Senado Acadêmico. É também investigadora do CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), onde desenvolve um projeto sobre “Gramaticografia e lexicografia italiana – Inglês: Estimação Filológica e disponibilização de Edições Digitais” e do Conselho de Ensino do Doutorado em Linguística da Universidade de Lisboa. Suas principais áreas de pesquisa são o ensino do português para estrangeiros – com foco em interferências linguísticas -, a lexicografia e gramatografia ibérica dos séculos XVII e XVIII, a paremiologia e o estudo dos contatos entre a Itália e Portugal ao longo dos séculos. É autora de um manual de Didática do Português Europeu. Notas histórico-metodológicas e

bibliográficas (2005), de estudos matriciais lexicográficos “Da Cardoso a Bluteau: léxico português do século XVII” (2007), “A lexicografia bilíngue italiano-português: testemunhos impressos desde as origens até o século XIX” (2011), “Uma Lexicografia Incomunicativa”, com a Tradução do Primeiro Dicionário Português-Italiano de JP Silvestre (2013). “Cultura, gramática e lexicografia no Portugal do século XVIII: glottodidactica e plurilinguismo em Luís Caetano de Lima (2009) e glottodidattica “O método de Antonio Michele: tradição e inovação metodológica na didática do italiano” (2013), entre outras obras.

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO – Professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Lisboa/PT/2010) e pela UFPa (2015-2017), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Professora permanente do programa de pós-graduação em Letras e Linguística da UFG. Professora permanente convidada do programa de pós-graduação em Linguística, Letras e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: especificidades do português brasileiro, mudança linguística, gramática funcional, funcionalismo e ensino, relação descrição e política linguística. Presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), biênio (2014-2017), coordenadora do convênio de cooperação internacional UFG/Unisalento (It) (2015-2020) e do projeto convênio UFG/UNICHIET (It) (2018/2022). Tem inúmeros livros, capítulos de livros e artigos publicados, em organização, obras autorais e artigos individuais e coautorias. No âmbito do REDE/Itália, os mais recentes são “O todo da língua” (Parábola, 2017), “Português brasileiro transnacional” (Pontes, 2018), “Artigo de opinião” (Parábola, 2018).

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x23cm
Tipologia: Minion Pro
Número de Páginas: 184
Suporte do livro: E-book

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área, Km 99 – 75.132-903 – Anápolis-GO
www.ueg.br / Fone: (62) 3328-1181

2019
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

"A influência da Itália foi determinante também do ponto de vista artístico. Muitos artistas, escritores, pintores e escultores marcaram presença nas mudanças estéticas, dirigiram importantes jornais e revistas, museus etc; o convívio deles com os jovens brasileiros poetas, pintores e cineastas na metade do século passado caracterizou um certo modo de fazer arte."

AUTORES

Déborah Magalhães de Barros
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes
Francesco Morleo
Gian Luigi De Rosa

Katia de Abreu Chulata
Kleber Aparecido Silva
Monica Lupetti
Vânia Cristina Casseb-Galvão